

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**VIVIANE CAMEJO PEREIRA**

**O RURAL E O CARVÃO:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CANDIOTA – RS**

**Porto Alegre**

**2013**

**VIVIANE CAMEJO PEREIRA**

**O RURAL E O CARVÃO:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CANDIOTA – RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida

**Série PGDR – Dissertação nº158  
Porto Alegre  
2013**

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Responsável: Biblioteca Gládis Wiebbelling do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

### CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Viviane Camejo  
O Rural e o carvão: representações sociais em  
Candiota-RS / Viviane Camejo Pereira. -- 2013.  
165 f.

Orientador: Jalcione Pereira de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,  
Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Carvão mineral. 2. Representações sociais. 3.  
Candiota (RS). 4. Desenvolvimento rural. I. Almeida,  
Jalcione Pereira de , orient. II. Título.

**VIVIANE CAMEJO PEREIRA**

**O RURAL E O CARVÃO:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CANDIOTA – RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 15 de março de 2013.

---

Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida – Orientador  
PGDR/UFRGS

---

Profª. Dra. Marta Júlia Marques Lopes  
PGDR/UFRGS

---

Prof. Dr. Paulo Brack  
IB/UFRGS

---

Prof. Dr. Geraldo Milioli  
PPGCA/UNESC

*A minha mãe;*

*A todos os trabalhadores e trabalhadoras das minas de carvão em todo o mundo;*

*A todos os camponeses e camponesas, trabalhadores e trabalhadoras rurais que acreditam na soberania alimentar, na justiça social e no poder popular.*

## AGRADECIMENTOS

Ao sol, à lua, à terra, ao fogo e à água que tanto prezo e a Deus pela existência e plenitude daquelas e daqueles que eu amo.

À minha mãe, Fátima Zuleida das Trevas Camejo, sempre presente, exemplo de vida, força, coragem e dedicação, meu orgulho, agradeço por ter possibilitado tudo que fui, sou e serei, por ter me ensinado a lutar.

A minha irmã Jéssica Camejo Pereira pela presença em minha vida.

À Lauro Allan Almeida Duvoisin pelo companheirismo na luta e na vida, pelo amor e amizade a mim dedicados a cada dia, pela força que me anima, por toda ajuda.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), pela oportunidade do mestrado e meu desenvolvimento enquanto pesquisadora.

Ao meu orientador Jalcione Almeida, por ter aceitado mais uma bióloga como orientada, por sua dedicação como profissional e ser humano, pela orientação norteadora e presente.

A todos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros que por intermédio da CAPES me garantiram o apoio financeiro por meio da bolsa que sem ela não seria possível a viabilização do mestrado.

Aos colegas pesquisadores do grupo de pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS), pela qualidade das discussões.

Meu agradecimento às pessoas amigas que sempre estão presentes em minha vida, me fazendo acreditar ainda mais nos sonhos e utopias: Ariana de Oliveira, Gabriela dos Santos Sant'Anna, Edson Almir Cadore, Márcio Antônio Juppes, Cristiano Felix, Letícia Carvalho Santos, Eduardo Luís Ruppenthal, Pablo Barros Ferreira, Renata Muriel Oliveira, a afilhada Raíssa Rasquinha.

Aos colegas e amigos do PGDR, em especial a turma de mestrado e doutorado 2011: a melhor turma que o PGDR já teve! Em especial Dan Gabriel, Alessandra e Potira pela torcida pelo doutorado.

Aos professores do PGDR e funcionários, em especial Eliane, Karla Raymundo, Marilene e Danielle.

Ao Grupo de Apoio à Reforma Agrária, em especial Moisés da Luz, Marília Cerciná, Letícia Bastos, Lisiane Brolese, Gustavo Ayres, Jorge Quilfeldt e Paulo Brack.

Ao amigo desde o tempo de faculdade: Bruno Bellagamba. A distância não impede de chegar a ti o meu carinho.

Aos colegas e amigos da Rede Orientada ao Desenvolvimento da Agroecologia (RODA).

Aos companheiros de luta, socialismo e liberdade: Tzusy Stivalet, Shin Nakamura, Eduardo Pergher, Daniela Conte, Christiane Garcia, Luís Recre, João Finamor, Joel e Zé.

Ao Gustavo Zvirtes pelo apoio com os mapas.

À Laura Wottrich pela tradução do resumo para o inglês.

À Laurence Marafante Brancão pela tradução do resumo para o francês.

À Lauro Allan pela revisão de língua portuguesa.

À Vinícius, bibliotecário da FCE pelas orientações de ABNT.

Agradeço a existência e o auxílio de infraestrutura durante a realização da pesquisa de campo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em especial, ao Centro de Educação Popular (CEPPA), à Marino Bortoli, à Mana, Nenê, Ceará, ao pessoal do PAC, Learci, Gudi, Rosane, Mauro, Vanessa, à COPTec e a toda Bionatur; são meus amigos e foram minha família durante o campo, o carinho de vocês, o exemplo e o convívio me deram mais força para continuar.

À Hulda e Mateus da Emater Candiota, com vocês também me senti em casa.

À Paulo Joel (CGTEE/Eletróbrás) e Marcel (CRM) por terem me recebido em seus ambientes de trabalho.

Ao povo de Candiota, gente hospitaleira, solidária e bonita, muito obrigada!

*...o que me interessa não é uma síntese, mas um pensamento transdisciplinar; um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão nesse fenômeno. Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real. Edgar Morin, 1984.*

## RESUMO

No Brasil, as concentrações significativas de carvão mineral estão nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, porém, as principais reservas estão localizadas no Rio Grande do Sul e detém mais de 90% das reservas nacionais, significando apenas 0,2 % na participação da produção mundial de carvão mineral. A energia termelétrica é considerada pelo Governo Federal brasileiro uma fonte estratégica de reserva energética e a maior jazida de carvão a céu aberto encontra-se no local de pesquisa, município de Candiota, RS. Além da atividade carbonífera o município tem sua economia baseada na agropecuária. Os agricultores e pecuaristas da região migram para cidade em busca de trabalho e encontram alternativa na exploração do carvão estabelecendo um leque de relações entre o desenvolvimento rural e a atividade carbonífera. A fim de se obter uma maior compreensão sobre essas relações entre o rural e o carvão, essa pesquisa propõe identificar as representações sociais da exploração do carvão e a forma essas representações da atividade carbonífera interagem com as ideias de agropecuária, como meio ambiente e desenvolvimento local. Para identificação e análise dos conteúdos das entrevistas escolheu-se o arcabouço teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. Utilizaram-se as dimensões das representações sociais: informação, atitude e campo representacional de Moscovici e de forma complementar a abordagem estrutural das representações centrais e periféricas de Jean-Claude Abric. A pesquisa foi realizada de janeiro a março de 2012 e compreendeu entrevistas, observação participante, diário de campo e pesquisa documental. As entrevistas foram divididas em três eixos, sendo estes, os temas que permeiam as representações sociais: a) agropecuária; b) desenvolvimento e c) meio ambiente. Foram entrevistados 46 atores sociais divididos em sete grupos: (1) ONGs e ambientalistas; (2) agricultores (referente aos assentados); (3) pecuaristas (referente aos não assentados); (4) ex-agricultores e ex-pecuaristas; (5) trabalhadores em empresas carboníferas; (6) prefeitura; e (7) técnicos da assistência técnica e extensão rural. No grupo dos ambientalistas foram tratados os ambientalistas de ONGs ou OSCIPs de Candiota e de Porto Alegre. As análises foram feitas a partir de nós de codificação no programa NVIVO. As representações sociais sobre a atividade carbonífera concentram-se no entorno da representação central do crescimento econômico e as representações periféricas que se destacam, são as que atribuem à atividade carbonífera os significados de “emprego”, a “qualidade de vida”, a “razão de existência do município”, a “energia”, a “atração de investimentos” e o “atraso do campo”. A migração para a cidade é consequência da impossibilidade de obtenção de renda no campo devido às dificuldades econômicas e climáticas e não algo sonhado e almejado pelos agricultores e pecuaristas. O principal fator de influência da forma como as representações são processadas, é o econômico. Entre os grupos entrevistados, a informação é dispersa por meio da comunicação midiática (meios de comunicação em massa) e por meio das conversas no cotidiano. Os meios mais acessados são a televisão com programação local, jornal local, internet, rádio e revistas, respectivamente. Quanto à dimensão da atitude, a orientação geral dos indivíduos em relação à atividade carbonífera 53% são favoráveis à exploração do carvão, 28% são contrários e 19% não se consideram favoráveis e nem contrários. Todos os pecuaristas entrevistados foram favoráveis e quanto aos agricultores, 5 são contrários, 5 são favoráveis e 2 não se consideram favoráveis e nem contrários.

**Palavras-chave:** Carvão mineral. Representações sociais. Candiota (RS). Desenvolvimento rural.

## RÉSUMÉ

Au Brésil, les concentrations importantes de charbon se trouvent dans les états de Rio Grande do Sul, Santa Catarina et Paraná, mais les principales réserves sont situées dans l'état de Rio Grande do Sul, qui détient plus de 90% des réserves nationales, ce qui signifie 0,2% de la production mondiale de charbon. L'énergie thermoélectrique est considérée comme une source stratégiques de réserves énergétiques et les plus grands dépôts de charbon à ciel ouvert se trouvent sur site de recherche du comté de Candiota, RS. Outre l'activité du charbon, la municipalité a son économie basée sur l'agriculture. Les agriculteurs et les éleveurs de la région migrent vers les villes en quête de travail qu'ils trouvent dans les exploitations de mines de charbon, établissant, ainsi toute une gamme de relations entre le développement rural et l'activité du charbon. Afin d'obtenir une meilleure compréhension de ces relations entre les milieux ruraux et l'activité du charbon, l'objectif de cette recherche est d'identifier les représentations sociales de l'exploitation du charbon et la façon dont ces représentations interagissent avec les idées de l'agriculture, de l'environnement et le développement local. Pour identifier et analyser le contenu des entretiens, il a été choisi le cadre théorique et méthodologique de la Théorie des Représentations Sociales de Serge Moscovici. Les dimensions des représentations sociales qui ont été utilisées sont: l'information, le positionnement et le champ de représentation de Moscovici et de manière complémentaire, une approche structurelle des représentations centrales et périphérique de Jean-Claude Abric. L'étude a été menée de Janvier à Mars 2012, comprenant des entretiens, une observation participative, un journal de terrain et une recherche documentaire. Les entretiens ont été divisés en trois axes, qui sont les thèmes qui imprègnent les représentations sociales: a) l'agriculture, b) le développement et c) l'environnement. 46 acteurs sociaux ont été interrogés et répartis en sept groupes: (1) les ONG et les écologistes, (2) les agriculteurs (en location), (3) les agriculteurs (propriétaires habitants), (4) les ex-agriculteurs et les ex-producteurs; (5) Les employés des sociétés charbonnières, (6) la mairie; et (7) Les spécialistes en assistances techniques et extensions rurales. Le groupe d'écologistes a été divisé entre ceux appartenant à des ONG ou à des OSCIP de Candiota et Porto Alegre. Les analyses ont été effectuées à partir de nœuds de codification dans le programme de NVivo. Les représentations sociales de l'activité charbonnière sont concentrées autour de la représentation centrale de la croissance économique et les représentations périphériques qui se démarquent sont celles qui attachent à l'activité charbonnière des significations d'emploi, une qualité de vie, une raison de l'existence de la municipalité, de l'énergie, un attractif d'investissement et un retard dans le travail aux champs. La migration vers la ville est le résultat de l'impossibilité d'obtenir des revenus dans les zones rurales en raison de difficultés économiques et climatiques et non pas quelque chose de rêvé et souhaité par les agriculteurs et les éleveurs. Le principal facteur influençant la façon dont les représentations sont traitées est d'ordre économique. Parmi les groupes interviewés, l'information est dispersée à travers des moyens de communication (médias de masse) et par des conversations de la vie quotidienne. Les médias les plus écoutés sont, la télévision et ses programmes locaux, le journal local, Internet, la radio et les magazines. Quant à la dimension du positionnement, l'orientation générale des individus par rapport à l'activité charbonnière est de 53% favorable à l'extraction du charbon, 28% y sont opposés et 19% ne se considèrent ni à faveur, ni contre. Tous les éleveurs interrogés y étaient favorables, pour les agriculteurs, 5 y sont opposés, 5 sont favorable et 2 ne se considèrent ni à faveur, ni contre.

**Mot-Clé:** Charbon. Représentations sociale. Candiota (RS). Développement rural.

## ABSTRACT

In Brazil, significant concentrations of mineral coal are in Rio Grande do Sul, Santa Catarina and Paraná, but the main coal reserves are located in Rio Grande do Sul, which has more than 90% of national reserves, representing only 0,2% of global production participation on mineral coal. Thermoelectric energy is considered as a strategic source of energetic reserve and the largest open air coal deposit is situated on the location of research, the city of Candiota, RS. Besides the coal activity, the city has its economy based on farming. The farmers and ranchers of the region migrate to the city in search of work and find an alternative based on coal mining, establishing a range of relationships between rural development and coal activity. In order to obtain a better understanding of these relationships between rural and coal, the objective of this research is to identify social representations of coal mining and to comprehend how these coal mining representations interact with the ideas of agriculture and livestock, environment and local development. For the seizure and analysis of local social imaginary was chosen the theoretical and methodological framework of social representations theory of Serge Moscovici through the dimensions of information, attitude and representational field and the structural approach of central and peripheral representations from Jean-Claude Abric. The research was conducted from January to March 2012 with interviews, participant observation, field diary and documentary research. The interviews were divided into three areas, which are the themes that permeate the social representations: a) agriculture and livestock; b) development and c) environment. Were interviewed 46 social actors divided into seven groups: 1) NGO's and environmentalists; 2) farmers (referring to settlers); 3) ranchers (referring to the ones that are not settlers); 4) ex-farmers and former ranchers; 5) workers in coal companies; 6) city council and 7) technicians of technical assistance and rural extension. In the group of environmentalists were classified the environmentalists of NGOs or OSCIPs from Candiota and Porto Alegre. Analyzes were made starting from codification nodes in NVIVO program. Social representations of coal activity are concentrated in the surroundings of the central representation of economic growth and the peripheral representations that stand out are those that attach to coal activity meanings like employment, quality of life, reason of existence of the city, energy, investment attraction and countryside delay. The migration to the city is a consequence of the impossibility to obtain income in countryside due to economic and climatic difficulties and is not something dreamed or desired by farmers and ranchers. The main factor influencing the way the representations are processed is the economic one. Among the groups interviewed, information is dispersed through media communication (mass media) and through conversations in daily life. The most accessed media are TV with local programming, local newspaper, internet, radio and magazines respectively. Regarding the dimension of attitude, the general orientation of individuals about coal activity is that 53% are favorable to coal mining, 28% are opposed and 19% are not considered favorable or contrary. All ranchers interviewed were favorable and the farmers' opinion five are against, 5 in favor and 2 are not considered favorable or contrary.

**Keywords:** Mineral coal. Social representations. Candiota (RS). Rural development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Estimativa do consumo de energia (excluída a lenha) no Brasil de 1905 a 1915.....	23
FIGURA 2- Consumo interno de energia por fonte no Brasil de 1970 a 2009.....	24
FIGURA 3- Oferta interna de energia no Brasil de 1970 a 2010.....	26
FIGURA 4- Consumo de energia por setor no Brasil de 1970 a 2010.....	27
FIGURA 5- Projeções do Consumo Final de Energia (milhares de tep) de Carvão Mineral no Brasil.....	28
FIGURA 6- Geração de eletricidade mundial por cenário conforme combustível de referência.....	29
FIGURA 7- Demanda setorial de carvão mineral por região no cenário de referência.....	30
FIGURA 8- As reservas de carvão nos principais países produtores (conforme tipologia).....	30
FIGURA 9- Disposição da Usina Termelétrica Presidente Médici e as minas de carvão no município de Candiota, RS.....	33
FIGURA 10- Distribuição dos assentamentos rurais (cor laranja) e as jazidas de carvão mineral (em amarelo).....	36
FIGURA 11- Mapa das famílias assentadas pela reforma agrária.....	37
FIGURA 12- Interface do programa NVIVO7 ilustrando alguns dos nós codificados através das entrevistas.....	47
FIGURA 13- Distribuição das entrevistas realizadas conforme a região do município.....	51
FIGURA 14- Mapa de localização do município de Candiota-RS no COREDE Campanha.....	59
FIGURA 15- Demografia do município de Candiota- RS.....	59
FIGURA 16- Profissões dos atores entrevistados nos municípios de Candiota e Porto Alegre, RS.....	61
FIGURA 17- Meios de informação sobre o assunto carvão mineral em Candiota (2011-2012).....	68
FIGURA 18- A esquematização da informação nas representações sociais.....	69
FIGURA 19- Esperança ao carvão. ....	73
FIGURA 20- Em busca de uma política para o carvão.....	73

FIGURA 21- Capítulo: Leilões de energia podem ser alavanca para Candiota IV.....	73
FIGURA 22- Palavras frequentes na dimensão informação em Candiota, 2012.....	75
FIGURA 23- Modelo esquemático: Representações sociais periféricas (RSP), Representação social central ou núcleo central (RSC) e as relações com as esferas de comunicação cotidiana (CC) e midiática (CM).....	78
FIGURA 24- Representações sociais gerais de pessoas favoráveis à atividade carbonífera e que moram na cidade de Candiota e região, não possuem ligação com meio rural em Candiota, 2012.....	82
FIGURA 25- Palavras frequentes na dimensão atitude em Candiota,2012.....	85
FIGURA 26- Elementos periféricos das representações da atividade carbonífera em Candiota, 2012.....	92
FIGURA 27- Modelo esquemático do núcleo central (NC) e representações sociais periféricas (RSP) de acordo com os grandes grupos analisados em Candiota, RS.....	92
FIGURA 28- Página de livro em comemoração aos 50 anos de existência da Usina Termelétrica de Candiota Presidente Médici.....	93
FIGURA 29- Outdoor na entrada do município em Candiota, RS.....	94
FIGURA 30- Modelo esquemático: Estrutura das representações sociais da atividade carbonífera em Candiota.....	95
FIGURA 31- Imagens de outdoor's em Candiota, a caminho da Usina Termelétrica Presidente Médici.....	95
FIGURA 32- Círculo virtuoso: emprego e crescimento econômico em Candiota, 2012.....	96
FIGURA 33- Modelo esquemático sobre os eixos das representações sociais da atividade carbonífera em Candiota, RS.....	96
FIGURA 34- Ideias de agropecuária em Candiota, 2012.....	97
FIGURA 35- Ideias de desenvolvimento em Candiota, 2012.....	106
FIGURAS 36 e 37- Panfleto distribuído pela empresa CRM em Candiota em fevereiro de 2012.....	122
FIGURA 38- História em quadrinhos recortada de livro desenvolvido pela empresa CRM.....	123
FIGURA 39 e 40- Áreas em recuperação pela empresa em Candiota-RS.....	123
FIGURA 41 e 42- Áreas recuperadas pela empresa.....	124
FIGURA 43- Torre menor da usina termelétrica, mais a frente, ao lado direito da foto em Candiota.....	127

FIGURA 44 e 45- Mina de carvão em Candiota, RS.....	128
FIGURA 46- Campos em Candiota, região dos assentamentos.....	129
FIGURA 47- Campos em Candiota, ao fundo a torre pebólica da Usina Termelétrica Presidente Médici.....	129
FIGURA 48- Paisagem da região do Baú em Candiota, a frente uma única árvore de butiá e mais ao fundo mata ciliar e plantações de eucalipto.....	130

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Evolução do Consumo Final de Energia (milhares de tep <sup>1</sup> ) no Brasil de 1970 a 2005.....	26
TABELA 2 - Projeção da oferta interna de energia (milhares de tep) no Brasil de 2005 a 2030.....	32
TABELA 3 - Posicionamento sobre a atividade carbonífera em Candiota, RS, conforme a distribuição das opiniões nos grupos em Candiota-RS.....	81

---

<sup>1</sup> Unidade de medida de energia significa Tonelada Equivalente de Petróleo.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Geração de energia da Termelétrica Presidente Médici em Candiota, RS, de 1999 a 2012.....	34
QUADRO 2 - Índice de produtividade da Mina de Carvão Mineral em Candiota de 2007 a 2011.....	35
QUADRO 3 - Grupos sociais identificados e analisados em Candiota- RS.....	61-62
QUADRO 4 - Opinião sobre a significação da atividade carbonífera para o desenvolvimento do município de Candiota, RS conforme os grupos sociais.....	116-117
QUADRO 5 - Desenvolvimento rural: principais características e alternativa estratégica para o desenvolvimento rural brasileiro.....	119
QUADRO 6 - Impressões de trabalhadores de empresas carboníferas quanto à atuação do IBAMA e conduta ambiental da empresa.....	126-127

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACPASFA - Associação Candioteense de Proteção Animal São Francisco de Assis

CGTEE - Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica

COPTec - Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos

COREDE - Conselho Regional de Desenvolvimento

CPRM - Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais

CRM - Companhia Riograndense de Mineração

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEPAM - Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler

IEA - *International Energy Agency*

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INGA - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais de Porto Alegre (INGA)

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OECD - *Organisation for Economic Co-operation and Development*

ONG - Organização Não Governamental

OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OSCIP - Organização da sociedade civil de interesse público

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

WCI - *World Coal Institute*

WEO - *World Energy Outlook*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>2 A PROBLEMÁTICA DE ESTUDO</b> .....	<b>22</b>
2.1 A QUESTÃO energÉTICA no Brasil .....	22
2.1.1 O carvão mineral nas esferas mundial e nacional .....	28
2.1.2 O carvão mineral em Candiota (RS) .....	32
2.1.3 O rural em Candiota, RS .....	35
2.2 O PROBLEMA DE PESQUISA .....	38
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>44</b>
3.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ARCABOUÇO TEÓRICO- METODOLÓGICO .....	51
3.2 O LOCAL DE ESTUDO .....	58
3.3 OS GRUPOS SOCIAIS .....	60
3.3.1 Ambientalistas.....	62
3.3.2 Técnicos da assistência técnica e extensão rural.....	62
3.3.3 Agricultores assentados.....	63
3.3.4 Pecuáristas.....	64
3.3.5 Ex-agricultores e pecuaristas.....	64
3.3.6 Trabalhadores de empresas carboníferas .....	65
3.3.7 Quadros da Prefeitura.....	66
<b>4 OS SIMBOLISMOS DE UMA REALIDADE COMPARTILHADA: O SENSO COMUM NO COTIDIANO DE CANDIOTA</b> .....	<b>68</b>
4.1 A EXPLORAÇÃO DO CARVÃO MINERAL EM CANDIOTA SOB A ÓTICA DIMENSIONAL .....	68
4.1.1 A dimensão da informação na representação da atividade carbonífera .....	69
4.1.2 A dimensão da atitude na representação da atividade carbonífera.....	80
4.1.3 O campo da representação da atividade carbonífera .....	90
4.2 ANÁLISES DAS CORRELAÇÕES ENTRE AGROPECUÁRIA, DESENVOLVIMENTO, MEIO AMBIENTE E A ATIVIDADE CARBONÍFERA. ....	97
4.2.1 As ideias de agropecuária .....	98
4.2.2 As ideias de desenvolvimento .....	107
4.2.2.1 O desenvolvimento rural em Candiota .....	119

<b>4.2.3 As ideias de meio ambiente .....</b>	<b>121</b>
<b>5 REPRESENTAÇÕES, ATIVIDADE CARBONÍFERA E DESENVOLVIMENTO RURAL .....</b>	<b>133</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS Consultadas .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de consentimento informado, livre e esclarecido.....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.....</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro organizado para o programa NVIVO7.....</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE D – Imagens do trabalho de campo.....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE E – Modelo esquemático da codificação realizada no NVIVO7: painel geral .....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE F – Agropecuária/Meio ambiente/Desenvolvimento a exploração do carvão e suas relações .....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE G – Sumário de Nós de categorização NVIVO7 .....</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante cinco anos participando de um grupo de apoio à reforma agrária, foi possível vivenciar situações e acumular experiências que me despertaram o interesse pela temática rural, em especial o estudo de questões sociais no meio rural. A participação em projetos de extensão universitária em um assentamento em São Jerônimo (RS) município da região carbonífera do Rio Grande do Sul instigou-me a estudar as possíveis relações entre o meio rural e o carvão mineral.

As vivências no assentamento Herdeiros de Oziel Alves em São Jerônimo envolviam visitas a variados lugares do município buscando possibilitar ao grupo de extensão o conhecimento sobre as dinâmicas rurais na região. Foi assim que chegamos a uma carvoaria de carvão vegetal. Nunca vou esquecer o impacto daquelas imagens sobre mim: ao mesmo tempo em que sentia curiosidade, existia o choque de ver pessoas naquelas condições precárias de trabalho. Após alguns meses também passei por outras regiões com exploração de carvão mineral, vivenciando cenas não menos chocantes. Desde então me despertou o interesse sobre as práticas de extração do carvão mineral. Comecei a pensar também a respeito da ação humana sobre o carvão mineral e de que forma ela poderia influenciar a vida das pessoas no campo uma vez que a exploração e a produção do carvão vegetal estavam localizadas em regiões rurais.

Quando acabei a graduação em Ciências Biológicas percebi que, de todas as áreas que eu já havia visitado durante a graduação, o meu maior interesse voltou-se para o estudo do desenvolvimento rural. Nascida e criada em zona urbana, mas de família de origem rural, acabei por me identificar com a questão agrária, e a experiência da extensão universitária me fez compreender o quanto eu queria continuar meus estudos de pós-graduação envolvendo estas questões.

Inicialmente, tomei a região da Campanha como prioritária para a realização de um estudo, por ser considerada como economicamente “pobre” se comparada a outras regiões do estado, e ainda com poucos estudos desenvolvidos nessa área. Além disso, a Campanha é composta pelo bioma pampa, prioritário para a conservação ambiental no Rio Grande do Sul. Também foi relevante o fato de ter quase todos os meus familiares nascidos e criados em Santana do Livramento, no pampa gaúcho.

A temática do carvão foi escolhida por essas experiências anteriores e o local, (Candiota), inicialmente indicado por amigos, foi definido com base na presença da

exploração carbonífera e pela sua localização no estado. O município conta com quase 70% da sua população localizada no meio rural, existindo propriedades rurais próximas às áreas de exploração do carvão mineral, sendo que algumas estão localizadas exatamente sobre as jazidas subterrâneas ainda não exploradas. A estratificação fundiária é constituída por grandes, médias e pequenas extensões de terra ocupadas por agricultores familiares em sua maior parte.

Na escolha do objeto de estudo, o campo exploratório foi essencial para a delimitação do tema. Antes de ir a campo eu já havia escrito e reescrito diversas páginas, mas só durante a pesquisa de campo é que realmente pude entender quais as questões que de fato poderiam me auxiliar a pensar sobre o objeto.

O primeiro desafio que enfrentei foi compreender os textos para a seleção do mestrado, que com o passar do tempo se tornaram muito claros, pois os assuntos estavam estreitamente relacionados às experiências práticas que eu possuía. Após a aprovação na seleção, a dificuldade passou a ser a escolha de um referencial teórico-metodológico dentre tantos, buscando aqueles que mais se adequavam e poderiam me auxiliar na compreensão das problemáticas sociais com que eu me deparava. A partir de uma aula da disciplina de metodologia qualitativa do programa de pós-graduação pude encontrar no arcabouço teórico-metodológico das representações sociais a possibilidade deste entendimento.

Metodologicamente não há um manual de como se deve proceder a identificação das representações sociais, neste caso, a exploração do carvão. Sendo assim, após o campo exploratório foram possíveis as opções metodológicas, levando-se em consideração as características dos grupos sociais a serem entrevistados e a própria realidade local, que precisaria de tempo e de aprofundamento para o seu estudo. Ao optar pela abordagem das representações sociais, o primeiro passo foi tentar entender a relação entre ciência e senso comum, considerando que as representações são elaboradas por meio de um senso comum, a partir de explicações formuladas no cotidiano e nele compartilhadas.

A ciência, para atingir o objetivo de explicar os fenômenos naturais e sociais, necessita de ferramentas analíticas e princípios explicativos. Para a sua construção, o conhecimento científico pressupõe o trabalho de pesquisadores que levem em consideração todas as posições acerca de um assunto. Desta forma, ela difere do senso comum, pois este não precisa ser constantemente testado e validado. Porém, o conhecimento científico precisa considerar os saberes e conhecimentos cotidianos, orientados pela prática dos sujeitos, assim também se pode construir ciência. O senso comum constrói-se em torno de casos específicos e

não precisa ser aplicável a outras situações. Ao se optar pelo método científico, o pesquisador busca uma maior complexidade que se aproxime de uma verdade. Surge assim o questionamento: de que verdade se está tratando? Por quem esta verdade está sendo construída e como se posiciona na sociedade o cientista que a legitima?

Partindo desta reflexão, os resultados desta pesquisa tiveram como base o esforço de descrever e compreender as posições expostas pelos distintos atores locais, sem definir uma única versão sobre o fenômeno tomado como objeto das suas representações. Dessa forma, pretende-se explorar as várias facetas da realidade que, formuladas num determinado contexto social, constituem a complexidade do objeto escolhido. Um estudo como esse atualmente não teria espaço nas ciências biológicas, pois a biologia como é tratada hoje é repleta de metodologias quantitativas, dimensionadas à exatidão, sem dar lugar à especificidade, ao imaginário e ao subjetivo. Diferentemente, as ciências humanas, ao estudar o ser humano e sua consciência, toma a experiência como base sobre a qual se constitui o sujeito e sua consciência, e assim “a questão passa a ser a da compreensão da experiência em sua totalidade.”(VIANA, 2008, p. 21).

Admite-se que a teoria das representações sociais apresenta limites como, por exemplo, a generalidade das posições em que os grupos se ancoram, ou então em muitos casos, a não explicação do que implica as representações<sup>2</sup>, ainda assim, ressalta-se a importância da compreensão dos aspectos que permeiam o senso comum no universo dos grupos sociais, como pressuposto para o entendimento e explicação das dinâmicas sociais que envolvem o objeto das representações sociais neste trabalho, a exploração do carvão.

No esforço de demonstrar as representações sociais identificadas e analisadas organizou-se este trabalho da seguinte forma: (1) a introdução, (2) o capítulo que dedica-se à problematização da pesquisa, contextualizando a questão energética no Brasil, a importância do carvão mineral e o tema das representações sociais. O item (3), capítulo que aborda o referencial teórico-metodológico das representações sociais e como ele foi utilizado na pesquisa. O item (4), capítulo que empreende a análise das representações sociais apreendidas por meio da abordagem dimensional proposta por Serge Moscovici: informação, atitude e campo representacional. Seguem no mesmo capítulo as correlações entre meio ambiente, agropecuária e desenvolvimento como eixos que participam e interagem na construção das representações sociais. Por fim, no item (5), realiza-se a conclusão; uma interpretação do

---

<sup>2</sup> Uma breve discussão sobre as limitações da Teoria das Representações Sociais será feita ao final deste trabalho.

contexto entre as relações das representações sociais e o desenvolvimento rural em Candiota e as considerações finais.

## 2 A PROBLEMÁTICA DE ESTUDO

A construção da problemática de estudo que envolveu esta pesquisa está alicerçada na atualidade do debate sobre a questão energética brasileira. O fomento à produção de energia elétrica a partir do carvão mineral não é recente no Brasil e atualmente possui pouca representatividade como matriz energética. Mas se pouco representa energeticamente, qual a sua relevância aqui? O que se coloca como problema são as interações sociais que permeiam a exploração do carvão mineral ou atividade carbonífera nas localidades rurais no entorno de Candiota, como essas interações são concebidas no universo simbólico dos atores locais. Neste capítulo, primeiramente apresenta-se um breve contexto sobre a questão energética brasileira, destacando o carvão mineral nas esferas mundial e nacional e no local de estudo. Apresenta-se também uma breve exposição sobre o contexto rural de Candiota a fim de que se possa entender a problemática de pesquisa em questão.

Neste estudo se pretende contextualizar brevemente o assunto que transita no centro do debate sobre o apoio do governo federal à exploração do carvão mineral.

### 2.1 A QUESTÃO ENERGÉTICA NO BRASIL

A revolução industrial trouxe consigo mudanças qualitativas no consumo de energia (LEITE, 1997). A energia até o século XIX era baseada na própria força de trabalho humano junto à tração animal e à lenha. A partir da crescente demanda de energia e matérias-primas, fomentou-se o desenvolvimento de formas mais rápidas e eficazes de produção energética. A indústria substituiu a lenha pelo carvão mineral, e a industrialização se consolidou nos países que continham boas reservas de carvão.

No Brasil, o consumo de lenha continuou sendo o principal combustível por muito tempo, inclusive as locomotivas a vapor eram abastecidas pela lenha retiradas das florestas por onde passavam. Embora em 1940 já houvesse comprovação de algumas jazidas de carvão, estas eram limitadas, de pouco poder calorífico:

No Brasil não ocorreu a fase do carvão mineral e a industrialização foi tardia. As nossas reservas de carvão se mostraram limitadas, de baixa qualidade e de difícil extração. É natural, portanto, que a lenha mantivesse por muito tempo a sua posição predominante no cenário energético nacional e que em 1940 ainda representasse  $\frac{3}{4}$  da energia total do país. (LEITE, 1997, p. 22).

No Brasil, a principal fonte de energia até 1915 era a lenha, conforme ilustra Leite: “apesar da presença do carvão mineral importado, da entrada progressiva de derivados do petróleo e das iniciativas no domínio da hidreletricidade, a lenha permanecia praticamente sem concorrência.” (LEITE, 1997, p. 23)

Paralelamente à extração de madeira para lenha, não havia investimento em outras fontes energéticas, nem se sabia da existência de reservas de petróleo no Brasil. Também não houve o desenvolvimento da mineração de carvão, embora já se soubesse da existência de jazidas desde o século XVIII, sendo o carvão mineral importado do Reino Unido.

Em 1965 a lenha representava 40% do consumo total de energia e em 1970 inicia a sua substituição devido à necessidade de manter as florestas nativas, declinando rapidamente o seu consumo. Neste período, o governo Castelo Branco institui um novo código florestal (30 anos após a instituição da primeira versão, em 1935) bastante exigente em relação ao uso das florestas, provocando restrições ao uso da lenha. Outra preocupação da época era o desmatamento com a expansão da agropecuária e os monocultivos de eucalipto para lenha que ganharam maior importância a partir de 1909. (PINHEIRO, 2006).

O uso do petróleo como combustível fóssil ganhou força em 1854 em função também da extração de seus derivados para uso industrial e nos setores automobilístico, naval e aeronáutico. Intensificou-se o progresso tecnológico e o consumo de energia, estendendo-se pelo século XX, sendo o petróleo o combustível que alimentou esse processo.

A exploração do petróleo fora dos países centrais foi tardia, iniciando no Brasil na década de 30 (LEITE, 1997). Neste cenário, o carvão mineral que não conseguiu predominar como fonte de energia no século XIX e início do século XX, devido à hegemonia do uso da lenha (FIG. 1), passou a concorrer com a energia hidráulica (desde 1890) e com o petróleo (desde 1905).

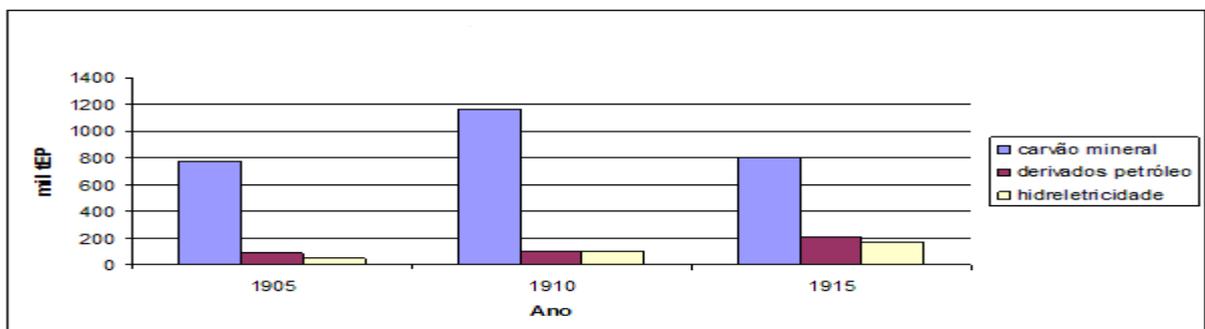


FIGURA 1- Estimativa do consumo de energia (excluída a lenha) no Brasil de 1905 a 1915. Fonte: Adaptado de Leite (1997, p. 51).

Logo após a segunda guerra mundial, ocorreram as principais crises do petróleo motivadas pelo aumento do preço dos barris promovido pela OPEP. Dentre os fatores desse aumento está a escassez de oferta, guerras no oriente médio e questões políticas envolvendo os países consumidores e os produtores. As crises ocorreram entre 1956 e 2008, sendo as de 1973 e 1979 as mais significativas.

Em 1974, o Brasil era o maior importador de Petróleo entre os países em desenvolvimento e o sétimo em relação aos importadores mundiais (SANTOS, 2000). A questão do petróleo foi fundamental na política externa brasileira nas décadas de 1970 e 1980, e em 1979 cerca de 90% do petróleo consumido no Brasil era importado (FARES, 2007). Neste mesmo período, em 1970, é fundada a CPRM, consolidando a política do carvão mineral, baseada na exploração de empresas privadas reguladas pelo Estado (LEITE, 1997).

Essa crise marca a necessidade do desenvolvimento de novos programas de energia, porém, o petróleo não perdeu importância. Pelo contrário, no final dos anos de 1970 o Brasil possuía uma estreita ligação com o Iraque, principal país fornecedor de petróleo (FIG. 2).

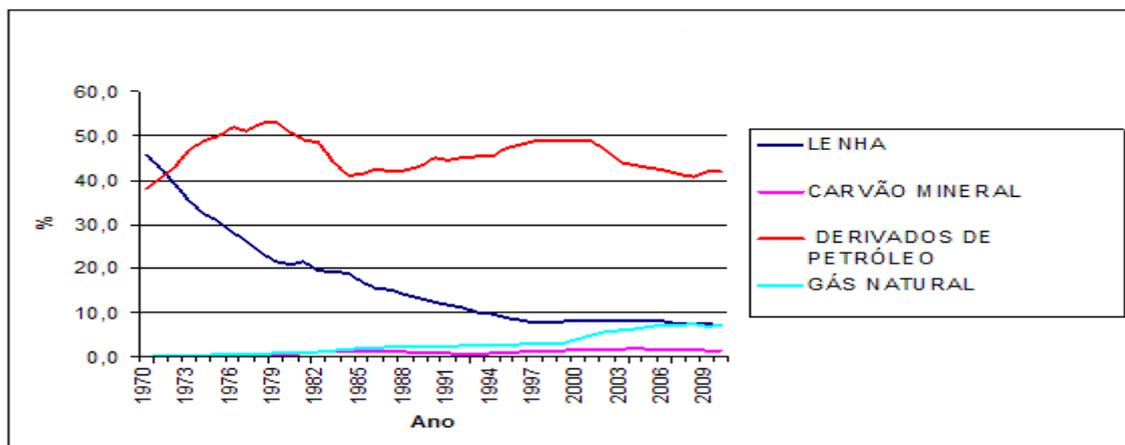


FIGURA 2- Consumo interno de energia por fonte no Brasil de 1970 a 2009.

Fonte: Adaptado de Balanço Energético Nacional 2011. Tabelas completas de 1970 a 2010.

Entre 1957 e 1969, o Brasil iniciou a exploração de suas reservas petrolíferas, porém só na década de 1970 se intensificaram as pesquisas em plataformas. Devido a questões políticas, as relações comerciais com esse país começaram a ficar fragilizadas e na perspectiva de ter o controle da exploração de petróleo em nome da União criou-se a Petrobrás. Nos anos de 1984/85 o Brasil já produzia 50% do petróleo que consumia (LEITE, 1997).

Com a crescente demanda de energia elétrica e combustível no Brasil, nesse período surge a preocupação com o esgotamento de combustíveis fósseis. Permeando o debate global sobre o esgotamento dos recursos naturais e a corrida pelo domínio de combustíveis fósseis,

em meados dos anos 1980, o movimento ambientalista traz a tona o debate sobre a poluição gerada por esses combustíveis. O Brasil já gerava energia renovável através das hidrelétricas, mas nos anos entre 1970 e 1980, em meio às crises do petróleo, a construção de usinas hidrelétricas ganhou maior destaque. Nos anos de 1990 entraram em operação total as hidrelétricas de Itaipu e Tucuruí. Ainda hoje no cenário internacional o Brasil é referência mundial na geração de energias renováveis.

A crise do petróleo também abriu espaço para novos programas de geração de energia: os programas do álcool e a reativação do carvão mineral nacional (LEITE, 1997). O emprego do álcool da cana-de-açúcar como combustível iniciou antes da Segunda Guerra Mundial. Sobre este período, Leite (1997, p. 266) o divide em “três fases: de 1934 até 1975 – fase do álcool motor, anidro, adicionado à gasolina automotiva; de 1976 até 1980 – primeira fase do Proálcool com ênfase no álcool hidratado como substituto da gasolina com objetivos modestos; de 1981 até 1986 – intensificação do Proálcool”.

O consumo de carvão mineral atingiu seu máximo nos anos de 1910 e depois começou a declinar. Anos mais tarde o carvão passou a ser novamente utilizado no abastecimento da indústria siderúrgica a coque mineral em Volta Redonda. Ainda hoje no Rio Grande do Sul os ramos industriais são os que mais utilizam energia termelétrica. Devido à dificuldade de manter a importação do carvão, iniciou-se no Brasil entre 1920 e 1922, por meio do Professor Fleury da Rocha, pesquisas científicas relacionadas ao carvão mineral. Essas pesquisas se concentraram na região que hoje pertence ao município de São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, e Criciúma, em Santa Catarina. (LEITE, 1997).

Além dos programas de incentivo ao álcool, o carvão mineral, reativado ainda nos anos de 1970, passou a ter destaque. Com a alta nos preços do petróleo, passou-se a utilizar o carvão mineral como substituto do óleo combustível e em 1980 o governo João Figueiredo estabeleceu políticas de expansão do carvão com os controles da produção e dos preços por empresas privadas e públicas. O processo que envolvia a geração de energia a carvão tinha um custo maior se comparado à geração por hidrelétrica, mas a fim de atrair consumidores não tradicionais como as indústrias de cimento e cerâmica, foi adotada uma política de preços favorável.

Várias políticas energéticas foram sendo implantadas ao longo dos anos ao mesmo tempo em que se experimentava a fonte de menor custo, com maior eficiência e menor poluição ambiental. Assim, a oferta interna de energia no Brasil foi sendo modificada. Com a queda do consumo de lenha em 1970, outras fontes obtiveram maior procura como os de

derivados do petróleo, e outras fontes não renováveis como o carvão mineral. Nos últimos 10 anos, as hidrelétricas e outras fontes consideradas renováveis tem se destacado no mercado da geração de energia elétrica, em detrimento das fontes não renováveis (FIG.3).

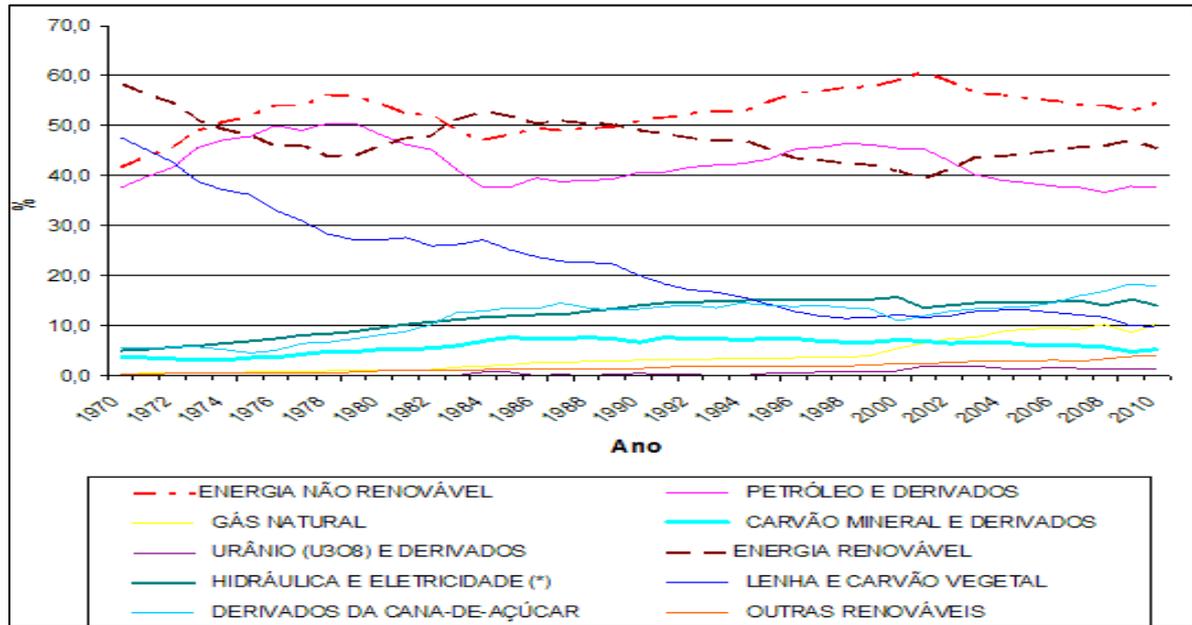


FIGURA 3- Oferta interna de energia no Brasil de 1970 a 2010.

Fonte: Construído a partir de Balanço Energético Nacional 2011. Tabelas completas de 1970 a 2010.

No entanto, segundo o Plano Nacional de Energia 2030 (2007), a predominância na matriz do consumo final de energia no Brasil ainda é de derivados de petróleo (41%) devido à prevalência do modal rodoviário no setor de transporte que consome diesel e gasolina. Em segundo lugar fica a eletricidade como forma de energia mais utilizada (TAB. 1).

TABELA 1- Evolução do Consumo Final de Energia (milhares de tep<sup>3</sup>) no Brasil de 1970 a 2005.

	1970	1980	1990	2005	Δ% ao ano 1970-2005
Derivados do petróleo	21.040	44.770	44.944	66.875	3,4
Eletricidade	3.231	10.189	18.123	31.103	6,7
Produtos da cana <sup>2</sup>	3.158	6.221	10.414	20.046	5,4
Lenha	28.345	21.862	15.636	16.119	- 2,9 <sup>3</sup>
Gás natural	3	320	1.385	9.411	14,5 <sup>4</sup>
Outros <sup>5</sup>	3.306	9.506	15.038	21.490	5,5
<b>TOTAL</b>	<b>59.083</b>	<b>92.868</b>	<b>105.540</b>	<b>165.044</b>	<b>3,0</b>

1/ Elaborado com base no Balanço Energético Nacional (MME/EPE, 2006).

2/ Inclui etanol.

3/ Taxa no período 1970-1990.

4/ Taxa no período 1980-2005.

5/ Outros: inclui carvão mineral (6,0% do consumo final em 2005).

Fonte: Plano Nacional de Energia 2030 – MME/EPE (2007, p. 86).

<sup>3</sup> Unidade de medida de energia que significa Tonelada Equivalente de Petróleo.

Em relação ao consumo de energia, até o ano de 1970 o setor residencial era o principal, situação que mudou consideravelmente a partir de então (FIG. 4). Já o setor industrial e de transportes tiveram uma elevação entre 1971 e 1980. Em 2006 o setor de transportes aumentou o consumo de energia e em 2009 cresceu o consumo industrial.

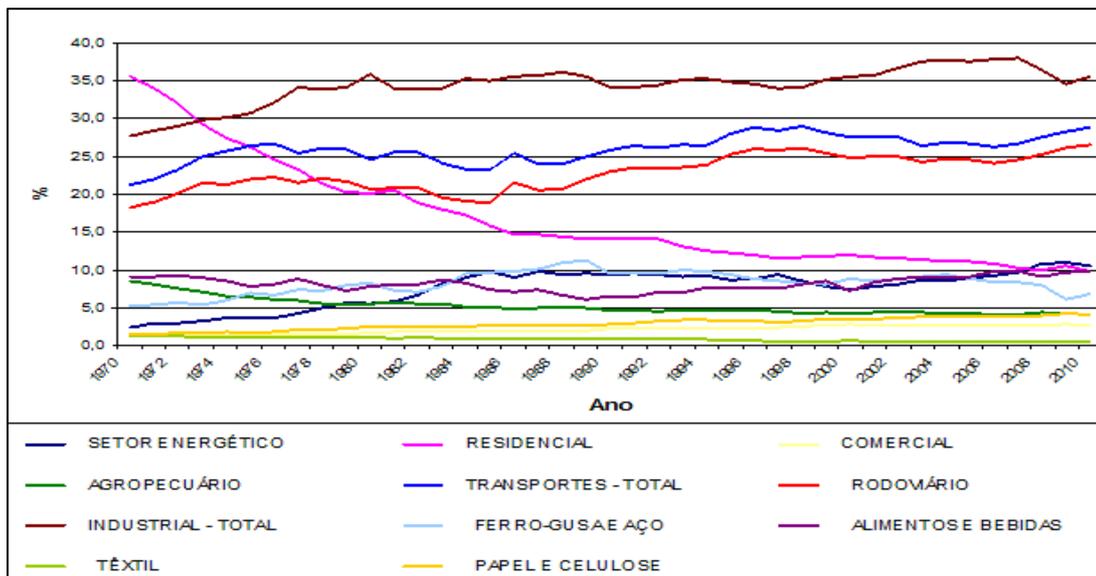


FIGURA 4- Consumo de energia por setor no Brasil de 1970 a 2010.

Fonte: Construído a partir de Balanço Energético Nacional 2011. Tabelas completas de 1970 a 2010.

Atualmente o setor que mais se desenvolve no Brasil e que mais gera empregos é a construção civil, seguido do setor de tecnologia da informação e o industrial (LEITE, 1997), que precisam de energia barata e constante. Nesse sentido, a questão energética assume papel estratégico em âmbito nacional para o desenvolvimento econômico e a competitividade do país.

De acordo com o Plano Nacional de Energia 2030, as áreas estratégicas para investimentos em pesquisa energética no Brasil hoje são: etanol, biodiesel e uso direto de óleos vegetais em motores, gás hidrogênio, carvão vegetal, bio-óleo; para geração de eletricidade: biomassa energética, aerogeradores, pequenas centrais hidrelétricas, resíduos sólidos urbanos, fotovoltaicos, células a combustível e nuclear. Ainda segundo o mesmo documento, foram projetados cenários possíveis para o desenvolvimento da questão energética do país. Esses cenários são estreitamente relacionados ao PIB (Produto Interno Bruto), pois quanto maior o PIB, maior é o consumo de energia. As tendências gerais que o plano aponta são as seguintes:

- Aumento da eletrificação;
- Maior penetração do gás natural, em substituição ao óleo combustível, principalmente na indústria;
- Maior penetração dos combustíveis líquidos renováveis (etanol e biodiesel) em substituição a derivados do petróleo, usados principalmente nos setores agropecuário e de transportes;
- Crescimento do uso do carvão mineral, como reflexo, principalmente, da expansão do setor siderúrgico;
- Crescimento residual da lenha e do carvão vegetal, como evidência do virtual esgotamento do processo de substituição ocorrido no final do século passado e limitado aos usos cativos e controlados desses energéticos, respectivamente. (Plano Nacional de Energia 2030 – MME/EPE, 2007, p. 94).

Sendo assim, o cenário que se apresenta é marcado pelo aumento do consumo de energia elétrica, que terá como umas das formas de suprimento o crescimento do uso do carvão mineral, ao mesmo tempo em que se sustenta a substituição do uso de derivados de outros combustíveis fósseis como o petróleo por líquidos renováveis.

### 2.1.1 O carvão mineral nas esferas mundial e nacional

Há a previsão de crescimento do uso de carvão mineral conforme o Plano Nacional de Energia 2030, embora o mesmo não tenha sido incluído no leilão brasileiro de energia de 2011. A FIGURA 5 demonstra o crescimento do consumo do carvão no Brasil com as perspectivas até 2030:

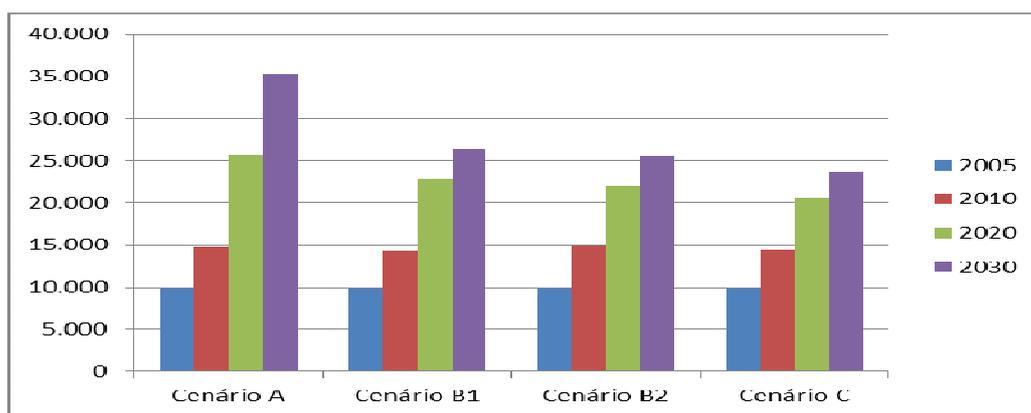


FIGURA 5- Projeções do Consumo Final de Energia (milhares de tep) de Carvão Mineral no Brasil. Fonte: Plano Nacional de Energia 2030- MME/EPE (2007, p. 95).

Em quaisquer dos cenários previstos, o carvão mineral crescerá e a sua principal aplicação seria na siderurgia. Além disso, na esfera mundial o carvão mineral apresenta crescente representatividade na geração de energia elétrica (FIG. 6).

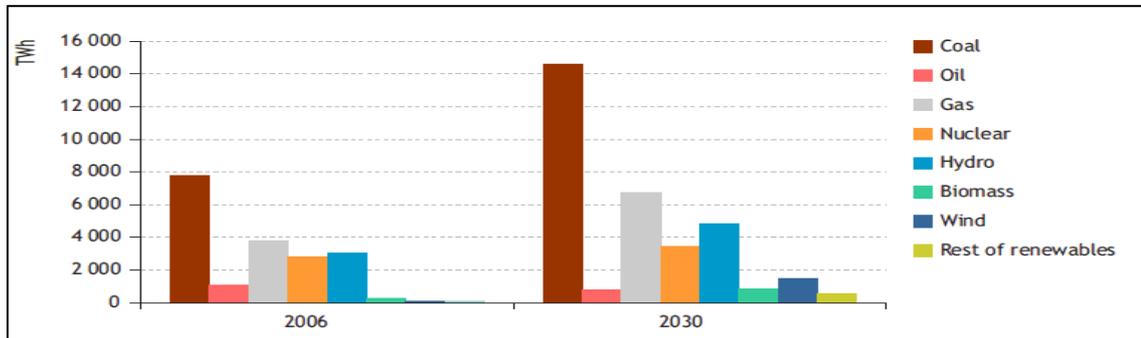


FIGURA 6- Geração de eletricidade mundial por cenário conforme combustível de referência<sup>4</sup>.  
Fonte: International Energy Agency. World Energy Outlook (2008, p. 143).

Conforme a *International Energy Agency* na publicação do *World Energy Outlook* (IEA, 2008), desde o ano 2000, o consumo mundial de carvão tem crescido mais do que qualquer outro combustível, apesar de os preços terem sido mais elevados entre 2000 e 2006. De acordo com a perspectiva de mercado para o carvão da IEA (2008), a demanda dos países não membros da OCDE<sup>5</sup>, como China e Índia, crescerá até 2030:

Desde 2000, o consumo global de carvão tem crescido mais rapidamente do que qualquer outro combustível, apesar dos preços mais elevados, de 4,9% por ano entre 2000 e 2006. A maior parte deste crescimento ocorreu em países fora da OCDE. A demanda de carvão está projetada para crescer 2% por ano no período em enfoque (2006 – 2030), mais rápido do que a demanda total de energia. Os países que não fazem parte da OCDE representam 97% do aumento da demanda mundial com a China sozinha respondendo por dois terços do aumento e Índia por um 19% mais. Para atender à crescente demanda, a produção de carvão deverá aumentar em quase 60% entre 2006 e 2030. Cerca de 90% deste aumento vem de países não pertencentes a OCDE. As reservas provadas remanescentes são mais que suficientes para atender o crescimento do carvão com uso projetado para 2030. Os Estados Unidos, Rússia e China, juntos, somam cerca de 60% das reservas mundiais. No entanto, são necessários grandes investimentos em prospecção (para identificar reservas economicamente recuperáveis) e em novos projetos de minas. (IEA, 2008 p. 123).<sup>6</sup>

<sup>4</sup> World electricity generation by fuel the Reference Scenario.

<sup>5</sup> *Organisation for Economic Co-operation and Development*, em português corresponde a livre tradução: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

<sup>6</sup> Since 2000, global coal consumption has grown faster than any other fuel, despite higher prices, by 4.9% per year between 2000 and 2006. Most of this growth occurred in non-OECD countries. Coal demand is projected to grow by 2% per year over the Outlook period, faster than total energy demand. Non- OECD countries account for 97% of the increase in global coal demand over the Outlook period, with China alone accounting for two-thirds of the increase and India for a further 19%. To meet growing demand, coal production is projected to rise by almost 60% between 2006 and 2030. Around 90% of this increase comes from non-OECD countries. China almost doubles its output, while India's production more than doubles. Russian production jumps by nearly 75%, overtaking that of OECD Europe. Proven remaining reserves are more than adequate to meet the growth in coal use projected to 2030. The United States, Russia and China together account for around 60% of world reserves. However, large investments are needed in prospecting (to identify economically recoverable reserves) and in new mining projects.

A indústria é o segundo maior setor consumidor de carvão (FIG. 7), apesar do decréscimo observado no consumo de carvão industrial de 2,9% ao ano em 2006-2015 para 1,1% ao ano em 2015-2030. (IEA, 2008).

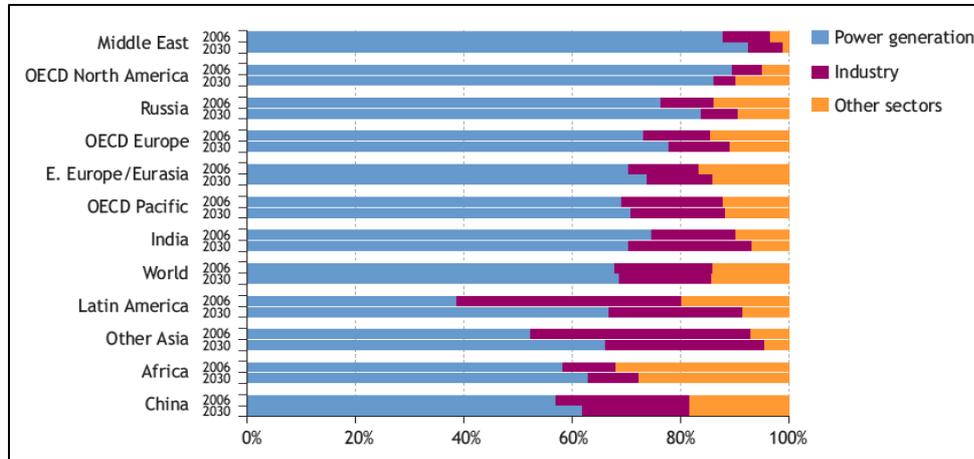


FIGURA 7- Demanda setorial de carvão mineral por região no cenário de referência<sup>7</sup>.  
 Fonte: International Energy Agency/ World Energy Outlook (2008, p. 126).

O carvão mineral é considerado o mais abundante dos combustíveis fósseis e suas maiores reservas estão concentradas na América do Norte, na Ásia e na Europa, totalizando 81,5% das reservas mundiais. Desse total, Os Estados Unidos possuem cerca de 25% seguido da Rússia (16%), a China (12%) e a Austrália (9%) (ATLAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO BRASIL, 2002). O carvão mineral pode ser encontrado mundialmente sob diferentes tipologias conforme ilustra a figura 8.

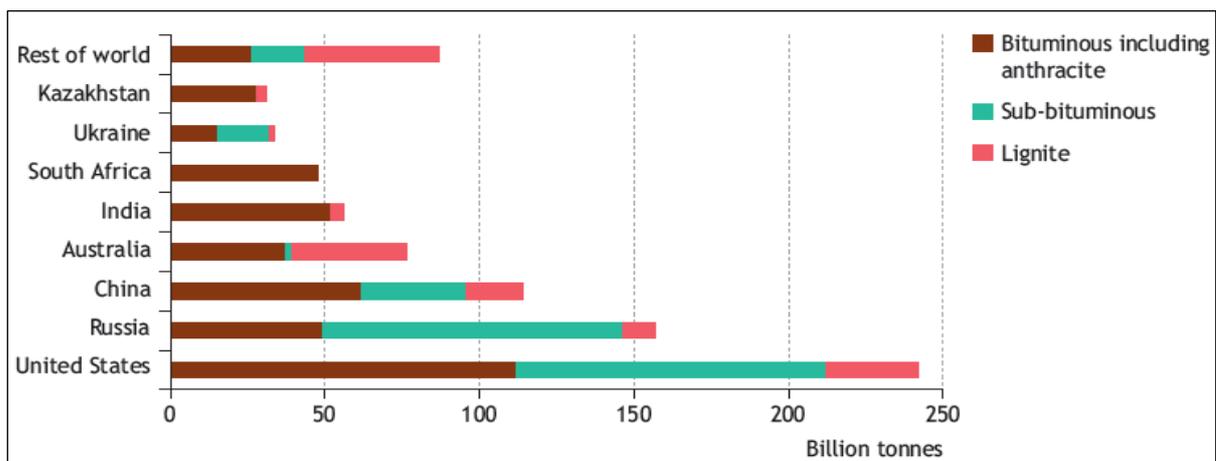


FIGURA 8- As reservas de carvão nos principais países produtores (conforme tipologia).<sup>8</sup>  
 Fonte: International Energy Agency. World Energy Outlook (2008, p. 128).

<sup>7</sup> Sectorial shares in coal demand by region in the Reference Scenario

<sup>8</sup> Proven coal reserves in leading producing countries.

De acordo com dados da *International Energy Agency* (IEA, 2008), a produção e o consumo mundial de carvão concentram-se nos tipos do mineral betuminoso/sub-betuminoso e o linhito. O primeiro é encontrado em maior quantidade nos Estados Unidos, China e Índia, e é comercializado internacionalmente devido ao seu maior valor térmico. É o tipo mais comum, e que sendo transformado em coque<sup>9</sup> tem amplo emprego industrial. O carvão sub-betuminoso é consumido principalmente em estações geradoras. O linhito tem baixo poder calorífico, se desgasta rapidamente, pode incendiar-se espontaneamente e por seu baixo valor térmico é utilizado para geração termelétrica local. É empregado na Alemanha e na Austrália. Existe também o antracito que é um carvão lustroso, de combustão lenta, excelente para uso doméstico (GOMES, 2002). No Brasil “a maioria do carvão riograndense é do tipo betuminoso alto volátil C, enquanto o carvão catarinense é do tipo betuminoso alto volátil A, considerado de melhor qualidade.” (CPRM, 2012, p. 1).

Apesar dos impactos no meio ambiente e na saúde das populações que convivem com a exploração carbonífera, segundo o Atlas de Energia Elétrica do Brasil (2002, p. 119), ele é considerado a maior fonte de energia para uso local e as principais razões são: “i) abundância das reservas; ii) distribuição geográfica das reservas; iii) baixos custos e estabilidade nos preços, relativamente a outros combustíveis”. A pressão de entidades ambientais contra o carvão tem se intensificado nos últimos anos devido à divulgação de teorias do aquecimento global e dos buracos encontrados na camada de ozônio. Dentre as reivindicações dos ambientalistas está o controle da redução das emissões de poluentes para a atmosfera (BORBA, 2001). Borba deixa claro esta situação em nível mundial, porém verifica-se a semelhança no Brasil, inclusive na região tratada neste trabalho.

No Brasil as concentrações significativas de carvão mineral estão nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, porém, as principais reservas estão localizadas no Rio Grande do Sul, que detém mais de 90% das reservas nacionais (ATLAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO BRASIL, 2002). Ainda de acordo com o Atlas, o carvão brasileiro significa apenas 0,2 % na participação da produção mundial de carvão mineral (WORLD COAL INSTITUTE, 2000 apud BORBA, 2001) e suas jazidas ao final de 1999 correspondiam a 32 bilhões de toneladas (em torno de 1,2% das reservas mundiais). Quanto ao uso energético do carvão no Brasil, é bastante restrito, representando apenas 6,6% da matriz energética nacional de acordo com o Balanço Energético Nacional do Ministério de Minas e Energia (MME,

---

<sup>9</sup> Carvão mineral ou vegetal usado como combustível na indústria química na produção de calor. (HOUAISS; VILLAR, 2004)

2003). É importante ressaltar que a porcentagem de jazidas não necessariamente corresponde a de produção, pois nem todas as jazidas existentes estão sendo exploradas.

Como o carvão mineral não está no Plano Decenal de Energia 2011-2020 setores sociais do município de Candiota como, por exemplo, as empresas, a prefeitura e a mobilização coletiva que há pela expansão da atividade, estão em debate com o Governo Federal para reivindicar o estabelecimento de políticas públicas voltadas para a atividade carbonífera (TRIBUNA DO PAMPA, 2011). Embora também o Governo Federal brasileiro não tenha incluído o carvão mineral no leilão de energia nacional (PEREIRA, 2011) em 2011, é importante ressaltar que o carvão mineral consta no Plano Nacional de Energia 2030, escrito em 2007, e também no Balanço Energético Nacional de 2005. Inclusive ambas as fontes também indicam o aumento da oferta interna de energia não renovável a carvão mineral e derivados (TAB. 2).

TABELA 2- Projeção da oferta interna de energia (milhares de tep) no Brasil, de 2005 a 2030.

	2005 <sup>1</sup>	2010	2020	2030
<b>Energia não renovável</b>	<b>121.350</b>	<b>159.010</b>	<b>216.007</b>	<b>297.786</b>
Petróleo e derivados	84.553	97.025	119.136	155.907
Gás natural	20.526	37.335	56.693	86.531
Carvão mineral e derivados	13.721	20.014	30.202	38.404
Urânio (U <sub>3</sub> O <sub>8</sub> ) e derivados	2.549	4.635	9.976	16.944
<b>Energia renovável</b>	<b>97.314</b>	<b>119.999</b>	<b>182.430</b>	<b>259.347</b>
Hidráulica e eletricidade	32.379	37.800	54.551	75.067
Lenha e carvão vegetal	28.468	28.151	28.069	30.693
Cana-de-açúcar e derivados	30.147	39.330	69.475	103.026
Outras fontes primárias renováveis	6.320	14.718	30.335	50.561
<b>TOTAL</b>	<b>218.663</b>	<b>279.009</b>	<b>398.437</b>	<b>557.133</b>

Fonte: BRASIL, Ministério de Minas e Energia. Plano Nacional de Energia 2030 (2007, p. 37).

Quanto à significação nacional do combustível, Candiota, apresenta a principal jazida de carvão mineral.

### 2.1.2 O carvão mineral em Candiota (RS)

As reservas minerais de carvão em Candiota representam “cerca de 23% das reservas oficiais medidas no país (1.722.860.000 t) e 51% das provadas e prováveis (475.360.000 t)” (BORBA, 2001, p. 4). Sendo assim, as jazidas carboníferas da região estudada tem grande representação nacional:

Candiota é a principal jazida carbonífera brasileira, não só em termos de reservas como também por possuir camadas de carvão de alta espessura e grande continuidade com pequena cobertura, o que proporciona uma lavra em larga escala de alta rentabilidade. A principal camada, que leva o nome

da própria jazida, Candiota, tem cerca de 5 m de espessura em média, com aproximadamente 10 m de cobertura e uma área minável de forma contínua a céu aberto calculada em torno de 4.400 ha com os últimos dados disponíveis. (BORBA, 2001, p. 4).

Além da importância para a matriz energética nacional, a exploração do carvão em Candiota é tida por alguns atores como importante para economia da região devido à atual geração de empregos (FRITZ, 2004) e às expectativas de futuros empregos, ou seja, um empreendimento tido por alguns setores como necessário ao desenvolvimento econômico regional.

De acordo com Gomes (2002), a mineração do carvão em Candiota data de 1863 e inicialmente atendia às fábricas e charqueadas da região. Já segundo dados do IBGE (2011), essa atividade iniciou em 1828, encontradas pela expedição do Tenente Emílio Luiz Mallet que percorria a região com seus soldados.

O nome da jazida e do município, “Candiota”, se deve à família de imigrantes de Cândia-Grécia, chamados de candiotos que ao se fixarem na região, deram origem ao núcleo de povoamento daquela localidade. Os imigrantes tiveram suas terras desapropriadas com vistas à construção da Usina Termelétrica Presidente Médici (Candiota I), em 1961, iniciando neste momento histórico a urbanização da cidade com a chegada dos primeiros operários. (IBGE, 2011). A figura a seguir (FIG. 9) ilustra a disposição da Usina Termelétrica e da mina no município:



FIGURA 9- Disposição da Usina Termelétrica Presidente Médici e as minas de carvão no município de Candiota-RS. Imagens datadas de 2/7/2008. Coordenadas: 31°32'27.04"S - 53°37'18.83"O  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Google Earth, 2013.

A Usina Termelétrica Presidente Médici em Candiota possui capacidade instalada de 446 MW (CGTEE, 2013). Em 2012 a geração de MW atingiu a maior média dos últimos 14 anos chegando a 299,94 MW e, a geração de MWh o marco de 2.634.756,520 MWh.

QUADRO 1 – Geração de energia da Termelétrica Presidente Médici em Candiota, RS, de 1999 a 2012.

	Geração Candiota em MWh	Média Geração em Candiota MW
1999	1.873.807,400	213,88
2000	1.973.391,316	224,63
2001	1.531.477,014	174,80
2002	1.331.025,212	151,92
2003	1.353.997,320	154,54
2004	1.525.881,539	173,69
2005	1.735.858,982	198,13
2006	1.760.042,668	200,89
2007	1.250.505,720	142,73
2008	969.939,928	110,40
2009	945.107,913	107,87
2010	957.676,655	109,31
2011	1.858.221,935	212,12
2012	2.634.756,520	299,94

Fonte: Disponibilizado pela empresa por correio eletrônico à autora.

Quanto ao quadro de funcionários, ao atingir 96,3% da construção da fase C da usina (Candiota III, 350 MW) contou com mais de 4.130 trabalhadores em 31 de agosto de 2010. Mais tarde em 31 de outubro de 2010, eram 3.080 trabalhadores, já incluídos os 450 chineses que participaram da transferência de tecnologia. Em 31 de dezembro de 2010 eram 950 operários envolvidos com a construção da fase C sendo estes 180 chineses. Atualmente (31/03/2013) segundo divulgação de dados gerados pela empresa CGTEE/Eletrobrás, são 526 funcionários.

A Mina de Carvão Mineral da CRM em Candiota, de acordo com o Balanço CRM 2011, teve seu desempenho prejudicado devido a problemas operacionais nas Fases A+B e ajustes na Fase C da Usina Termelétrica Presidente Médici da CGTEE. Sendo assim a Mina de Candiota encerrou o ano com um fornecimento à UPME/CGTEE de 2.008.980 t, aproximadamente 60% do programado. O quadro a seguir mostra a produtividade de carvão mineral entre os anos de 2007 e 2011.

QUADRO 2- Índice de produtividade da Mina de Carvão Mineral em Candiota de 2007 a 2011.

DESCRIÇÃO	2007	2008	2009	2010	2011
Carvão Vendável (t/ano)	1.909.345	1.810.784	1.814.491	1.817.530	2.067.624
Total Homem/dia	88.403	87.461	83.504	83.483	109.702
PCV * (t/H/d)	<b>21,60</b>	<b>20,70</b>	<b>21,73</b>	<b>21,77</b>	<b>18,85</b>

\* Índice de Produtividade do Carvão Vendável – PCV

Fonte: Balanço CRM 2011. Disponível em: <<http://www.crm.rs.gov.br>>. Acesso em 4 abr. 2013.

A partir de novembro de 2010, para assegurar a demanda da Fase C da Usina, a Mina de Candiota aumentou sua capacidade de produção para 275.000 t/mês ou 3,3 milhões de toneladas/ano, o que representou um aumento em mais de 100% (CRM, 2012). Sobre o quadro de funcionários da mina de Candiota e mineiros filiados ao sindicato a empresa não forneceu estes dados.

### 2.1.3 O rural em Candiota, RS

Segundo dados do Departamento de Processamento de Dados do estado do Rio Grande do Sul, atualmente o município de Candiota possui cerca de 1.481 estabelecimentos rurais. Destes, 831 pertencem a famílias assentadas, representando 56% do total de estabelecimentos do município e 27% da área total (FIG. 10). Os assentamentos representam 61% do total de unidades da agricultura familiar. A média de terras de cada lote nos assentamentos é 28 hectares.

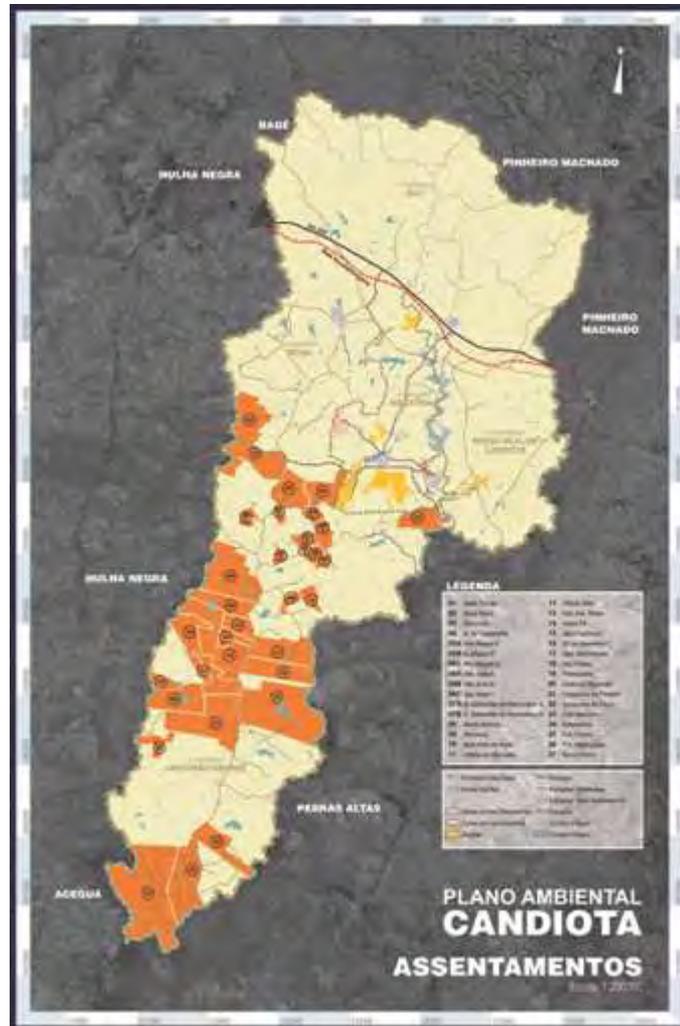


FIGURA 10- Distribuição dos assentamentos rurais (cor laranja) e as jazidas de carvão mineral (em amarelo).

Fonte: Mapa cedido pelo departamento ambiental da prefeitura de Candiota em 2012.

A agricultura familiar, tendo como base a mão de obra familiar, com quantidade de hectares menor ou igual a 112 ha<sup>10</sup> representa 92% dos estabelecimentos rurais. As médias propriedades, com área maior que 112 ha e menor que 500 ha, correspondem a 91 estabelecimentos, ou seja, 6,2% do total; as grandes propriedades, maiores ou iguais a 500 ha, correspondem a 27 estabelecimentos, 1,8% do total, que juntos somam 17.226,83 hectares, representando 18,45% do território do município (SITAGRO, 2012). Sendo assim, a região é

<sup>10</sup> Até 112 ha ou até 4 módulos (em Candiota, cada módulo corresponde a 28 ha de terra).

majoritariamente composta pela representatividade do número de estabelecimentos de agricultura familiar.

Candiota é o segundo município com maior número de famílias assentadas no Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas de Hulha Negra, na mesma região (FIG. 11).

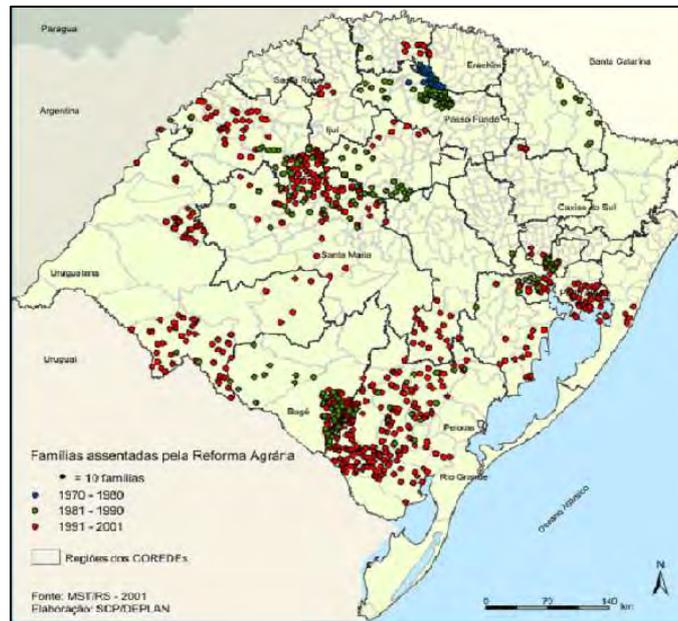


FIGURA 11- Mapa das famílias assentadas pela reforma agrária.

Fonte: Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul. Economia- Agricultura-Assentamentos.

Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/exibeImg.asp?img=129>>. Acesso em 2 dez. 2011.

Os assentamentos da área estudada, com suas pequenas propriedades, contrastam com os latifúndios da região, que devido à reforma agrária, hoje somam um menor número se comparados àqueles. De acordo com Fritz (2004), a pecuária extensiva de corte e de leite e a produção de arroz são bastante expressivas no município.

De acordo com Navarro (2009), em torno de 20% do total de assentamentos criados no estado localizam-se em Candiota, Hulha Negra e Aceguá. No período entre 1970 e 1997, em torno de 20% dos assentamentos criados no estado foram nesta região. Contabiliza-se 1.007 famílias assentadas em 25.469 hectares de responsabilidade do governo do estado, com assistência técnica da EMATER, ou em nível federal, de responsabilidade do INCRA, tendo a COPTEC prestando a assistência técnica aos agricultores.

Quanto à ocupação dos agricultores assentados na região, segundo Fritz:

Além disso, na estratificação dos agricultores, evidencia-se que os que pertencem ao movimento sem terra vêm ocupando áreas significativas dos municípios, por existirem terras improdutivas e também outras, que estão à venda, baseadas na pecuária extensiva, com condições pouco favoráveis à

prática agrícola, tendo em vista que representam áreas de reserva mineral. (FRITZ, 2004, p. 44).

Ressalta-se a situação dos assentamentos localizados em uma área de solos rasos, não apropriados para a atividade agrícola e em áreas onde já foram prospectadas e confirmadas a presença de jazidas carboníferas. Sobre a relação entre o carvão e as culturas agropecuárias da região, há relatos informais dos moradores:

Quanto aos efeitos da utilização e exploração do carvão na atividade agropecuária, as respostas foram quase unânimes: não são possíveis identificar. Parte da população rural revelou que, nos primeiros anos de funcionamento de Candiota I, por volta da década de 60, o uso do carvão trazia problemas para os animais, descalcificando os ossos.<sup>11</sup> (FRITZ, 2004, p. 40).

De acordo com Navarro *et al.*, (2009), além da pecuária extensiva esta região abriga também grande produção de arroz mecanizado.

Sendo assim, o cenário rural do município de Candiota é marcado pelo grande número de estabelecimentos de agricultura familiar, sendo em sua maioria composta por assentamentos. Em relação aos efeitos da exploração do carvão nos cultivos e na criação de gado, há relatos da população rural, mas não há trabalhos científicos que comprovem esta relação.

## 2.2 O PROBLEMA DE PESQUISA

A geração de energia por intermédio da exploração do carvão mineral em Candiota faz parte de uma agenda governamental de empreendimentos no setor energético projetados pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), sendo a construção da Fase C da usina termelétrica a maior obra do PAC no Rio Grande do Sul (PORTAL BRASIL, 2011).

O modelo de desenvolvimento que se projeta pelo governo sugere o “desenvolvimento econômico e social, que combina crescimento da economia com distribuição de renda e proporciona a diminuição da pobreza” (BRASIL, 2012). O Brasil está em um processo de desenvolvimento da economia, atualmente ocupando o sexto lugar com maior PIB em esfera mundial (FELLETT, 2012). A energia elétrica e os combustíveis são considerados essenciais para a continuação do crescimento econômico, alimentando indústrias, gerando empregos, possibilitando poder de consumo e maiores possibilidades de ascensão social segundo o Portal

---

<sup>11</sup> Importante ressaltar que Candiota I não teve seu licenciamento ambiental, pois ainda não era uma exigência legal.

Brasil. Conforme Castro, Leite e Dantas (2011, p. 5) “a realização de objetivos, planos e metas de desenvolvimento sócio-econômico de um determinado país passa pelo acesso democrático e universal à energia e, mais especificamente, à energia elétrica”. O aumento do consumo advém da aquisição de eletrodomésticos e outros bens que necessitam de eletricidade, daí a justificativa governamental para importância de empreendimentos energéticos que garantam a geração de eletricidade e a movimentação da economia. Nesse sentido, a exploração do carvão mineral em Candiota não é um investimento isolado, mas sim componente de uma política energética que envolve outros setores como o da hidroeletricidade e o petrolífero, por exemplo. Atualmente pesquisadores têm se ocupado em estudar fenômenos sociais provocados pela instalação de empreendimentos energéticos no meio rural, porém voltados majoritariamente à hidroeletricidade. Os assuntos que dizem respeito à geração de energia por meio de termelétricas a carvão mineral pouco têm ocupado atualmente a esfera pública. Nas buscas em mídia eletrônica internacional, o assunto carvão mineral e meio rural predomina nas fontes africanas.

Em Moçambique, a Companhia Vale do Rio Doce, empresa brasileira, realiza extração de carvão mineral em territórios camponeses. Essa região da África austral detém grandes reservas de água do subcontinente, reservas de fontes de energia renovável, de carvão de coque, ao mesmo tempo em que possui um grande potencial agrícola (RÜCKERT; MUNGÓI; RAMBO, 2009). Assim como Moçambique, Candiota também possui reservas de carvão e potencial na produção rural, a agricultura e pecuária extensiva. Isto posto, destaca-se a relação que a exploração do carvão mineral ou atividade carbonífera<sup>12</sup> e o ambiente rural possui em ambos continentes, inferindo-se a relevância internacional das relações entre a mineração e a realidade rural, bem como seus impactos sociais e ambientais.

A região fitogeográfica de Candiota caracteriza-se pelo bioma Pampa, que é marcado por atividades econômicas relacionadas à criação de gado, monocultivos de espécies arbóreas exóticas e picos de estiagem no verão. Essas especificidades compõem o cotidiano e o cenário em que se processam e se organizam as representações dos distintos grupos sociais.

Tanto as atividades econômicas rurais, quanto a exploração do carvão e a geração de energia, determinam impactos na natureza, podendo representar para os atores distintas valorações. Essas mesmas atividades, ao atingirem as construções valorativas e a formação de opinião, influenciam na maneira como os grupos sociais operam o seu cotidiano. Nesta pesquisa, o foco direciona-se à exploração do carvão mineral ou atividade carbonífera, aqui

---

<sup>12</sup> Neste trabalho os termos “exploração do carvão” e “atividade carbonífera” são tratados como sinônimos.

como sinônimos, e os processos de construção e identificação das representações sociais que o perpassam.

Por outro lado, os estudos relacionados ao carvão mineral na região sul do Brasil, em sua maioria, tratam de questões técnico-ambientais, geológicas, ecológicas, botânicas bem como na área da engenharia química sobre concentrações de poluentes na atmosfera. A partir de estudos como o da ONG Amigos da Terra (2004; 2008) e trabalhos acadêmicos como o de Denardim (1999), Schultze (2001), Teixeira *et al.* (2004) e os estudos do Centro de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pode-se identificar os impactos da exploração do carvão sobre o meio ambiente e sobre a saúde das pessoas. Pesquisas como a de Costa (2005), Duarte e Pasqual (2000), Leffa e Andrade (2008) avaliam o potencial tóxico de alguns componentes do carvão em plantas e no solo em outras localidades. Nos estudos sobre os impactos socioambientais do carvão, o destaque se dá aos trabalhos de Milioli *et al.* (2009) e os do grupo de estudo Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina (2004), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

O conhecimento sobre impactos ambientais é importante na análise realizada neste trabalho, pois influenciam as ideias de meio ambiente e da exploração do carvão que os atores possuem. O tema meio ambiente é muito disseminado na região, principalmente em relação aos efeitos poluidores da extração e usos do carvão, perpassando os assuntos ligados à saúde e à qualidade de vida, situando-se assim entre os elementos que envolvem as disputas entre os atores. A análise das representações sociais na região também se faz necessária para auxiliar na elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento rural da região e para reflexão quanto aos interesses em torno da exploração carbonífera.

A escolha das representações sociais como referencial teórico-metodológico deve-se à dinâmica visualizada no campo exploratório, relativo ao fato de que as pessoas possuem um olhar subjetivo, repleto de significados e que muitas vezes se contradizem quando o assunto é a atividade carbonífera. Havia a necessidade de apropriação de uma teoria que tivesse por alvo de estudo as construções e interpretações que os próprios sujeitos possuem a partir da coesão dos grupos a que pertencem. Essa construção e interpretação do real transcendem os grupos, são elaborações que chegam até eles após passarem por uma série de indivíduos de grupos diferentes em contextos similares ou distintos. As representações são dinâmicas no tempo e respondem à conjuntura, ao que é comum em uma sociedade, ao sistema político-econômico, por exemplo, ou à relação de algum tipo de dependência a fatores locais. Segundo Moscovici,

Enquanto essas representações que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-criadas e re-apresentadas. [...] eu quero dizer que elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrerem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente. (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Deste modo, as representações estão inseridas em um conjunto de simbolismos, valores e práticas de uma determinada sociedade. Para Farr as representações sociais são:

Sistemas cognoscitivos con una lógica y un lenguaje propios. No representan simplemente opiniones acerca de, “imágenes de”, o “actitudes hacia” sino “teorías o ramas del conocimiento” con derechos propios para el descubrimiento y la organización de la realidad. Sistemas de valores, ideas y prácticas con una función doble: primero, establecer un orden que permita a los individuos orientarse en su mundo material y social y dominarlo; segundo, posibilitar la comunicación entre los miembros de una comunidad proporcionándoles un código para el intercambio social y un código para nombrar y clasificar sin ambigüedades los diversos aspectos de su mundo y de su historia individual y grupal. (FARR, 1983 apud MORA, 2002, p. 7).

Conforme Farr, as representações não são apenas opiniões, mas seriam então organizações de uma realidade imersa em um sistema de valores e práticas. Dessa forma, o uso das representações sociais foi escolhido a partir do entendimento de que o objetivo seria entender como as pessoas entendem a atividade carbonífera em Candiota, lhes dar voz, analisar as interpretações imersas nos seus universos consensuais.

Fomentar o desenvolvimento de uma região pode basear-se numa série de práticas e teorias, desde um enfoque que privilegia o fortalecimento econômico até uma abordagem que preze por outras formas de bem-estar social, focado na qualidade de vida, o que envolve também a interação com o meio biótico e abiótico. Os modelos que prezam pelo fortalecimento econômico a qualquer custo, podem “[...] afrontar as questões ambientais e os desequilíbrios sociais, agravados pela aplicação dos critérios da racionalidade econômica ‘produtivista’ nas últimas décadas.” (COSTABEBER, 1999, p. 80), podendo interferir na qualidade de vida e na relação das populações rurais com o ambiente.

No contexto da região de Candiota, os eixos produção rural/desenvolvimento/meio ambiente são indissociáveis, uma vez que para entender as representações sociais da

exploração do carvão deve-se levar em conta a importância da produção rural no município e o fenômeno da migração dos produtores rurais para o trabalho na atividade carbonífera. Nesse contexto de representatividade da atividade rural, surgem ideias de desenvolvimento que, se colocadas em prática, favorecem um ou outro setor econômico, demandando fluxos de ida e vinda entre campo e cidade, influenciando positiva ou negativamente a relação da população com o meio ambiente. O meio ambiente, por sua vez, ao mesmo tempo em que é afetado pelas atividades econômicas é também essencial para a perpetuação das mesmas e da população do município de forma geral.

A necessidade de expansão da matriz energética brasileira e o crescimento econômico são citados pelos atores entrevistados como justificativas aos posicionamentos da população candiotense frente à atividade carbonífera. Este atrelamento é identificado na esfera pública<sup>13</sup>, por meio de políticas públicas e justificativas que sustentam o posicionamento dominante do governo e das empresas. Em meio ao contexto de um debate sobre a necessidade de desenvolvimento econômico para Candiota, é preciso identificar e buscar entender os fatores que influenciam este debate. No universo consensual<sup>14</sup> da população, são conhecidos os altos níveis de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o PIB<sup>15</sup> (Produto Interno Bruto) do município. Os atores contrastam estes altos índices com as suas experiências pessoais e cotidianas, como a migração dos agricultores e pecuaristas para a cidade, a carência de infraestrutura urbana e rural e às taxas de desemprego. Em um contexto de desenvolvimento econômico que estaria sendo propiciado pela usina, quais as representações sociais que os distintos atores compartilham em torno do carvão mineral e das relações com meio rural?

O objetivo geral deste trabalho é: analisar as representações sociais da atividade carbonífera e a forma como essas representações incorporam as ideias de agropecuária, meio ambiente e desenvolvimento.

Os objetivos específicos são: (1) identificar os atores envolvidos com o meio rural e concomitantemente com a atividade carbonífera no município de Candiota, RS; (2) identificar e analisar as relações entre o meio rural e atividade carbonífera no município; (3) identificar as noções de agropecuária, meio ambiente e desenvolvimento para os atores analisados.

---

<sup>13</sup> Entende-se por esfera pública “o espaço comum a todos os membros da comunidade onde a vida comunitária se torna visível e conhecida pela comunidade.” (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 147).

<sup>14</sup> Para SÁ (1993, p. 28), “aos universos consensuais correspondem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as Representações Sociais. As “teorias” do senso comum que são aí elaboradas não conhecem limites especializados, obedecem a uma lógica, já chamada de ‘lógica natural’, utilizam mecanismos diferentes de ‘verificação’ e se mostram menos sensíveis aos requisitos de objetividade do que a sentimentos compartilhados de verossimilhança ou plausibilidade.”

<sup>15</sup> Dado do IBGE, 2010.

A relevância deste estudo para o desenvolvimento rural está nos aspectos relacionados às relações sociais existentes entre as populações urbana e rural que dependem dos processos de construção das representações e identidades dos atores, a respeito do meio ambiente e do próprio desenvolvimento rural. As formas de influência do tema carvão no meio rural determinam o posicionamento dos entrevistados e orientam as suas práticas.

Os impactos de empreendimentos energéticos tem sido alvo de estudos científicos, porém tratam em sua maioria de hidrelétricas. Porém, a problemática envolvida no tema carvão mineral têm origens e reflexos específicos no empírico estudado.

As hipóteses que se desenvolve a respeito deste tema são de que:

- Existem relações bem definidas entre o meio rural e a atividade carbonífera;
- Essas relações estão condicionadas a fatores externos à atividade agropecuária, ou seja, a motivações que levam ao abandono do campo fomentadas pelas melhores condições de vida e pelo desenvolvimento econômico que o carvão pretensamente proporciona à cidade;
- Os diferentes níveis de apropriação do debate sobre a exploração carbonífera em Candiota faz com que hajam diferenças no entendimento das reais implicações ambientais. O “fator ambiental”, por sua vez, é condicionante para o posicionamento e apoio por parte da população rural à atividade carbonífera e determinante na formação das representações sociais.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa empírica foi realizada no município de Candiota e conduzida compreendendo o campo exploratório de 24 a 29 de outubro de 2011 e a pesquisa de campo, de 30 de janeiro a 23 de março de 2012. Metodologicamente, pode-se empregar as representações sociais de maneira qualitativa e quantitativa. Neste trabalho priorizou-se o método qualitativo - com complementos quantitativos - por entender que seria a melhor escolha frente às fontes empíricas estudadas.

O caráter quantitativo fornece uma maior exatidão aos dados de forma numérica, a partir de análises de conteúdo lexicais, visando à identificação de palavras ou termos mais frequentes. Porém, para Abric (1994, p. 22),

O papel central de um elemento não pode ser identificado exclusivamente por uma dimensão quantitativa. Em vez disso, o núcleo central representacional tem antes de tudo uma dimensão qualitativa.”<sup>16</sup>

Sendo assim, a opção pelo método qualitativo pode ser acompanhada por dimensões quantitativas, conforme a necessidade que é percebida por meio do contato com o objeto de pesquisa, sendo ambos igualmente importantes. Segundo Jovchelovitch (2000, p. 218),

A questão central, portanto, não é a de que técnicas quantitativas podem oferecer ao pesquisador o que as qualitativas não podem e vice-versa. A questão real é qual o aparato conceitual e a natureza do problema que determina a metodologia a ser utilizada. Em cada caso é necessário qualificar o uso de diferentes metodologias em relação tanto aos postulados e enquadre teórico de um projeto como em relação às características do objeto sendo estudado.

Portanto, neste trabalho, julgou-se o método qualitativo como essencial para entender o conteúdo das entrevistas bem como os discursos que se interpõem ao objeto das representações sociais: a exploração do carvão. A contagem de palavras frequentes foi utilizada nas análises das dimensões de Moscovici, apenas como uma forma auxiliar à análise de conteúdo.

A reflexão teórica em torno das representações sociais auxiliou na delimitação e na construção do objeto de pesquisa e na explicação científica dos fenômenos observados. O

---

<sup>16</sup> Par ailleurs, la centralité d'un élément ne peut pas être rapportée exclusivement à une dimension quantitative. Au contraire, le noyau central a avant tout une dimension qualitative (Tradução livre da autora).

aporte metodológico, por sua vez, permitiu definir os meios de análise de acordo com os pressupostos da teoria, obedecendo à identificação dos processos de construção das representações, as dimensões envolvidas e como estas se organizam.

É inerente ao ser humano que as experiências cotidianas despertem julgamentos e valorações, atribuindo algum sentido àquilo que possa lhe parecer estranho. As noções que se constroem a respeito de um objeto ou fenômeno orientam as posições e as práticas dos indivíduos auxiliando em como lidar com ele.

O homem não pode viver entre as coisas sem formular ideias a respeito delas, e regula sua conduta de acordo com tais ideias. Mas, devido a estarem as noções mais próximas de nós e mais ao nosso alcance do que as realidades a que correspondem, tendemos naturalmente para substituir por elas estas últimas, transformando-as na própria matéria de nossas especulações. (DURKHEIM, 1974, p. 13).

Sendo assim, para uma maior validade do estudo das representações sociais, o pesquisador(a) precisa ter sensibilidade a ponto de “ler nas entrelinhas” do conteúdo das falas mantendo, ao mesmo tempo, um distanciamento para evitar que uma única ideia seja especulada. Este distanciamento deve se dar em relação a pré-julgamentos a respeito do objeto da representação, ao mesmo tempo em que busca a aproximação do empírico. Esta aproximação, em um estudo como este, é essencial para a confiabilidade da pesquisa e interação com a realidade, afinal “as coisas se mostram como realidade somente quando interagimos com elas.” (WAGNER, 1995, p. 154). As especulações precisam ter no empírico o cenário em que as representações são construídas e compartilhadas; o pesquisador não pode inferir ou deduzir interpretações senão a partir da imersão no empírico, das dimensões do cotidiano. Durante o campo exploratório foram realizadas visitas orientadas por informantes-chave, pesquisa documental e registro fotográfico. O campo exploratório, ainda que breve, foi essencial para a problematização e escolha do referencial teórico-metodológico. A visita ao local de estudo, antes da construção do projeto de pesquisa, possibilitou o entendimento dos elementos passíveis de serem pesquisados e, posteriormente, as próprias escolhas. Ademais, o próprio campo exploratório possibilitou o recorte do objeto estudado e a partir dele iniciou-se a construção do roteiro de entrevistas.

O percurso da construção do roteiro de entrevistas iniciou com delimitação dos eixos agropecuária – desenvolvimento - meio ambiente que, depois de muita reflexão sobre o tema, apareceram como os elementos essenciais para problematizar o objeto de representação: a exploração do carvão. Optou-se por construir o roteiro com algumas perguntas em blocos

conforme estes eixos e outras que pudessem indicar os elementos que perpassam as dimensões (informação, campo representacional e atitude) em que se processam a construção das representações sociais. A partir das primeiras entrevistas outras perguntas foram incorporadas a fim de identificar as ideias que os atores manifestavam sobre alguns termos mais recorrentes.

Durante a pesquisa de campo houve a imersão da pesquisadora no ambiente local durante 53 dias. O alojamento foi no meio rural do município com constantes idas à cidade. Tentou-se participar do cotidiano dos entrevistados através da participação em reuniões, manifestações públicas e em atividades de entretenimento.

A escolha dos grupos sociais estudados se deu no campo exploratório e durante a pesquisa de campo. Estes foram mapeados e posteriormente identificados informantes-chave que pudessem facilitar a aproximação do grupo. O critério de seleção obedeceu aos seguintes requisitos: aproximação do contexto rural do município, algum tipo de envolvimento com a exploração do carvão e a influência na formação de opinião do público local sobre estes temas.

A partir desses critérios, Foram identificados sete grupos: (1) ONGs e ambientalistas; (2) agricultores (assentados); (3) pecuaristas (não assentados); (4) ex-agricultores e ex-pecuaristas; (5) trabalhadores em empresas carboníferas; (6) prefeitura; e (7) técnicos da assistência técnica e extensão rural. No grupo de ambientalistas foram classificados os ambientalistas de ONGs ou OSCIPs. Foram entrevistados ambientalistas das entidades Vigilantes Ambientais de Candiota e ambientalistas de Porto Alegre.

Durante a elaboração do roteiro de entrevistas foi realizada uma nova divisão, incluindo atores que não haviam sido mapeados anteriormente, como os ex-agricultores e ex-pecuaristas e os ambientalistas, incluídos na listagem anterior.

O público rural foi dividido em agricultores assentados e pecuaristas e, na necessidade de maior especificidade, em pecuaristas de pequena, média ou grande propriedade<sup>17</sup>. O grupo dos agricultores é constituído de pessoas que tiveram suas famílias assentadas por programas de reforma agrária e vinculados ao MST. Foi entrevistado um agricultor e não assentado com propriedade próxima aos assentamentos; decidiu-se por classificá-lo também a partir de sua autodenominação: agricultor, somando-se ao grupo dos demais agricultores. O grupo de ex-agricultores e ex-pecuaristas é constituído por pessoas que viviam no campo e emigraram para

---

<sup>17</sup> A classificação referida pela pesquisadora durante o estudo está em conformação com a EMATER dos municípios de Bagé e Candiota. Até quatro módulos de terra (28hectares) classifica-se como pecuária familiar, de 112 ha até 499 ha média propriedade e demais grande propriedade, para a região de Bagé, RS.

a cidade. As empresas carboníferas são empresas que atuam no município: CGTEE/Eletróbrás, responsável pela usina termelétrica, e CRM, responsável pela mina de carvão. No grupo de quadros da prefeitura foram incluídos os quadros que não possuem outro vínculo com a temática a não ser a sua relação com a prefeitura. Por fim, no grupo de técnicos da assistência técnica e extensão rural, consideraram-se os técnicos da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) - Candiota e COPTec (Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos) - Candiota. Essa divisão em grupos foi essencial para a elaboração das entrevistas e posterior apreciação dos conteúdos e comportamentos que possibilitaram a identificação e análise das representações.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e previamente analisadas a fim de se estabelecer os parâmetros para a interpretação. Os dados obtidos foram armazenados no software NVIVO7. Este programa permite a armazenagem dos dados e alguns recursos de auxílio às análises como, por exemplo, a categorização dos conteúdos apreendidos. Eles são codificados em nós de significados (*Tree Nodes* e *Free Nodes*). Estabeleceu-se a frequência das palavras através da contagem e identificação do contexto em que as palavras que mais aparecem em cada grupo (FIG. 12)

Name	Sources	References	Created
A representação social da exploração do carvão	0	0	05/05/2012 21:1
Atitude	0	0	
Campo da representação	0	0	
Informação	0	0	
Agropecuária e a exploração do carvão mineral	0	0	05/05/2012 21:1
de que forma a exploração do carvão influencia na vida rural	43	133	
idéias de agropecuária, atividade primária	38	77	
Panorama rural	43	49	
Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral	0	0	05/05/2012 21:0
A NÃO contribuição da exploração do carvão para o desenvolvimento	0	0	
Contribuição da exploração do carvão para o desenvolvimento	44	45	
Idéias de desenvolvimento	45	177	
Meio ambiente e exploração do carvão mineral	0	0	05/05/2012 21:1
ambientalização do discurso em torno da exploração do carvão	11	15	
de que forma a exploração do carvão interage com o meio ambiente	2	2	
consequências ambientais da exploração do	44	44	09/05/2012 21:15
ideia de meio ambiente	45	84	

FIGURA 12- Interface do programa NVIVO7 ilustrando alguns dos nós codificados através das entrevistas.

Fonte: Imagem copiada do NVIVO7, 2012.

O roteiro de entrevistas foi construído a partir da ótica dimensional de Moscovici (1978). Para a análise das respostas dividiu-se o roteiro em blocos conforme as dimensões: campo representacional, informação e atitude. As respostas foram vinculadas a estes blocos permitindo o estudo das dimensões a partir das percepções de cada grupo. Para tal utilizou-se, de maneira auxiliar, a frequência de palavras para identificação do vocabulário existente no universo consensual. A frequência foi estabelecida por meio do software NVIVO7, a partir das funções *Queries*, *word frequency*. As palavras encontradas de forma hierarquizadas, por ordem de número de vezes em que apareceram no texto, foram analisadas uma a uma a partir do contexto em que se encontravam no conteúdo das falas. Foram excluídas as palavras que, utilizadas durante a formulação da pergunta, induziam a sua repetição pelos entrevistados na resposta. Para categorização das ideias que os atores possuem sobre *meio ambiente*, *agropecuária e desenvolvimento* foram usadas as relações da indução de palavras. Após este procedimento, categorizou-se as palavras das induções *meio ambiente*, *agropecuária e desenvolvimento* com as demais perguntas relacionando com a atividade carbonífera. Analisou-se as ideias que os atores possuem de cada termo, as representações sociais sobre eles e a sua interação para chegar-se ao entendimento das representações sociais da atividade carbonífera de cada um dos grupos.

No roteiro de entrevistas foi utilizado o recurso da indução de palavras, mas de forma a auxiliar a introdução da entrevista, ajudando o entrevistado a se familiarizar com o assunto que seria tratado, a principal contribuição foi na sistematização sobre as ideias de desenvolvimento, agropecuária e meio ambiente. Sendo assim, a indução de palavras foi utilizada apenas como complementação às perguntas do roteiro. Por meio das análises de correspondências, a partir da associação livre de palavras no início do roteiro de entrevistas, pôde-se preparar o entrevistado para o tema. Este método consiste em pedir-lhe para que informe as palavras que lhe vêm à mente quando a pesquisadora citava uma determinada palavra. Este procedimento auxiliou as análises posteriormente, tornando possível correlacionar as respostas associativas às respostas das perguntas, identificando possíveis contradições.

A apresentação de palavras que induzem uma formulação sobre os eixos de análise (agropecuária, meio ambiente e desenvolvimento) auxiliaram a dimensionar a representação por meio das correspondências,

“[...] para establecer el grado de similitud que existe entre los diversos campos semânticos y así generar unas representaciones gráficas en donde es

posible visualizar el grado de solapamiento o de independencia entre los campos [...]” (MORA, 2002, p. 15).

Para o estabelecimento das palavras que compõem a centralidade das representações sociais e os elementos periféricos não foram utilizados softwares quantitativos, entendendo-se desnecessário este recurso. Tem-se em vista a prioridade deste trabalho aos conteúdos, tendo as estruturas das representações sociais um papel auxiliar, e o foco da análise é qualitativo de forma que a preocupação em quantificar as palavras tornou-se secundária. (ANADON; MACHADO, 2011).

Segundo Farr (1993 apud SÁ, 1998), a teoria das representações sociais não exige nenhum método específico de pesquisa, porém, a observação participante e a entrevista semi-estruturada são freqüentemente empregadas. De acordo com Gil (2008), a entrevista semi-estruturada é ideal quando o entrevistado se sente desconfortável em responder questões formuladas com maior rigidez. A previsão de um possível desconforto por parte dos entrevistados foi antecipada pela pesquisadora durante o campo exploratório, levando à escolha da entrevista semi-estruturada.

No total foram entrevistadas 46 pessoas tendo sido transcritas 45, perfazendo um total de aproximadamente trinta e cinco horas de áudio.

Conforme Gil (2008), a entrevista é um método eficiente para obtenção de dados mais profundos acerca do comportamento humano, aspecto este de profunda relevância no estudo das representações sociais. Durante as entrevistas reformularam-se as perguntas instantaneamente, sendo possível identificar as contradições e a pressão à inferência exercida pelos grupos. Este conceito pretende explicar a pressão exercida pelo grupo sobre o indivíduo que o compõe a fim de manter a homogeneidade de opinião. Como alguns entrevistados não possuem domínio de leitura e escrita, evitaram-se constrangimentos fazendo-se as perguntas oralmente. As entrevistas foram lidas e as respostas gravadas, assim como o termo de consentimento, havendo apenas duas recusas de participação. O roteiro da entrevista e o termo de consentimento estão apresentados como apêndice.

A importância da observação participante está na possibilidade de perceber aspectos que não aparecem claramente nas respostas da entrevista bem como nas conversas. Por meio da imersão em campo foi possível a construção de laços de amizade e confiança, possibilitando informações que, do contrário, não teriam sido obtidas. Durante a convivência cotidiana foi adotado o método da observação participante em que “o pesquisador integra-se e participa na vida de um grupo para compreender-lhe o sentido de dentro.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 178).

Como o pesquisador na observação também observa e pré-julga inconscientemente os fatos conforme a sua inserção política e acadêmica na temática, seus valores, crenças, expectativas e opiniões, manteve-se a vigilância a fim de tentar perceber os detalhes o mais imparcialmente possível, de maneira a compreender a lógica interna do discurso e as suas motivações. É importante nesta técnica que o pesquisador tenha um conhecimento prévio do contexto em que vai trabalhar e aspectos que deverão ser mais observados. O campo exploratório foi essencial neste sentido.

A opção por estabelecer-se próximo aos assentamentos da região deveu-se ao interesse que os agricultores demonstraram nos contatos feitos durante a elaboração do projeto, bem como a sua disposição em receber e auxiliar na pesquisa. O acesso aos pequenos, médios e grandes proprietários se deu com o apoio da EMATER de Bagé e Candiota, e os assentados por intermédio da COPTec. A partir das visitas de campo exploratório foram escolhidas as famílias e propriedades a serem entrevistadas.

No primeiro momento, a escolha das famílias não assentadas e assentadas se deu pelo contato com os informantes-chave. A partir destes foi possível chegar aos interlocutores locais que puderam compartilhar a trajetória das famílias, mapeando as que tiveram algum envolvimento com a exploração do carvão e as que nunca tiveram. As visitas às famílias ocorreram conforme indicação das mesmas e dos interlocutores, pelo método bola de neve<sup>18</sup>, até a saturação das informações provenientes das entrevistas. (GHIGLIONE; MATALON, 1998).

Quanto aos pecuaristas, começou-se a entrevistá-los quando já se tinha dez entrevistas de assentados. Por meio de conversas com a EMATER foram escolhidos os entrevistados com base na relação com o tema do carvão no município. Durante o período de campo, os próprios agricultores e pecuaristas foram indicando outros a serem entrevistados. A seguir a distribuição geográfica dos entrevistados no município. (FIG. 13).

---

<sup>18</sup> O interlocutor indica informantes-chave que por sua vez indica outro e assim sucessivamente. A pesquisadora a partir destas indicações selecionou os possíveis participantes da pesquisa.

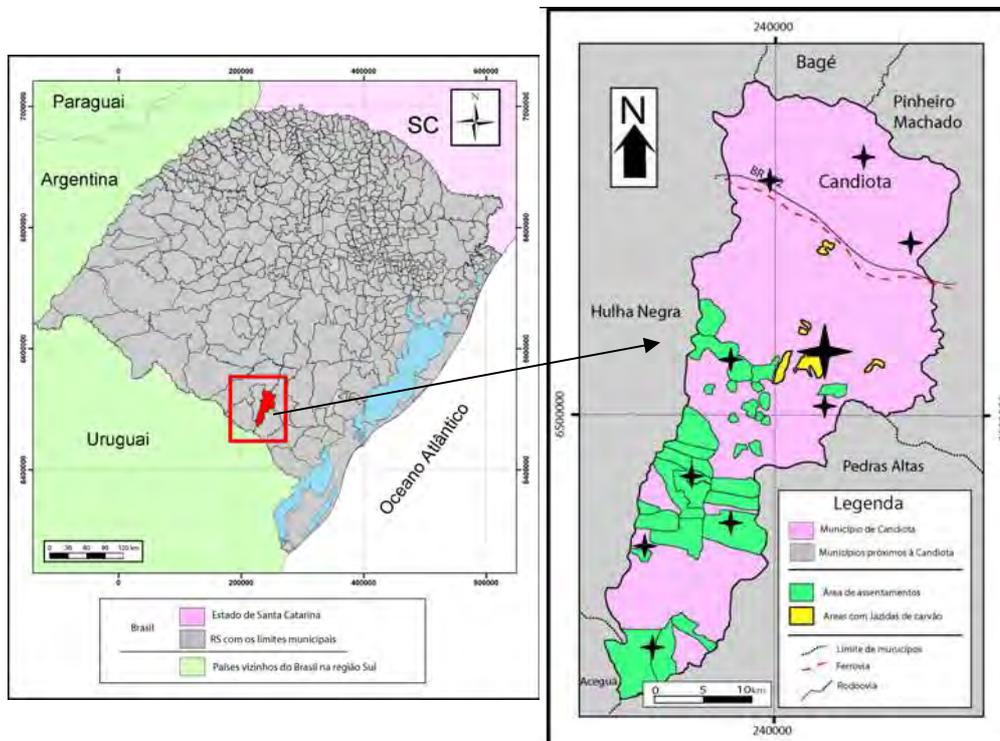


FIGURA 13- Distribuição das entrevistas realizadas conforme a região do município. As estrelas (✦) destacam as regiões onde foram realizadas as visitas e entrevistas.  
Fonte: Zvirtes, 2013.

A decisão de tentar não entrevistar apenas famílias próximas, mas sim buscar uma maior abrangência geográfica se deu pelo entendimento de que as representações sociais são passíveis de mudanças conforme os contextos sociais, bem como a aproximação dos entrevistados ao objeto de estudo tanto de forma física quanto subjetiva.

### 3.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A teoria das representações sociais deve seu desenvolvimento em grande parte a Serge Moscovici, importante pesquisador na área da Psicologia Social. As fontes intelectuais deste autor tem suas origens na teoria das representações coletivas de Emile Durkheim e nos

estudos dos pesquisadores Lévy-Bruhl, Piaget, Vygotsky e Freud. (JOVCHELOVITCH, 2011).

Durkheim escreveu *As regras do método sociológico* no final do século XIX, no contexto em que o senso comum, segundo ele mesmo, Comte, Bachelard e outros estudiosos da época, carregava um sentido de falsidade devendo ser superado pela ciência, pelo saber científico, pelo pensamento privilegiado dos intelectuais (VIANA, 2008). Esses pensadores relacionam o senso comum ao trabalhador comum e manual, e o saber científico aos trabalhadores intelectuais. Nota-se nesta separação o forte teor de um recorte de classes, oriundo da moderna divisão social do trabalho, sendo o senso comum também um conceito carregado de sentido ideológico. Segundo Viana (2008, p. 32), “tanto o positivismo clássico quanto o positivismo fenomenológico propõem a ruptura com o senso comum”. Metodologicamente, o senso comum seria falso, mas de um ponto de vista fenomenológico, no que tange às análises científicas focadas no estudo da cultura popular, ele é tomado como verdadeiro e exaltado. A ideia de senso comum foi construída pela própria sociologia, logo a crítica não deve ser direcionada ao senso comum como objeto, mas à realidade social contemporânea, à sociedade capitalista, ao conteúdo que é atribuído, que produz e reproduz o senso que deve ser tomado e aceito como comum. Neste trabalho, a identificação do senso comum é essencial para que se possam compreender quais as bases das representações sociais que surgem a partir dos indivíduos, mas que são formadas coletivamente, dotadas de um senso comum produzido e reproduzido pela sociedade de economia capitalista.

A fim de explorar o conteúdo e a riqueza do termo “senso comum” é preciso partir de um novo conceito, do termo que pretende ser sua manifestação mais moderna, as representações sociais, inspirado nas representações coletivas de Durkheim. (VIANA, 2008). Segundo este autor, no fim do século XIX e início do século XX, com destaque aos estudos das ciências sociais, “o tema do saber cotidiano deixou de ser visto pelo prisma do senso comum enquanto pensamento falso passando a ter uma nova interpretação.” (VIANA, 2008, pp. 35-36). Durkheim, na obra *As regras do método sociológico* (1895), trabalha na ruptura entre ciência e senso comum, perspectiva modificada pelo autor a partir da abordagem das representações coletivas. Para ele, um exemplo de representação coletiva é a religião, que não pode ser entendida como falsa, pois ela está inserida em um determinado contexto, em um determinado condicionamento da existência humana, que apresenta a sua própria lógica. A religião não pode ser dividida em falsa ou verdadeira, pois está inserida em uma realidade existencial de um determinado grupo de pessoas, em uma realidade coletiva. Apesar da

proximidade, as representações sociais de Moscovici e as representações coletivas de Durkheim não são a mesma coisa, embora a primeira beba na fonte da segunda. Segundo Duveen, na introdução da obra *As representações sociais: investigações em psicologia social*, de Moscovici,

[...] enquanto Durkheim vê as representações coletivas como forma estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas, nas sociedades modernas. Essa própria diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações. (DUVEEN, 2003, p. 15).

Sendo assim, enquanto as representações coletivas se referem às tradições, a um conjunto de representações que é passado de geração a geração, homogêneo, a ideia de representação social de Moscovici é marcada pela diversidade e pelo dinamismo. (VIANA, 2008). Neste sentido, as sociedades de interesse de Durkheim seriam dotadas de primitividade, portanto, menos complexas em relação à sociedade moderna, estudada por Moscovici.

As representações sociais são significados que os atores carregam consigo acerca de um determinado objeto e, aliado a este significado, está a comunicação do grupo social, a influência das ideologias e as percepções dos atores construídas sobre seus interesses. Para Moscovici,

La representación social es una modalidad particular del conocimiento, cuya función es la elaboración de los comportamientos y la comunicación entre los individuos. La representación es un corpus organizado de conocimientos y una de las actividades psíquicas gracias a las cuales los hombres hacen inteligible la realidad física y social, se integran en un grupo o en una relación cotidiana de intercambios, liberan los poderes de su imaginación. (MOSCOVICI, 1979, pp. 18-19).

Serge Moscovici destaca também a relação entre a elaboração do comportamento dos indivíduos e a comunicação entre eles. A partir desta visão compreende-se a representação social como o estudo das relações entre os indivíduos e o imaginário que orienta suas práticas. As representações sociais “podem ser compreendidas como fenômeno (objeto de estudo), como teoria (no sentido de explicação científica do fenômeno) e como “metateoria” (a discussão em torno da teoria).” (VIANA, 2008, p. 45). É uma abordagem teórica acerca do saber popular e do senso comum que coletivamente são elaborados e reproduzidos a fim de construir e interpretar o real.

A principal contribuição da teoria das representações sociais (TRS) neste trabalho é sintetizada pelo pensamento de Spink (1993, p. 89), de que é necessário o entendimento de “como o pensamento individual se enraíza no social (remetendo, portanto, às condições de sua produção) e como um e outro se modificam mutuamente”. Além disso, a autora contribui com três esforços que considera importante para o entendimento deste enraizamento e as mudanças que ele provoca:

1. compreender o impacto que as correntes de pensamento veiculadas em determinadas sociedades têm na elaboração das Representações Sociais de diferentes grupos sociais ou de indivíduos definidos em função de sua pertença a grupos; 2. entender os processos constitutivos das Representações Sociais e a eficácia destas para o funcionamento social. Entender, portanto: a) o papel das representações na orientação dos comportamentos e na comunicação; b) sua força enquanto sistema cognitivo de acolhimento de novas informações; 3. entender o papel das Representações Sociais nas mudanças e transformações sociais, no que diz respeito à constituição de um pensamento social compartilhado ou à transformação das representações sob o impacto das forças sociais. (SPINK, 1993, p. 89)

Este último item sugere uma atenção especial para o papel que a exploração do carvão mineral em Candiota pode ter nas transformações sociais. Um exemplo é o abandono do campo para buscar trabalho no meio urbano.

Mora (2002) indica que Moscovici observa três condicionamentos de emergência das representações sociais: dispersão da informação, a focalização do sujeito individual e coletivo e a pressão da inferência do objeto socialmente definido. Para Moscovici (1979, pp. 176-177), “Los datos de que disponen la mayor parte de las personas para responder a una pregunta, para formar una idea a propósito de un objeto preciso, son, generalmente, a la vez, insuficientes y superabundantes”. Ou seja, as informações que as pessoas possuem e compartilham geralmente são muitas, porém insuficientes. Em relação a este trabalho, as informações que chegam até os atores dizem respeito à exploração do carvão em Candiota (desde qualidade das emissões atmosféricas, entre outras) que são muitas e diversas. O foco dado pelo sujeito ou sua coletividade varia conforme seus interesses. Concretamente, o principal aspecto para alguns pode ser a geração de emprego, a necessidade de infraestrutura, pois esses elementos significam a manifestação de seus interesses pelos benefícios que a exploração do carvão traz ou possa vir a trazer.

Por outro lado, os grupos legitimam a participação dos indivíduos de acordo com as opiniões e discursos convergentes, sendo assim, os indivíduos sofrem uma pressão para que se posicionem quanto ao foco de interesse coletivo, a chamada pressão à inferência. Dessa forma, os atores analisados sofrem pressão do grupo ao qual pertencem para que se

posicionem: “en la vida corriente, las circunstancias y las relaciones sociales exigen del individuo o del grupo social que sean capaces, em todo momento, de estar em situación de responder.” (MOSCOVICI, 1979, p. 178).

Quanto à constituição das representações sociais, elas compreendem três dimensões apontadas por Moscovici: a informação, o campo de representação e a atitude. Optou-se por esta abordagem dimensional de conteúdo neste trabalho. Segundo Moscovici (1978, p. 71), as dimensões “fornecem uma panorâmica do conteúdo e do sentido” das representações sociais, sendo assim escolhida para análise das entrevistas.

O campo de representação, de acordo com Mora (2002), é a expressão hierarquizada dos conteúdos de uma representação, a sua valoração. Esta hierarquização está estreitamente relacionada à ideologia dominante acerca de um determinado fenômeno social. A informação diz respeito aos conhecimentos do grupo acerca do fenômeno social. Neste estudo a informação estará relacionada às informações que os atores possuem a respeito da exploração do carvão, ao tipo de informação que chega até eles. Um exemplo é a noção corrente de que a usina termelétrica não polui o meio ambiente e contrata muitas pessoas para trabalhar, porém, em determinados momentos os próprios atores observam a poluição e o grande número de desempregados na região.

Quanto à atitude, ela está relacionada “en la vida corriente o desfavorable en relación con el objeto de la representación social.” (MORA, 2002, p. 10). No empírico estudado, esta dimensão diz respeito à orientação geral de um determinado grupo de atores. Nesta dimensão entra em questão o posicionamento, a atitude em relação à percepção quanto às mudanças da paisagem, quanto à alteração nas dinâmicas sociais como, por exemplo, o retorno ao meio urbano e o posicionamento e as ações quanto a questões de infraestrutura local, dentre outros aspectos.

Nesse estudo, o campo representacional é formado por questões relacionadas ao significado da exploração do carvão, ou seja, o que ele representa no imaginário dos atores e quais os aspectos consensuais ou divergentes em relação aos significados de “desenvolvimento”, “meio ambiente” e “agropecuária/ambiente rural”. O desenvolvimento é um divisor de águas no que tange às percepções e práticas de ação do poder público, das empresas e da própria população. A “metade sul” do estado do Rio Grande do Sul é comumente apontada como uma região predominantemente rural, e este rural é associado à pobreza. Por outro lado, a solução apresentada são atividades que propiciariam o crescimento econômico regional, como a usina termelétrica. Porém, cabe perguntar quais são os interesses

por trás da exploração do carvão, já que muitos moradores locais não verificam o progresso esperado?

A agricultura é o eixo que possibilita o entendimento de como as pessoas relacionam as dinâmicas do meio rural à presença da atividade carbonífera no município de Candiota e até mesmo como elas entendem o rural na região. É o rural do município o meio que mais libera mão de obra para a usina termelétrica e para a mina, como também é de lá que veio a maior parte da recente população urbana. A pecuária é a prática tradicional do local de estudo, que foi o principal eixo da economia local durante décadas e que ficou em segundo plano com a atenção do poder público voltada ao carvão.

O meio ambiente relaciona todos os eixos: a agropecuária e o desenvolvimento, que por sua vez permeiam as interpretações da realidade local. A agropecuária se relaciona com o meio ambiente por meio da paisagem e do meio natural como “ingrediente” da agricultura. O desenvolvimento também integra o meio ambiente, pois as políticas implantadas para atingir o desenvolvimento o alteram. Um exemplo é a poluição das atividades carboníferas. Muitas das representações estão relacionadas à influência que a exploração do carvão pode acarretar ao meio rural devido à exploração de terras propensas à agropecuária, a degradação ambiental que inviabiliza a agricultura, a poluição ambiental que prejudica uma boa qualidade de vida. O potencial poluidor da exploração do carvão aparece muitas vezes como secundário quando comparado aos potenciais econômicos da atividade. Porém, a própria poluição ambiental gerada pela usina e pela mina é justificativa com a aplicação de medidas de compensação ambiental em outras localidades do estado e recentemente também em Candiota. Essas medidas são bem vistas tanto pela comunidade local quando pelo poder público e as empresas.

Para auxiliar metodologicamente a interpretação destas representações, os estudos de Moscovici apontam para dois processos básicos de dinâmicas de uma representação social. Mora (2002, p. 11) distingue esses processos “cómo que lo social transforma un conocimiento em representación colectiva y cómo ésta misma modifica lo social”: são esses a ancoragem e a objetivação. A ancoragem, de acordo com Fleury (2008, p. 56), “é um processo que transforma algo estranho e perturbador que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que parece apropriada.” Ou seja, a ancoragem permite ligar a representação social a uma referência dos atores, ou seja, analisar as representações que os sujeitos fazem a respeito do objeto e, a partir disso, entender como eles relacionam a uma referência como a ideia de desenvolvimento que

essas representações sugerem. A objetivação para MORA (2002) é selecionar e descontextualizar os elementos formando um núcleo figurativo e sua naturalização. Esse processo permite tornar visível e objetivo algo que a princípio nos parece invisível:

A objetivação é o processo em que se anseia descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou seja, reproduzir um conceito em uma imagem. O exemplo mais claro é a comparação de Deus com um pai, que transforma instantaneamente o que era invisível em visível em nossas mentes. (FLEURY, 2008, p. 56).

A objetivação permite “la separación entre la masa de las palabras que circulan y los objetos que las acompañan [...] los ‘signos linguisticos’ se enganchan a ‘estructuras materiales’ (se trata de acoplar la palabra a la cosa). (MOSCOVICI, 1979, p. 75). Este autor resume a ancoragem e a objetivação da seguinte forma:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ele classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2003, p. 78).

O início de uma pesquisa tendo como base a teoria das representações sociais requer especificar o sujeito (o grupo social) e os objetos a serem representados por esses sujeitos. Para Sá esta providência é uma simplificação do fenômeno, ou seja, a definição do sujeito e do objeto de pesquisa que diz respeito a três decisões que o pesquisador precisa ter:

Em primeiro lugar, precisamos decidir como enunciar exatamente o objeto da representação a ser considerada, de modo a evitar, pelo menos em um primeiro momento, uma “contaminação” pelas representações de objetos próximos a ele. Em segundo lugar, precisamos decidir quais serão os sujeitos, grupos, populações, estratos ou conjuntos sociais concretos em cujas manifestações discursivas e comportamentais investigaremos o conteúdo e a estrutura da representação. Em terceiro lugar, precisamos decidir o quanto de “contexto sócio-cultural” e de que natureza, práticas específicas, redes de interação, instituições implicadas, comunicação, de massa acessível, etc. levaremos em consideração para esclarecer a formação e a manutenção da representação. (SÁ, 1998, p. 25).

Na presente pesquisa as representações sociais estudadas têm por objeto a exploração do carvão mineral e os sujeitos são os grupos elencados anteriormente.

Jodelet (1989) parte do princípio de que a representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto. Acerca desse saber, Sá (1998, p. 32) formula três

perguntas norteadoras: “Quem sabe e de onde sabe?”, “O que e como sabe?”, “Sobre o que se sabe e com que efeito?”. A partir dessas perguntas podem-se pensar três eixos básicos: o sujeito e a informação que chega até ele, focalização e cognição, atitude e opinião. Essas questões auxiliaram na elaboração do roteiro de entrevistas.

### 3.2 O LOCAL DE ESTUDO

A escolha do município de Candiota para o estudo se deu pela significação quanto às reservas exploradas e exploráveis, por ser o município que abriga as maiores jazidas de carvão mineral a céu aberto no Brasil e por abrigar a mina e a termelétrica onde o carvão é queimado para geração de energia.

Anteriormente a elaboração do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho, a intenção era estudar os impactos da atividade carbonífera nos municípios de São Jerônimo, Arroio dos Ratos e Charqueadas. Em contato com órgãos públicos e moradores da região percebeu-se que as influências são mais visíveis no meio urbano e que para chegar até o rural da região se necessitaria de articulações e infraestrutura que não eram disponíveis à pesquisadora, ao contrário da região escolhida. Por isso, optou-se por pesquisar essas questões no município de Candiota.

Sobre o histórico do município, de acordo com pesquisas realizadas em documentos, sua segunda maior ocupação data do ano 1989, quando ainda pertencia ao município de Bagé, com a instalação das famílias provenientes do norte do estado organizadas em torno do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Com a vinda das famílias, Bagé foi dividido em quatro municípios: Bagé, Aceguá, Candiota e Hulha Negra.

Posteriormente, Com a divisão territorial de 2001, o município de Candiota passou a ser constituído de cinco distritos a ele anexados: Candiota, Baú, Passo Real de Candiota, Jaguarão Grande e Seival. Atualmente, o município é composto pelos bairros de Vila Residencial, Dario Lassance (sede do município), João Emílio, Seival, São Simão e Vila Operária. O município dista aproximadamente 400 km de Porto Alegre e localiza-se no COREDE (FIG. 14) Campanha (FEE, 2011).

A população de Candiota em 2010, segundo o IBGE, chegou a 8.771 habitantes (FIG.15), com área territorial de 933,839 Km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 9,39 hab/Km<sup>2</sup>.



FIGURA 14- Mapa de localização do município de Candiota no COREDE Campanha.  
Fonte: Atlas Jazidas de Carvão. Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=288#>.  
Acesso em: jan. 2012.

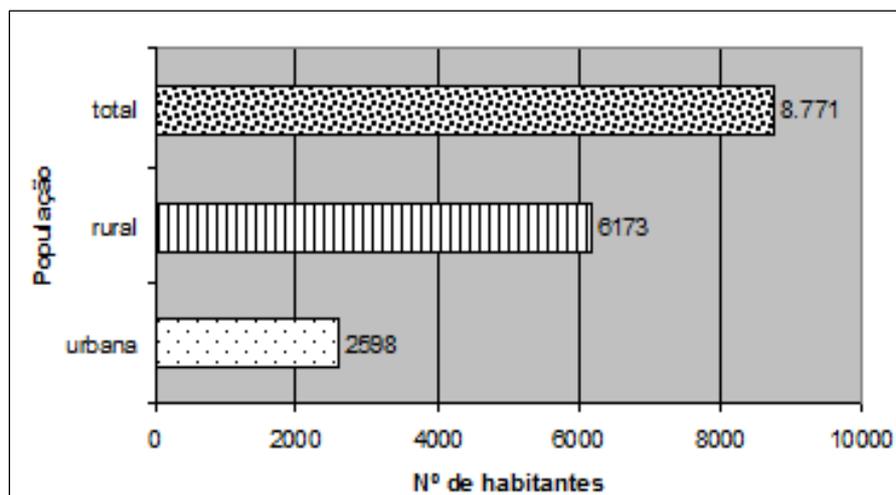


FIGURA 15- Demografia do município de Candiota- RS.  
Fonte: Adaptado de IBGE Cidades 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em: out. 2011.

### 3.3 OS GRUPOS SOCIAIS

As representações sociais são representações de um objeto sustentadas por um determinado sujeito ou grupo. Nisso reside a importância de se ter como um dos objetivos de um estudo sobre representações sociais a identificação dos grupos que interagem com o objeto, (re)formando ou (re)construindo e (re)inventando as representações sociais. De acordo com Bauer (1995, p. 235),

É essencial identificar o grupo que as veicula situar seu conteúdo simbólico no espaço e no tempo, e relacioná-lo funcionalmente a um contexto intergrupais específico. Uma representação particular pode, contudo, mudar de grupo hospedeiro e vagar por entre grupos sociais, assumindo vida própria.

Sendo assim, a representação social é instável, pode transitar entre os indivíduos e ao mesmo tempo compor o universo consensual de relações intergrupais. As representações sociais são criações do cotidiano, produções imersas na cultura de uma comunidade que por vezes resistem a conceitos de um universo reificado<sup>19</sup>. Elas podem ser ancoradas em fenômenos que ameacem a sua identidade:

[...] representações sociais são a produção cultural de uma comunidade, que tem como um de seus objetivos resistir a conceitos, conhecimentos e atividades que ameaçam destruir sua identidade. A resistência é uma parte essencial da pragmática das RS. Sob esta luz, a resistência é um fator criativo, que introduz e mantém heterogeneidade no mundo simbólico de contextos intergrupais. (BAUER, 1993, p. 229).

Na tentativa de identificar quais os grupos que estão (re)construindo e compartilhando as representações sociais sobre a exploração do carvão, foram entrevistadas 46 pessoas identificadas em seis grandes grupos já mencionados.

De uma forma geral, os grupos são constituídos por 20% de pessoas do sexo feminino. Quanto à faixa etária, 56% dos entrevistados possuem entre 41 e 61 anos. Quanto à origem, 56% são nascidos em municípios da região do planalto meridional do estado do Rio Grande do Sul e 30% são oriundos de Bagé, cabendo ressaltar que Candiota foi desmembrada de Bagé há apenas 20 anos.

---

<sup>19</sup> O Universo Reificado corresponde ao mundo restrito das ciências, à objetividade, ou às teorizações abstratas (MORAES; OLTRAMARI, 2005, p. 7). Conforme SÁ (1993, p. 28), no universo reificado é que “se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com sua objetividade, seu rigor lógico e metodológico, sua teorização abstrata, sua compartimentalização em especialidades e sua estratificação hierárquica.”

Em relação às ocupações, 39% dos entrevistados identificaram-se como agricultores ou pecuaristas (FIG. 16).

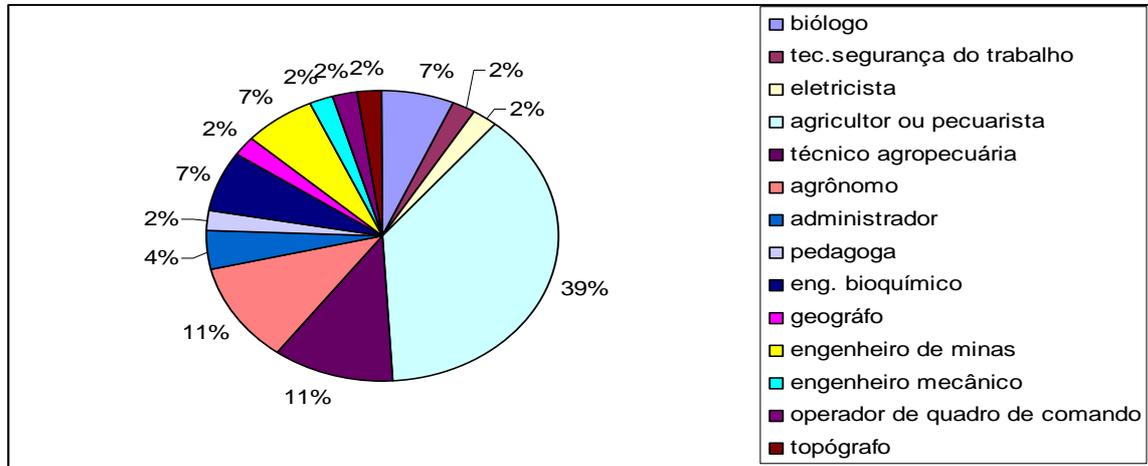


FIGURA 16- Profissões dos atores entrevistados nos municípios de Candiota e Porto Alegre, RS. Data: jan./fev. de 2012. Fonte: Elaborado pela autora.

Os grupos sociais são distribuídos no quadro a seguir:

QUADRO 3- Grupos sociais identificados e analisados em Candiota- RS. Data: jan./fev. 2012.

<b>Grande grupo</b>	<b>Grupo</b>	<b>Entrevistados</b>
<b>Agricultores e pecuaristas</b>	Agricultores Assentados	Assentados MST
	Pecuaristas	Pequena propriedade
		Média propriedade
		Grande propriedade/ Sindicato Rural de Bagé
<b>Ex-agricultores e pecuaristas</b>	Ex-agricultores e pecuaristas	Vila Areal
		Vila Portelinha
		Engenheiro
<b>Técnicos da Assistência Técnica e Extensão Rural</b>	COPTec	Extensionistas e Responsável técnico
	EMATER	
	BIONATUR	
<b>Trabalhadores de empresas carboníferas</b>	CGTEE/Eletróbrás	Dep. de meio ambiente e Dep. de responsabilidade social
	CRM	Dep. de engenharia e Dep. de meio ambiente

<b>ONG's e ambientalistas</b>	OSCIP ACPASFA	Participante da OSCIP
	OSCIP Vigilantes ambientais	Presidente
	ambientalista	Professor universitário
<b>Prefeitura</b>	Quadros da Prefeitura de Candiota	Prefeito
		Sec. agropecuária

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3.1 Ambientalistas

O grupo dos ambientalistas foi denominado desta forma de acordo com a própria identificação dos entrevistados. É constituído por 4 pessoas: três de Candiota e uma de Porto Alegre. Os entrevistados possuem entre 41 e 61 anos. São dois biólogos, um técnico em segurança do trabalho e um electricista. Em Candiota, foram entrevistados funcionários da prefeitura, participantes das OSCIP ACPASFA (Associação Candioteense de Proteção Animal São Francisco de Assis) e Vigilantes Ambientais e do Clube Náutico, e em Porto Alegre, um professor universitário. O grupo constitui-se de 50% do sexo feminino.

O traço marcante da constituição deste grupo é a diferença na maneira de se expressar, conforme o cargo profissional e a distância geográfica do objeto de estudo. Dois entrevistados moram próximos à usina termelétrica e à mina de carvão. Estes, por sua vez, se mostraram bastante receosos quanto à presença de pesquisadora e a intenção da pesquisa. Outro entrevistado, que trabalha na prefeitura, mas aqui foi classificado no grupo ambientalista por sua própria vontade, manifestou uma opinião distinta dos demais entrevistados do grupo da prefeitura, mas ao mesmo tempo não conflitante. O professor universitário morador de Porto Alegre, ao mesmo tempo em que manteve uma atitude mais segura durante a entrevista e mostrou-se mais à vontade para falar, deixou de responder algumas perguntas por desconhecer alguns elementos da realidade local de Candiota

### 3.3.2 Técnicos da assistência técnica e extensão rural

O grupo de técnicos da assistência técnica é constituído de oito pessoas, sendo cinco oriundas da região e outros três de municípios vizinhos, todos trabalhando em Candiota e atualmente morando nos município vizinhos entre janeiro e março de 2012. A faixa etária

mantém-se entre 31 e 60 anos e 60% têm formação na área das ciências agrárias. Destes 8 entrevistados, 2 são do sexo feminino.

O destaque nesse grupo foi a diferença de opinião conforme a instituição a que cada um pertence. Os funcionários ligados à EMATER tentaram manter uma posição que converge em vários sentidos com os demais órgãos do setor público, enquanto os extensionistas ligados à COPTEC e à Bionatur mantiveram opiniões convergentes entre si. A exceção neste último caso foram os técnicos nascidos no município, pois estes em algum momento da vida foram funcionários das empresas de carvão ou possuem familiares nesta condição.

### **3.3.3 Agricultores assentados**

Foram entrevistadas 12 pessoas, dentre elas dois casais. Apenas um assentado residia no município de Hulha Negra, mas já havia morado em Candiota, onde trabalha atualmente. A faixa etária abrange a faixa de 28 a 66 anos de idade. Em relação à ocupação, dez se identificaram como agricultores, sendo a agricultura a atividade prevaiente em seus locais de origem (metade norte do Rio Grande do Sul) e 90% são oriundos do planalto meridional, COREDE Médio Alto Uruguai. Apenas um entrevistado é nativo de Bagé, identificando-se como pecuarista e agricultor. Apesar de identificarem-se como agricultores, todos eles tem como principal atividade a pecuária de leite. O leite é comercializado por meio de uma cooperativa local e os animais de corte são principalmente para a subsistência das famílias. O arrendamento de terras para terceiros plantarem soja surgiu em alguns momentos como alternativa que alguns assentados encontraram para obter renda frente às impossibilidades de trabalho na terra, por motivos de doença ou debilitações físicas pela idade, por exemplo.

As formas como os assentados se identificam difere dos demais trabalhadores rurais não assentados. Comumente a identidade rural relaciona-se à agricultura, embora não seja mais a atividade econômica da maioria, por isso neste trabalho este grupo foi nomeado conforme a autodenominação majoritária. Do total, 80% se autodenominam agricultores, uma pequena parcela de pecuaristas e produtores rurais. A população de Bagé e Candiota os denomina “colonos”. Este termo apareceu quando a população da cidade mantinha a tentativa de diferenciar os pecuaristas dos assentados. Esta denominação também se deve a características culturais e econômicas de seus municípios de origem no planalto meridional do estado.

A convivência da pesquisadora com os assentados se deu de forma cotidiana, o que auxiliou na tentativa de entender as especificidades deste público. Somaram-se quatro entrevistadas do sexo feminino. Em relação às demais, enquanto os maridos eram entrevistados, elas ficavam por perto ouvindo, mas não quiseram participar. Uma entrevistada relatou ter trocado de município e optado por residir em Candiota. Os demais residiam em Candiota desde o início da criação dos assentados nos anos de 1980, como primeiros ocupantes ou filhos destes.

Neste trabalho convencionou-se tratar por agricultores todos os agricultores e pequenos pecuaristas assentados e um entrevistado da agricultura familiar que não era assentado, mas que possuía todas as mesmas características dos assentados, inclusive a proximidade entre as propriedades. O agricultor que não é assentado só foi identificado como não assentado quando houve divergências em relação aos assentados. Por pecuaristas, foram denominados os pecuaristas não assentados.

### **3.3.4 Pecuaristas**

Foram entrevistados sete atores, dentre eles um casal. Todos nasceram e moram atualmente em Candiota. A faixa etária situa-se entre 48 e 72 anos. Um deles é diretor do sindicato rural. Três são formados no ensino superior, sendo dois engenheiros agrônomos e um biólogo. A única entrevistada do sexo feminino que participou da entrevista era a esposa de um entrevistado, que permaneceu durante a entrevista e complementou alguns pontos.

Os entrevistados, quando referenciavam a categoria a qual pertencem, se intitulavam produtores rurais, porém quando questionados sobre sua identidade todos se identificaram como pecuaristas. Embora quatro entrevistados pudessem ser classificados como pecuaristas familiares, a identificação deles se dá pela atividade pecuária, não distinguindo o pecuarista quanto a forma de produção, ou quanto ao tipo da mão-de-obra empregada, o número de hectares ou de animais que possui. A classificação utilizada neste trabalho está de acordo com a EMATER dos municípios de Bagé e Candiota: até quatro módulos de terra (28 hectares) classifica-se como pecuária familiar, aqui tratados como de pequena propriedade, de 112 ha a 499 ha média propriedade e demais grande propriedade, para a região de Bagé.

### **3.3.5 Ex-agricultores e pecuaristas**

Ao total somaram-se três ex-agricultores e pecuaristas, uma pessoa do sexo feminino e dois do sexo masculino com faixa etária entre 36 e 52 anos. Um deles é engenheiro. As famílias dos demais entrevistados estão envolvidas com outras atividades ligadas à atividade carbonífera. Dois entrevistados encontram-se desempregados e fazem parte das vilas “Portelinha” e “Areal”, constituídas majoritariamente por pessoas carentes que saíram do campo em busca de trabalho na exploração do carvão. Algumas pessoas, embora morem na cidade, mantêm o lote que possuem no assentamento, sendo cuidado por parentes próximos e costumam visitá-lo; outros acabaram vendendo o lote que possuíam. Por meio de relatos dos entrevistados e pessoas da região, percebe-se que as duas vilas constituem-se em sua maioria por ex-assentados da reforma agrária que, devido à impossibilidade de se manterem no meio rural, foram buscar oportunidades na cidade. Alguns já retornaram ao campo ou pensam voltar, outros não mais, a exemplo de alguns entrevistados.

Estes atores foram incluídos na pesquisa por indicação de agricultores e pecuaristas assentados e não assentados. Muitos demonstraram desconfiança com a presença da pesquisadora andando pelas vilas, e por meio das relações deles com assentados que acabaram por relatar a pesquisa no município. Uma das vilas, a Portelinha, possui acesso a luz e água, na outra esta estrutura básica ainda está em implantação.

### **3.3.6 Trabalhadores de empresas carboníferas**

No total foram 12 entrevistados, sendo cinco funcionários da empresa CGTEE/Eletróbrás, ligada à Usina Termelétrica, e outros sete funcionários da CRM, empresa responsável pela mina de carvão. A faixa etária situa-se entre 22 e 62 anos, sendo apenas uma trabalhadora do sexo feminino. Destes, 85% possuem ensino superior, sendo 70% engenheiros. Segundo relato dos entrevistados, o trabalho com a mina de carvão foi o primeiro e único trabalho ao longo da vida de quatro engenheiros. Seis trabalham em Porto Alegre, sendo três trabalhadores da CGTEE/Eletróbrás e três da CRM. Dos residentes em Candiota, dois possuem atividades rurais, como a pecuária. Os dois entrevistados que não possuem ensino superior são nascidos e vivem atualmente na região, os demais possuem origem em outros municípios do estado.

A maior dificuldade encontrada ao entrevistar estes trabalhadores é o receio de falar das empresas. Enquanto alguns fizeram questão de alertar a pesquisadora sobre opiniões pessoais, outros, embora não tenham alertado, relataram que se a entrevista acontecesse em

um ambiente fora da empresa talvez tivessem respondido de forma diferente. Outros fizeram questão de oferecer a sala de reuniões da empresa a portas fechadas.

### **3.3.7 Quadros da Prefeitura**

Entrevistaram-se dois membros da prefeitura, o secretário de agropecuária (28 anos) e o Prefeito (43 anos). Ambos entrevistados pertencentes ao sexo masculino, residentes em Candiota e técnicos em agropecuária.

Após a caracterização dos atores entrevistados, desenvolve-se a análise dos elementos apreendidos. No próximo capítulo será explicado o processo de análise e os resultados obtidos.



## **4 OS SIMBOLISMOS DE UMA REALIDADE COMPARTILHADA: O SENSO COMUM NO COTIDIANO DE CANDIOTA**

Para Jovchelovitch (2000, p. 78), “a representação permite a existência de símbolos”. Esses símbolos são partes da realidade social que organizadas pelas atividades dos sujeitos dão sentido e compõem o meio ambiente que o rodeia. Os simbolismos construídos e compartilhados no cotidiano do município fazem parte do universo consensual dos atores. As representações sociais são formadas a partir do posicionamento dos indivíduos em seus grupos e do posicionamento destes na realidade compartilhada, em que os fatos ocorrem, as interpretações são formuladas e as representações compartilhadas. As opiniões, que constituem os processos de formação das representações, são formadas a partir das experiências pessoais e do posicionamento dos sujeitos no debate sobre o carvão mineral. Para Moscovici (1978), os universos de opinião que caracterizam os diferentes grupos e segmentos são constituídos por dimensões, sendo elas: a informação, o campo representacional ou imagem e a atitude. Essas dimensões, por sua vez, transitam entre três eixos principais, que hierarquizados, constituem as opiniões dos atores entrevistados: agropecuária, desenvolvimento e meio ambiente.

Para a análise de conteúdo do material coletado seguiu-se a orientação de Bardin (2009, 2011), em que a autora sugere maneiras para observação do material simbólico a partir dos dados coletados. A fim de demonstrar as relações simbólicas e materiais da exploração do carvão em Candiota, dividiram-se as fases analíticas conforme Bardin em: pré-análise, codificação, categorização, tratamento dos dados (inclui-se formas estatísticas), interpretação dos dados e inferência.

### **4.1 A EXPLORAÇÃO DO CARVÃO MINERAL EM CANDIOTA SOB A ÓTICA DIMENSIONAL**

As dimensões informação, campo representacional ou imagem e a atitude fornecem um panorama de como estão processadas as representações sociais nos diferentes grupos. As valorações, neste estudo, com conotações positivas (favoráveis) ou negativas (contrárias) entre os distintos grupos sociais permitem o entendimento de como a informação permeia o objeto das representações e forma a atitude dos entrevistados.

#### 4.1.1 A dimensão da informação na representação da atividade carbonífera

Segundo Moscovici (1978), os indivíduos estão imersos em um “coro” coletivo, a opinião pública. Esta, por sua vez, está organizada de maneira diversa conforme “as classes, as culturas ou os grupos, e constituem tantos *universos de opinião* quantas classes, culturas ou grupos existem”. (MOSCOVICI, 1978, p. 67). Sobre os universos de opinião, cada universo é constituído das dimensões: atitude, informação e o campo de representação. Para Moscovici, a informação como dimensão ou conceito está relacionada “a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social” (1978, p. 67), neste caso, em relação à organização dos conhecimentos que os atores entrevistados possuem sobre a exploração do carvão.

Entre os grupos entrevistados, a informação é dispersa por meio da comunicação midiática (meios de comunicação em massa) e por meio das conversas no cotidiano. Os meios mais acessados são a televisão com programação local, jornal local, internet, rádio e revistas respectivamente (FIG. 17).

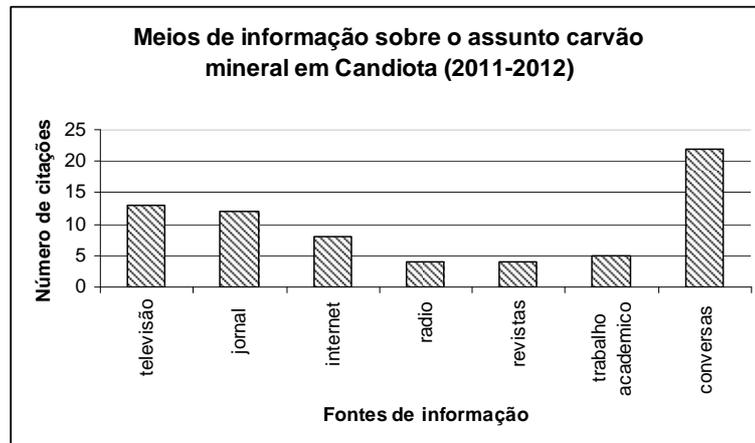


FIGURA 17- Meios de informação sobre o assunto carvão mineral em Candiota-RS entre 2011 e 2012.

Fonte: Elaborado pela autora.

Não menos importantes são as conversas no dia a dia, essenciais na dispersão das informações, estas ficam no plano da comunicação cotidiana, que segundo Xavier (2002, p. 41), são “comuns à experiência individual ou particular (trabalho, família, bares, bairro, etc.) dos atores”.

Como o trabalho da área social é andar pelos assentamentos, participar de reuniões e ouvir o pessoal, *vem desses momentos, dessas conversas*, mesmo no grupo das mulheres a gente escuta muito isso... muitas delas que tão

fazendo os cursos, os maridos tão trabalhando lá na Usina. (Técnico da Assistência técnica, Hulha Negra, trabalha em Candiota, RS, grifos da autora)

*Leitura, meio de comunicação*, os meio de comunicação têm informação dos dois lados, quem defende e acha que é uma solução, quem não apóia e acha que é um problema, favorável é o *jornal local*. Recebo alguns materiais pela *internet* que crítica bastante a geração térmica pelo carvão, a Ecodebate. A TV, a gente vê reportagens que entrevistam os dois lados, e a *troca de informação entre os colegas né?* que leem outras fontes e sempre há uma troca de informações constante. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, agronomia, Bagé, trabalha em Candiota, RS, grifos da autora)

Para Xavier, as representações sociais podem ser esquematizadas da seguinte maneira (FIG. 18):

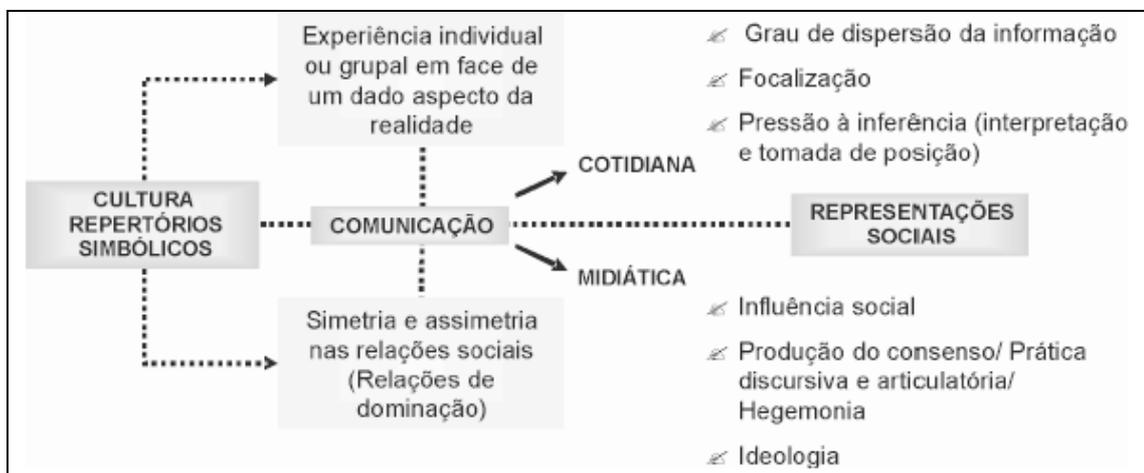


FIGURA 18- Esquematização da informação nas representações sociais.

Fonte: Xavier (2002).

A comunicação cotidiana e a comunicação midiática se articulam na formação das representações sociais, uma não é isolada da outra. Os meios de comunicação atuam operando a dispersão da informação sendo constituintes da vida social. A informação, ao ser dispersa, altera as interações sociais, os simbolismos e “as fronteiras entre a esfera pública e privada” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 89). A comunicação cotidiana e a midiática, dado o seu potencial de produção e de dispersão da informação entre os grupos sociais, definem e transformam a circulação de simbolismos na sociedade atual.

A dispersão da informação entre os grupos sociais estudados não ocorre de forma homogênea. Entre os moradores do meio rural ela se dá majoritariamente pela mídia e por conversas cotidianas:

Meio de comunicação e pessoalmente falando por aí né, a televisão...dizem que o carvão prejudica o ambiente, não prejudica nada. (Pecuarista, grande propriedade, Candiota, RS).

Eu vi as pessoas conversarem e coisarada por aí. (Agricultor e pecuarista familiar, assentado, Candiota, RS)

A informação dispersa entre os trabalhadores das empresas carboníferas, técnicos da assistência técnica e entre os quadros da prefeitura, advém do universo reificado que permeia a temática. São informações provenientes de conhecimentos técnico-científicos em artigos da área da engenharia publicados em revistas, estudos em forma de teses e dissertações, constituindo, de acordo com Xavier (2002), a comunicação formadora e científica:

Leitura de artigos publicados em relação à questão tecnológica, como também no dia a dia, na conversação pública, é um assunto corrente a defesa do carvão como matriz energética. É uma coisa que se convive diariamente. (Ex- agricultor e pecuarista, hoje profissional da área da engenharia, ligado indiretamente à empresa carbonífera, Candiota, RS)

Diferente da informação científica, que não tem por foco principal a formação de opinião, o jornal local, por sua vez, suscita o favorecimento da atividade carbonífera com pouco ou nenhum questionamento contrário. Este posicionamento do jornal não é bem visto pelos atores sociais que possuem dúvidas quanto à viabilidade ambiental e energética do carvão mineral. A informação construída e transmitida entre os atores a partir da interferência da comunicação midiática é pouco variada, tratando-se de dois polos.

Existem “dois lados da moeda”, dois grupos cuja atitude os separa em favoráveis e contrários, interferindo na construção da informação, no que é transmitido e comentado cotidianamente, influenciando também na existência de atores sociais que não possuem posicionamento definido:

Os comentários, eles podem ser divididos em dois tipos, aqueles de quem está próximo produzindo a energia e aqueles que estão distante. De quem está próximo tu vê uma luta muito grande para que continue essa atividade, por ser importante e reconhecida por quem mora na região, mesmo pelos movimentos ambientais, então tu ouve pensamentos positivos a respeito da mineração do carvão e da Usina, com críticas construtivas. O que realmente está fora de algum padrão a população nota e reclama naturalmente, acho ótimo isso, a vigilância. Agora, quem está distante é bastante suscetível à força da mídia, há um único tipo de comentário, negativo. (Engenheiro mecânico, empresa carbonífera, Porto Alegre, RS).

Nas falas desses dois grandes grupos majoritários, favoráveis e contrários, se observa muito marcadamente nos conteúdos das entrevistas a referência a “quem conhece” e “quem não conhece”:

Os comentários são bem diferentes, *quem conhece*, todos são a favor, porque gera renda, a gente tem tecnologia para diminuir os impactos ambientais. Existem os mais intelectuais, que criticam a liberação do carbono quando a gente retira o carvão, mas ninguém abre mão do ar condicionado, de andar de carro. (Agrônomo, empresa carbonífera, Candiota, RS, grifos da autora).

São os mais diversos [*comentários*], de um preconceito por parte de algumas pessoas, *que não conhecem a realidade*. O carvão mineral aqui pra nós pra metade sul é o pré-sal do Brasil. (Quadros da prefeitura de Candiota, RS, grifos da autora).

Essa divisão, no entanto, demarca uma posição política no sentido de que as opiniões contrárias *devem* ser de quem não conhece a fundo a atividade, ou seja, um posicionamento que rotula a opinião oposta de acordo com o posicionamento dominante e que deve assim se manter. Não interessam os possíveis efeitos negativos da atividade, mas sim as vantagens. Independentemente se a opinião é de um engenheiro, por exemplo, que trabalha na usina ou na mina, para o grupo majoritário favorável, constituído por atores sociais diversos, o que diz este técnico é uma opinião não esclarecida, de quem não conhece a exploração. Nesse caso, se ele fosse favorável, provavelmente seria tomada como a opinião de “quem conhece” a atividade. Neste ponto percebe-se que os entrevistados não classificam as opiniões alheias somente em favoráveis ou contrárias, mas também em relação à proximidade com o tema, ou seja, os que “estão próximos e conhecem” e os que estão “mais afastados” e logo “não conhecem”. Esta fala é própria da necessidade de legitimação e ganho da opinião pública, principalmente da aceitação local.

Esse estereótipo bastante marcado entre os entrevistados faz com que as opiniões de ambientalistas e autoridades que vivem longe de Candiota não tenham legitimidade, afinal, são opiniões de quem não conhece o município, de quem não entende a realidade local, nem os avanços tecnológicos da exploração, enfim, os que “não conhecem”. Nessa relação, conhecer é morar próximo e, por conseguinte, ser favorável; apesar disso, pode-se encontrar indivíduos de um mesmo grupo com opiniões em polos distintos. Essa relação se abastece da própria forma como a comunicação midiática se organiza. Durante a pesquisa de campo e por meio de consultas a *sites* locais de Candiota, foi possível observar que a informação local, que atinge segundo os atores “quem conhece”, opera um posicionamento positivo à exploração do

carvão. Diferentemente de como atua a mídia em outras regiões do estado e do país, que frequentemente transmitem informações dotadas de referências negativas:

*Tem comentários com teor político no Brasil inteiro, os ambientalistas são contra. Tem setores políticos que se colocam até como uma certa ignorância [os que não conhecem] que desencadeou todas aquelas denúncias, fatos que não eram reais, ou fatos que todo mundo já sabia que acontecia, daí a procuradora interveio, quiseram interditar a usina, mas aí teve muita confusão, confundiram... Uma coisa é a emissão, que hoje está fora dos padrões, outra é a qualidade do ar, aqui tá boa, as estações analisam a qualidade do ar e é boa. As fases A e B não tinham o difurizador<sup>20</sup>, desde sempre a fase A e B sempre emitiu acima, com licença do IBAMA. (Engenheira, empresa carbonífera, Candiota, RS, grifos da autora).*

Esta outra referência entre os entrevistados está além do discurso hegemonizado pelas empresas carboníferas e pelo poder público, “dos que conhecem” e os “que não conhecem”. A divisão também coloca-se entre “os que dependem” da atividade carbonífera e os que “não dependem” da atividade. Esse discurso evidencia-se nas falas das pessoas que mantêm vínculo com as empresas carboníferas, já mantiveram ou são próximas de alguém que mantém:

*Houve uma época que a expectativa do povo de Candiota em geral, até o meio rural pensava o carvão como o futuro né? Muita gente saiu daqui do meio rural né? Eu mesmo fui pra lá e montei um bar. As pessoas, muitas, querem que abram a MPX, né? Tem muita gente contra a Dilma, porque ela barrou a próxima usina essa, tem muitas idéias contra por causa da poluição, né? Mas aqui a gente depende, né?!(Agricultora assentada, Candiota, RS).*

Além desta questão da informação que se constrói e se dispersa entre os que dependem ou não da atividade carbonífera, está à preocupação com a continuidade da exploração do carvão, assunto que está bastante difundido no jornal local (FIG. 19, 20 e 21).

---

<sup>20</sup> Dissulfurizador: equipamento que permite um tipo de filtração das partículas quimicamente pesadas, antes de serem remessadas pela torre.



FIGURA 19- Esperança ao carvão.

Fonte: Tribuna do Pampa, Candiota, ano 1, ed. 88, 21 out. 2011. Capa do Jornal.

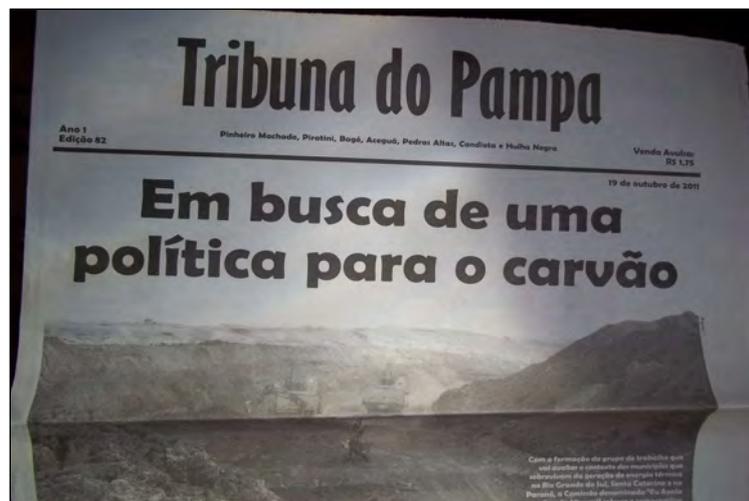


FIGURA 20- Em busca de uma política para o carvão.

Fonte: Tribuna do Pampa, Candiota, ano 1, ed. 82, 19 out. 2011. Capa do Jornal.

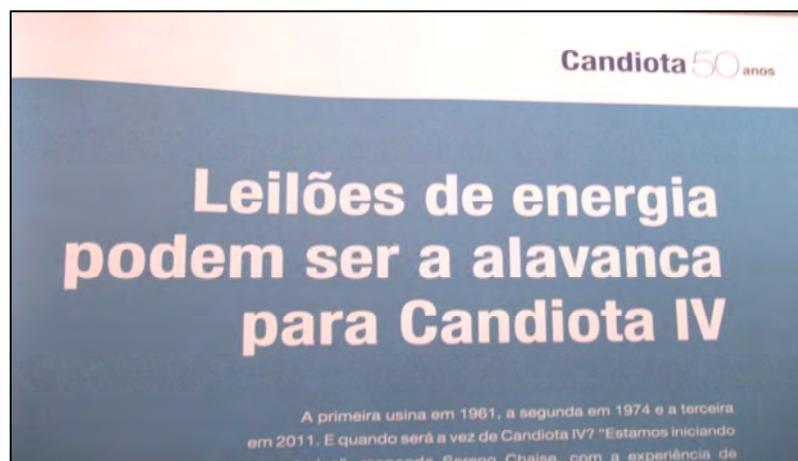


FIGURA 21- Capítulo: Leilões de energia podem ser alavanca para Candiota IV.

Fonte: Candiota 50 anos: Carvão, Energia e Trabalho (2011, p. 119).

Por intermédio de expressões como *esperança*, *busca* e *alavanca*, a mídia local reproduz a necessidade de continuidade da exploração do carvão mineral, fomentada pela discussão sobre o leilão nacional de energia. Tanto o jornal local quanto a televisão e os materiais produzidos pelas empresas e prefeitura, durante o período de campo, noticiaram com frequência a possível entrada do carvão mineral no leilão brasileiro de energia. A produção e a dispersão dessa informação geraram tensionamentos entre a população do município e de regiões próximas:

Na verdade a exploração do carvão faz parte da nossa vida, aqui, né? Eu inclusive e as pessoas, a maior parte das pessoas são vinculadas à questão do carvão, é algo que faz parte da vida da nossa comunidade. Atualmente a maior preocupação com toda essa questão energética, de que o carvão fosse incluído no leilão de energia, que é decisivo sobre essa questão do carvão. (Ambientalista, Candiota, RS).

Olha, a gente ouve falar bastante, as pessoas comentando, perguntando pra gente, se vão ser construídas outras usinas, porque teve toda uma movimentação de áreas que foram licenciadas para construção de novas usinas. A princípio saiu um leilão de energia e o carvão não foi incluído, as perguntas mais têm dúvidas se vão sair mais usinas, é mais isso no dia a dia. Outra dúvida é quais serão as próximas áreas a serem exploradas nos próximos anos, isso tudo depende se vai sair novas usinas ou não, a gente não sabe ainda, não tem como orientar as pessoas agora. (Secretário da Prefeitura de Candiota, RS)

Os tensionamentos dizem respeito à continuidade da atividade carbonífera e à sua manutenção, como as perspectivas de ampliação do número de empregos diretos e indiretos, e também quanto às áreas a serem exploradas e os impactos ambientais. Partindo da atual direção em que a mina avança sobre o território, especulou-se entre os entrevistados que em alguns anos a mina avançaria sobre áreas em que hoje se concentram os assentamentos. Mesmo havendo essa possibilidade, ainda assim é pequena a participação dos entrevistados em eventos e reuniões cujo assunto é relacionado ao carvão mineral e o seu futuro no município. Entre eles, os grupos que mais se envolvem com essas atividades são o de funcionários das empresas carboníferas, técnicos da assistência técnica e extensão rural e da prefeitura, participação essa relacionada certamente ao seu envolvimento profissional. A maioria do público rural nunca participou de nenhum tipo de evento ou reunião ligada ao assunto, mas alguns já tomaram conhecimento em algum momento, quando transitavam pela cidade. A maior parte daqueles que participaram são favoráveis à exploração do carvão. Já em relação aos que nunca se envolveram, não é visível o seu posicionamento.

Quanto à análise das palavras mais frequentes na dimensão informação estas foram selecionadas a partir da sua frequência no conteúdo das falas dos atores por meio da ferramenta *queries/word frequency* do software NVIVO7. Estas revelaram uma maior incidência dos termos *não*, *gente*, *pessoas*, *usina*, *energia*, *questão*, *polui*, *emprego* e *região* (FIG. 22). As palavras das perguntas que induziam a repetição na resposta não estão incluídas entre elas.

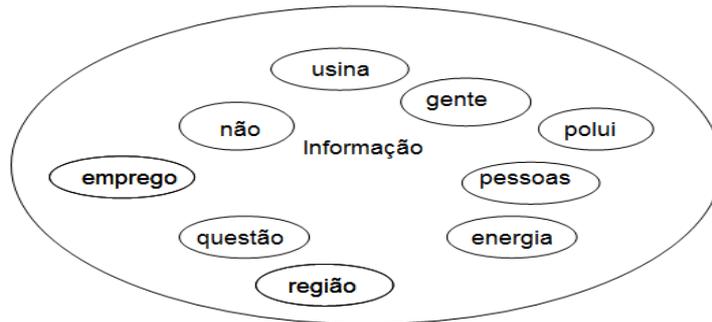


FIGURA 22- Palavras frequentes na dimensão informação em Candiota, 2012.  
Fonte: Elaborado pela autora.

Para os entrevistados, a palavra *não* remete às privações que seriam impostas à população de Candiota caso não houvesse a exploração do carvão:

Hoje sem a exploração *não* há desenvolvimento, *não* há crescimento, a economia *não* vai ter bons resultados se *não* houver a exploração do carvão, a geração de energia, geração de emprego, tem muita gente que tá aqui por causa da geração de emprego, se *não* houver isso aqui acaba, se *não* houvesse a liberação da construção dessa nova fase as pessoas achavam que ia acabar. (Ambientalista, Candiota, RS).

A negativa no condicional (*se não*) reforça a ideia do crescimento econômico como representação central da exploração do carvão em Candiota; “se não houvesse a liberação da construção dessa nova fase as pessoas achavam que ia acabar [o município]” (Quadro da Prefeitura, Candiota, RS).

As palavras *usina* e *energia* foram muito usadas no conteúdo dos discursos dos grupos das empresas carboníferas e dos técnicos da assistência técnica e extensão rural. O carvão aparece sempre vinculado à usina, à queima para a geração de energia termelétrica. Em comparação, a palavra *mina* dificilmente aparece.

A palavra *questão* foi amplamente utilizada nas entrevistas de forma geral, e na análise dimensional da informação ela emerge em dois sentidos: no sentido de assunto e como controvérsia, discussão ou debate:

Tem uma opinião bem dividida em relação à população geral, a *questão* da poluição, saúde, tem também o progresso. Uns dizem ah, tá bom que a nossa região tenha esse desenvolvimento, mas tem essa *questão* ambiental também! (Ambientalista, Candiota, RS).

A *questão* do carvão aqui está sendo um dos motores de desenvolvimento. Tudo circula em torno no carvão, a economia do município. Gera emprego, criou um movimento na cidade. Tem também os impactos, que ninguém comenta. (Assentado, Candiota, RS).

A palavra *polui* enquanto informação não aparece nos grupos prefeitura e pecuaristas. Nos outros grupos aparece sendo objeto de fala de pelo menos um entrevistado em cada grupo social analisado. O termo *polui* ou *poluição*, embora sejam do conhecimento empírico dos moradores, bastando olhar para as torres da usina, não remete a uma problematização. Independente do posicionamento quanto à exploração do carvão, tem-se uma noção do impacto ambiental mais visível, a fumaça, mas os entrevistados não participantes do grupo das empresas carboníferas desconhecem a interpretação técnico-científica destes impactos ambientais, parecendo haver uma “naturalização” da palavra. A própria palavra *polui* surge em um contexto de uma fala defensiva: “se sabe que polui, mas...”, o “mas” sendo colocado na frase de forma adversativa. A poluição é vista como algo necessário, pois do outro lado estão os benefícios do carvão ou algo mais poluidor:

Falam que *polui* muito, mas olha, eu vejo de uma maneira... *polui, polui*, mas eles têm maneiras de diminuir. A nossa usina *polui* muito nossa região, mas sem esse carvão aqui não temos nada, 90% da renda do município é disso. (Engenheiro, Empresa carbonífera, Candiota, RS, grifos da autora).

Olha, eu vejo assim ó... eu vejo muito falar que o carvão *polui*, mas se nós ver tem muita coisa que *polui* ao mesmo tempo que gera empregos, é a vida da região, primeiro lugar tá sendo, apesar da agricultura podia se avançar mais mas o investimento está sendo no carvão, tanto que as pessoas tão saindo do campo pra vir aqui trabalhar com o carvão pra sobreviver... Sei lá... tem tanta coisa que ele traz, ajuda e prejudica. Hoje em dia a tecnologia tá aí pra tudo né, se *polui*... os prefeitos têm que pensar mais sério nessa questão. (Ex- agricultor, Candiota, RS, grifos da autora).

A palavra *polui*, normalmente vem acompanhada na sequência da palavra *mas* e da palavra *emprego*. Assim como *polui*, a palavra *emprego* surge como um comentário feito por terceiros, algo que foi ouvido, uma informação que chegou até o entrevistado, não fazendo parte do conteúdo das falas dos grupos da prefeitura e dos pecuaristas. O grupo que mais mencionou o *emprego* foram os técnicos da assistência técnica e extensão rural, podendo-se inferir que isso se deve à observação deste grupo sobre a migração e o retorno dos

agricultores entre o campo e a cidade. Os extensionistas reconhecem o quanto a mobilidade entre os agricultores e pecuaristas da região se deve às necessidades econômicas de emprego e renda que seriam “supridas” pela atividade carbonífera. A palavra *região* na análise de conteúdo da dimensão informação emergiu nas frases próximas as palavras *emprego* e *ambiental*, o emprego (trabalho) na região e a “poluição ambiental” ou “questão ambiental” na região. O significado de *região* neste contexto é mais o de zona/área geográfica.

A informação por si só não é totalmente capaz de formar opinião, mas a forma como ela é dispersa não só influencia a formação de opinião, como também recria e altera simbolismos e relações intergrupais. Isso fica bastante claro no contexto desta pesquisa, em que se pôde observar as diferenças existentes tanto no tipo de informação que chega aos grupos quanto na forma como ela chega.

O entrevistados do meio rural dispõe de pouco ou nenhuma informação técnico-científica relacionada ao objeto de representação social, enquanto as opiniões dos trabalhadores das empresas carboníferas, prefeitura e assistência técnica e extensão rural são ancoradas na informação científica, no universo reificado. A informação científica é capaz de formar opinião, pois a partir dela se pode buscar a legitimação dos discursos. A partir do grupo ao qual pertencem os indivíduos, da posição desse grupo frente ao debate da exploração do carvão em Candiota e por meio da pressão à inferência, os indivíduos podem buscar evidências que auxiliam na formação de opinião e posteriormente nas atitudes das outras pessoas.

A comunicação midiática neste contexto também cumpre o papel de formadora de opinião, a exemplo do jornal local. A partir do fato, a informação é produzida e dispersa de forma a conduzir o conteúdo da opinião que acaba se expressando pelos moradores da região de Candiota.

O binômio *quem conhece* e *quem não conhece*, de acordo com a posição geográfica que o entrevistado ocupa, distante ou próximo à usina e à mina, surgiu nas falas dos trabalhadores das empresas carboníferas e da prefeitura. Quem conhece a atividade carbonífera é quem convive e logo quem conhece e convive é favorável, situação que coloca “em descrédito” as pessoas que moram em outros municípios e são contrárias. Um exemplo são os ambientalistas de outras regiões que vão até Candiota com o intuito de alertar quanto aos problemas ambientais futuros. A contradição é que os próprios moradores de Candiota, que são contrários, são rotulados pela população local como aqueles que *não conhecem* ou *não dependem* da atividade carbonífera. Mas essa avaliação não condiz com a realidade, pois

tanto existem pessoas que por algum motivo dependem economicamente da exploração do carvão e são desfavoráveis à atividade, quanto àqueles favoráveis. A dependência sentida pela população reflete uma política estabelecida pelo município em que a exploração do carvão possui centralidade. Essa centralidade nas políticas públicas reflete na informação construída e transmitida, bem como na percepção dos moradores quanto à dependência do município no que tange à exploração do carvão. A dependência econômica pode não ser concreta e imediata, mas é intrínseca ao imaginário dos entrevistados, dessa maneira também processando e organizando as representações sociais.

A comunicação midiática, representada pelo jornal local, opera disseminando a informação que perpassa por todos os grupos, sendo o meio de comunicação mais acessado. Porém, apesar da forte influência midiática que cria ambientes de construção das representações, a comunicação cotidiana tem sido observada como essencial na (re)construção, (re)apresentação e disseminação das representações sociais consensuais dentro dos grupos sociais investigados (FIG. 23) . Conforme Xavier (2002, p. 41), a comunicação cotidiana se dá em “diversos ambientes comuns à experiência individual ou particular (trabalho, família, bares, bairro, etc.)”. É a comunicação inerente às interações interpessoais e entre os grupos que se dão no dia a dia em locais diversos.

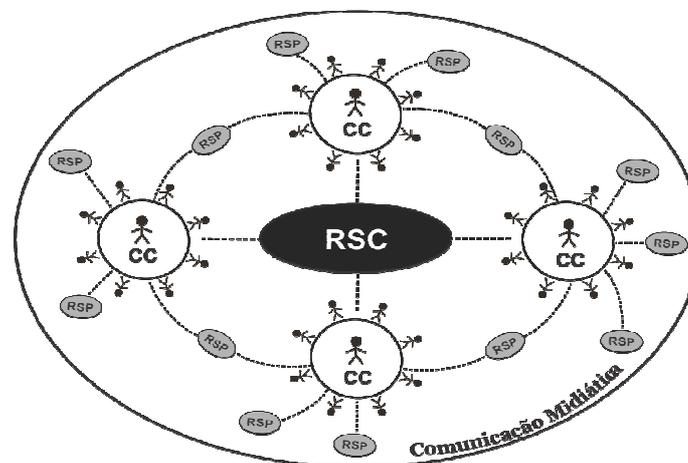


FIGURA 23 - Modelo esquemático: Representações sociais periféricas (RSP), Representação social central ou núcleo central (RSC) e as relações com as esferas de comunicação cotidiana (CC) e midiática em Candiota, RS, 2012.

Fonte: Modelo elaborado pela autora.

#### 4.1.2 A dimensão da atitude na representação da atividade carbonífera

O dimensionamento da atitude é decisivo para o entendimento das práticas sociais dos atores. A dimensão da atitude diz respeito à orientação global dos indivíduos em relação ao objeto da representação social (MOSCOVICI, 1978). Ela relaciona-se com as concepções de mundo dos indivíduos. Pode-se inferir essa dimensão por ser a “mais frequente das três dimensões e, talvez geneticamente primordial.” (MOSCOVICI, 1978, p. 74). Sendo primordial, é o principal aspecto que conduz o processamento das representações sociais entre os grupos, é a que primeiro surge e cria condições para as demais dimensões. Ou seja, “é razoável concluir que uma pessoa se informa e se representa alguma coisa unicamente depois de ter adotado uma posição, e em função da posição tomada.” (MOSCOVICI, 1978, p. 74).

O tema da “exploração do carvão” suscita primordialmente nas pessoas o seu posicionamento, sendo possível perceber isso já na apresentação do tema de pesquisa. Nos primeiros contatos estabelecidos com os grupos foi possível perceber os níveis hierárquicos dos indivíduos que os compõem, ou seja, algumas pessoas ao serem indagadas pela pesquisadora pediram para que se remetesse diretamente a um determinado membro do grupo, que, segundo eles, teria mais propriedade para falar sobre o assunto. Neste primeiro momento, surgiu o questionamento quanto ao posicionamento da pesquisa, se com um teor a contribuir de maneira favorável ou desfavorável à atividade carbonífera. O não posicionamento da pesquisadora ao mesmo tempo em que provocou alguma forma de desconfiança, também permitiu uma maior liberdade de expressão frente aos entrevistados.

A respeito da orientação geral dos indivíduos em relação ao objeto de representação, 53% dos entrevistados são favoráveis à exploração do carvão, 28% são contrários e 19% não se consideram nem favoráveis e nem contrários.

O grupo contrário é composto de um ambientalista que mora em Porto Alegre, sete técnicos de assistência técnica e extensão rural de Candiota, um funcionário de empresa carbonífera de Candiota, um ex-agricultor que mora na cidade de Candiota e quatro assentados. A principal razão desse posicionamento diz respeito aos danos ambientais que a geração de energia a carvão provoca:

Não apóio. A queima do carvão libera um monte de gases tóxicos, cinzas, são geradores de aquecimento global. Tem o resíduo, né? A mina é a céu aberto, tá expondo o solo. A recuperação ambiental eles chamam de recuperação, mas só o nome, todo mundo sabe que não recupera. O impacto visual é ruim, ver aqueles canos largando fumaça, pra mim seria mil vezes melhor ver o pampa sem ver aquela usina, aquele monstro cuspiendo cinza.

As plantações de eucalipto e aquela usina causam impacto ambiental. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Não, ele já é uma fonte obsoleta de energia, se houvesse uma nova tecnologia que o tratasse de uma forma mais limpa, mas hoje como tá, a poluição dele não compensa, existe outras formas de produzir energia. (Trabalhador de empresa carbonífera, Candiota, RS).

Em relação ao grupo favorável, este é composto majoritariamente por funcionários das empresas carboníferas, um ambientalista de Candiota, dois técnicos da assistência técnica e extensão rural, um ex-agricultor e pecuarista que hoje trabalha na cidade, três agricultores, seis pecuaristas e dos dois membros do grupo da prefeitura. A justificativa favorável é de que a exploração e a geração de energia por meio do carvão mineral são importantes economicamente para a região de Candiota, atrai empregos, é uma alternativa aos produtores rurais em tempos de estiagem, garantem o abastecimento de energia elétrica no estado e que hoje já se teria meios tecnológicos de se amenizar os danos ambientais que a atividade implica.

Eu Apóio. Porque é uma maneira, a sociedade exige a sociedade precisa de energia elétrica, o Brasil não vai crescer sem energia elétrica, gera renda, trabalho em diferentes níveis, hoje se tem tecnologia para minimizar ou até zerar os impactos ambientais. (Agrônomo, empresa carbonífera, Candiota, RS).

Sobre os que não possuem um posicionamento definido (dois assentados, e um entrevistado de cada grupo: pecuaristas, ex-agricultor e pecuarista, empresas carboníferas, ambientalistas de Candiota e assistência técnica e extensão rural de Candiota), esses mantêm a opinião condicionada a algumas variáveis como a relação afetiva de familiares com a atividade, a relação do próprio entrevistado com a empresa e prefeitura, e a dependência econômica em relação à atividade:

Dizer que apóio, posso fazer mal em dizer, dizer que não apoio também, tem muita gente que trabalha, que tocam as usinas [*se refere à exploração do carvão para geração de energia*] empregam gente e é a solução pra várias pessoas. O carvão não dá prejuízo, não ta me atingindo, muito pouca coisa, dá até pra ficar neutro. (Agricultor assentado, Candiota, RS)

A atitude favorável, contrária ou atitude de não ter um posicionamento definido é diretamente influenciada pela interferência que o tema do carvão possui na vida dos entrevistados, nas suas experiências de vida.

Na tabela a seguir está descrito o posicionamento dos entrevistados conforme o grupo a que pertencem:

TABELA 3- Posicionamento sobre a atividade carbonífera em Candiota, RS, conforme a distribuição das interpretações nos grupos em Candiota-RS, 2012.

<i>Grupo</i>	<i>Favorável</i>	<i>Contrários</i>	<i>Nem favorável, nem contrário</i>	<i>Total</i>
Agricultores assentados	5	4	2	11
Pecuaristas	5	0	1	6
Ex-agricultores e pecuaristas	1	1	1	3
COPTec	1	3	0	4
EMATER	1	0	1	2
BIONATUR	0	2	0	2
CGTEE	4	0	1	5
CRM	6	1	0	7
Ambientalistas	2	1	1	4
Prefeitura	2	0	0	2
<b>Total</b>	27	12	7	46

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme a tabela anterior destaca-se o posicionamento dos pecuaristas, dos trabalhadores da CGTEE e CRM e da prefeitura como quase que unânimes na opinião favorável à exploração carbonífera. Conclui-se que em parte a justificativa dessa opinião, deve-se ao fato de serem os grupos compostos por trabalhadores cuja renda movimenta principalmente o comércio da região, ou seja, são os grupos de pessoas com maior poder aquisitivo, cuja renda *per capita* contribui para os cálculos do PIB (Produto Interno Bruto) de Candiota. Já o fato dos trabalhadores da COPTec e BIONATUR serem majoritariamente contrários, se deve, dentre outras coisas, à proximidade que possuem com o meio rural, pela questão do êxodo e das dificuldades presentes na vida dos agricultores e pecuaristas locais. Essas conclusões são inferidas das representações sociais destes sujeitos e da observação participante durante a pesquisa de campo.

Entre os trabalhadores de empresas ligadas ao carvão, as representações sociais são influenciados pela ligação com as empresas. A atividade carbonífera para eles sendo representada por elementos como o “meio de sobrevivência” e o “emprego”. A não exploração do carvão forçaria a interrupção das atividades das empresas e, por consequência, haveria demissões. Já os produtores rurais assentados e não assentados, mesmo os que são favoráveis, sentem a interferência ambiental negativa do carvão devido ao gosto salobre da água dos poços artesianos, na produção de cinzas e sua influência na produção dos hortifrutigranjeiros. Segundo eles, as cinzas estariam queimando as folhas das hortaliças, deixando um aspecto parecido com o que se tem com a proliferação de fungos. A

preocupação com a qualidade da água é recorrente pelo fato de ser um município com estiagens frequentes. Apesar disso, o principal fator de ponderação para a aceitação da atividade carbonífera são os empregos gerados, já que oito dos 11 agricultores entrevistados possuem parentes ou amigos que trabalham ou trabalharam nessa atividade. A assistência técnica rural confirma os danos ocasionados ao meio ambiente e ressalta a poluição dos rios que passam por Candiota, principalmente o que nasce próximo à mina de carvão, e também inclui os danos à saúde. Os ambientalistas de Candiota indicam a questão da geração de empregos, mais uma vez bastante citada, pois também, assim como a maior parte dos agricultores, possuem familiares ou amigos ligados diretamente ou indiretamente à atividade. Também há o interesse por parte da prefeitura nos recursos financeiros gerados pela arrecadação de impostos, tanto das empresas quanto da população que cresce em torno da exploração do carvão. Para os quadros da prefeitura, o próprio município só existe e persiste devido à mineração e aos usos do carvão mineral.

Alguns atores não ligados ao meio rural e que não moram em Candiota ancoram suas representações na centralidade do problema ambiental ocasionado pela má gestão das ações que visam ao crescimento econômico. Outros atores, que não moram e que não trabalham com pessoas moradoras do meio rural de Candiota, ancoram suas representações na centralidade do crescimento econômico tendo a atividade carbonífera como principal eixo (FIG. 24):

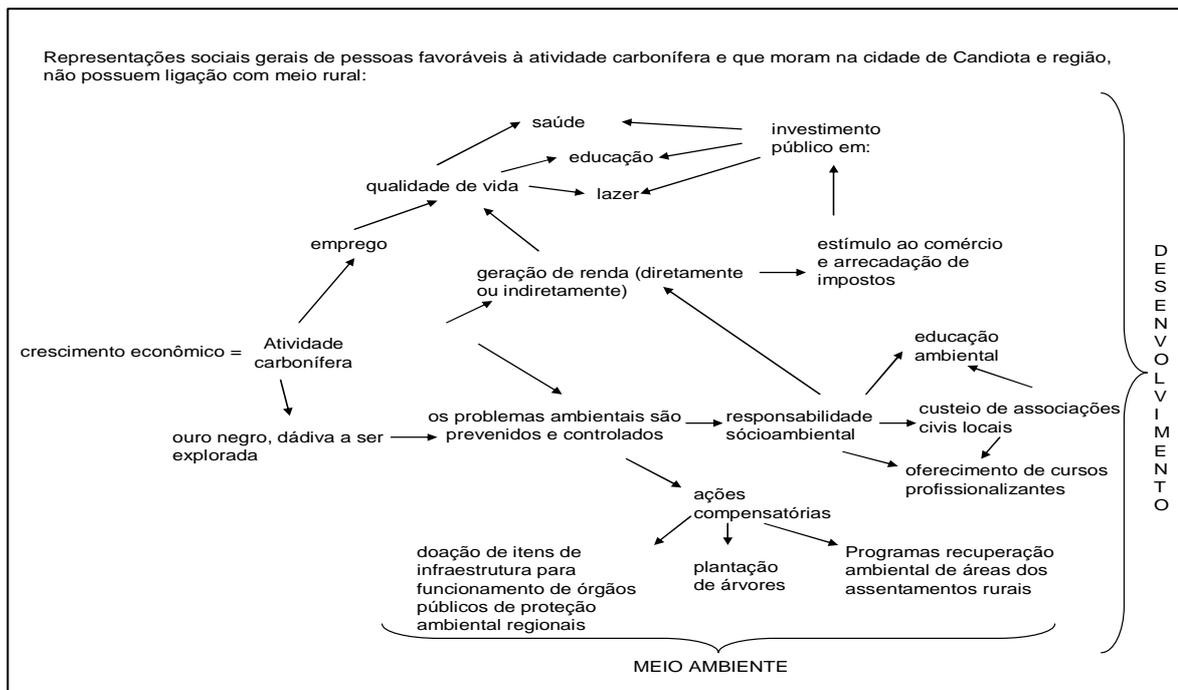


FIGURA 24- Representações sociais gerais de pessoas favoráveis à atividade carbonífera e que moram na cidade de Candiota e região, não possuem ligação com meio rural em Candiota, 2012.

Fonte: Elaborado pela autora.

Determinante também é a *pressão à inferência* que influencia os atores na interpretação dos fatos e na construção de um posicionamento e sua atitude. A pressão à inferência, segundo Moscovici (1979), é a pressão que os grupos exercem sobre seus membros, fazendo com que estes se posicionem e corroborem com um saber informal sobre um determinado assunto, pessoa ou objeto essencial para a constituição do grupo, a fim de manter a coesão das ideias do grupo. Para Souza Filho (1993, p. 120), a pressão à inferência “pode ser apreendida a partir da reconstituição de interações de sujeitos com membros do grupo de referência no qual se apoiam para produzir ou não representações sociais”.

Nesse sentido, em campo foi possível perceber como a atitude muda em relação à pressão à inferência devido às relações de cumplicidade e centralidade que os entrevistados demonstram em relação ao grupo pertencido. A centralidade revelava-se quando o entrevistado repetia muitas vezes os mesmos argumentos, sendo estes expressos muitas vezes nas falas dos demais integrantes do grupo. A opinião ou a prática contrária àquela construída pelo grupo pode gerar a exclusão dos contrários. A exclusão não se demonstra apenas no pertencimento ou não àquele ou a este grupo, mas na vida da comunidade, em relação aos fatos sociais em que o indivíduo se envolve. Em um município pequeno como Candiota, que tem sua rotina determinada pelas dinâmicas ocasionadas pela atividade carbonífera é muito comum que os grupos sociais interajam entre si e saibam quem são as pessoas que resistem ao senso comum. Da mesma forma, é possível mapear os atores e os pontos-chave dos discursos que costumam arrecadar adeptos para a manutenção da hegemonia de um grupo.

A opinião com valoração negativa à exploração do carvão é considerada *polêmica*, como sendo a opinião de *peessoas não bem quistas*, enquanto a valoração positiva é entendida como sendo de alguém que quer *progredir*:

Interfere porque a região aqui consome a energia produzida pelo carvão. Interfere, pois há o debate entre as pessoas... isso interfere... quando vamos em determinados lugares, em alguns eventos as pessoas que questionam o carvão *não são bem quistas*. Quem é contrário ao carvão eles preferem que não participem. A gente sabe que em alguns eventos o assunto carvão é sempre *polêmico*. (Agrônomo, assistência técnica, Candiota, RS).

[...] até um dia a gente ia ir numa audiência pública [...] Imagina eu numa audiência pública, dá contra uma empresa dessas vir, eu sozinho, o comércio fecha as porta pra mim, eu sou rejeitado pela sociedade, pode escrever, fecha as porta ...o mercado só enriquece por que as pessoas tão trabalhando, nem deixam eu explicar, me julgam, que eu quero mal do município, que eu não quero *progredir*...que quero *viver como um pobre coitado*...por isso eu nem vou [*nas reuniões cujas pautas se relacionam com a exploração do carvão*]. É como aquele que é do Inter, mas se enfiou na torcida do Grêmio agora tem

que ficar quieto, é bom não criar desavença com os companheiros, criar inimizade... (Agricultor assentado, Candiota, RS, grifos nossos).

Em cada grupo social foi possível identificar um ator chave que forma a opinião dos demais e tem o papel de manter a centralidade do grupo, ou seja, o posicionamento que é compartilhado pelos demais membros. No grupo dos ambientalistas identificou-se a pesquisadora *expert* sobre os danos relacionados ao carvão que atua em uma ONG internacional. Na assistência técnica e extensão rural, o coordenador de extensão rural, que geralmente conta com mais tempo de serviço. Na prefeitura, o prefeito. No grupo dos agricultores, destaca-se um grupo religioso, cujos membros ao mesmo tempo em que atuam como atores-chave na conservação da positividade da exploração do carvão, quando procurados optaram por não participar da pesquisa, bem como não quiseram expor à pesquisadora o papel que desempenham neste contexto.

Os pecuaristas demonstram ter menor coesão grupal. Residem longe uns dos outros, não possuindo uma convivência cotidiana, uma territorialidade compartilhada, o que de certa forma observou-se como fator que dificulta a manutenção de uma unidade em torno de pautas coletivas. Diferentemente, os agricultores, por serem assentados, já possuem outra lógica organizativa fomentada pelo movimento social ao qual pertenciam ou pertencem. Os pecuaristas de pequena propriedade, os pecuaristas de média e de grande propriedades entrevistados se pautaram pela opinião da assistência técnica e extensão rural. Tentam manter a legitimidade da opinião assegurada pelo técnico: “*Eu sou favorável, não me traz nada de mal, acho que é bom, né?! Camilo?*” (Agrônomo, pecuária, pequena propriedade, Candiota, RS, grifos nossos) ao se referir ao extensionista, presente em alguns momentos durante as entrevistas.

Analisando as palavras mais citadas nas respostas relacionadas ao bloco de perguntas que visava identificar a atitude dos atores, foram possíveis elencar oito na seguinte ordem de frequência: *não, carvão, gente, pessoas, energia, região, emprego* (FIG. 25).

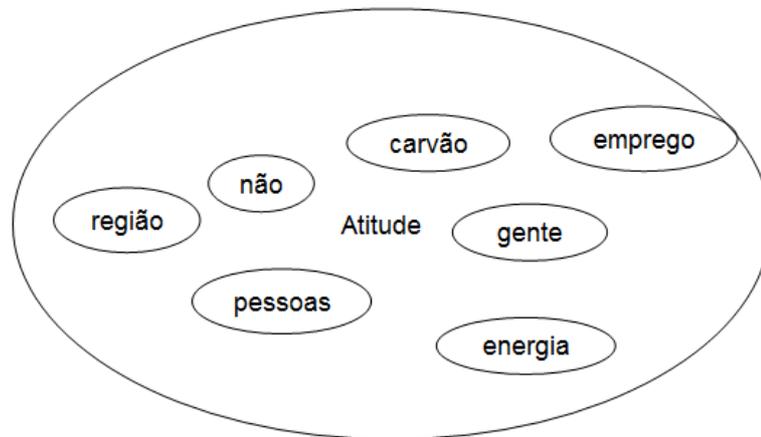


FIGURA 25- Palavras frequentes na dimensão atitude em Candiota, 2012.  
Fonte: Elaborado pela autora

As palavras foram selecionadas através do item “*queries*” do programa NVIVO7 que pesquisa as palavras mais frequentes no conteúdo das entrevistas selecionadas. As perguntas não foram digitadas junto às respostas no software para evitar sobreposição de palavras e explicitar melhor somente o conteúdo da entrevista.

A palavra “*não*” aparece como “*não* apoio” e “*apoio se não*”, denotando negatividade, dúvida e também condição. Nas entrevistas de pessoas contrárias ao carvão a palavra “*não*” aparece com mais frequência remetendo à negatividade da questão carbonífera para essas pessoas. Aos entrevistados que não têm um posicionamento, o “*não*” surge como dúvida: *não* sei te dizer, *não* posso dizer que *não*. A palavra *gente* aparece no sentido de “nós”, aparecendo nas falas dos agricultores e pecuaristas, como por exemplo, “a *gente* precisa de apoio”, “prejudica a *gente*”:

o carvão interfere pelo seguinte, se nós não tivesse a alternativa da usina pra *gente* vir trabalha aqui [*na cidade*], talvez a *gente* lutaria de outra forma entendesse? Porque muitas vezes aquilo tá mais fácil mais ao alcance... Aí tu vai em busca pra se manter no campo. Meu ponto de vista seja esse... Sem contar a questão da saúde... Essas coisas aí que é incontestável que ela interfere um monte. Uns dizem que a cinza que prejudica muito a *gente*... Se eu tiver lá no campo vai prejudicar da mesma forma, vai cair lá também, então talvez acomodasse muito os agricultores, outra a lentidão das coisas prejudica, facilitou agora, meus filhos tão precisando comer, até que passe pela EMATER, 5, 6 meses até serem aprovados os projetos... (Ex-agricultora e pecuarista assentada, Candiota, RS).

A palavra *pessoas* remete ao público atendido pela extensão rural e aparece com mais frequência nas falas da assistência técnica e extensão rural no sentido de “melhorar a vida das *pessoas*”, “as *pessoas* não tem alternativas”, “as *pessoas* que vivem no campo”. O termo

*questão* aparece significando assunto: “pois é, não sei se existe algum estudo relacionado à essa *questão*”. Aparece também no sentido de discussão:

Interfere na *questão* futura. Tenho muito medo do futuro, agora já vivi até aqui. Principalmente pela *questão* ambiental, tem poluição por tudo, passa um pano em cima dum carro ou então fica uns tempos na cidade limpa teu nariz no fim do dia. (Agricultor assentado, Candiota RS).

O grupo da assistência técnica e extensão rural foi aquele que mais utilizou a palavra *questão* no sentido de *problemática*, *discussão*, enquanto os ambientalistas utilizaram no sentido de *assunto*. Isso se deve à própria conotação de “problema” e “embate” que o tema possui para o primeiro grupo, devido à migração do público rural e demais dificuldades que eles observam no campo.

A palavra *energia* surge massivamente entre as respostas das entrevistas com o grupo das empresas carboníferas, seguido da assistência técnica e extensão rural, dois pecuaristas e um quadro da prefeitura de Candiota. Desta forma, pode-se inferir que a representatividade da exploração do carvão pela questão energética é muito forte e serve como justificativa principalmente pelas empresas. A energia, para os pecuaristas, está vinculada à necessidade de energia para a indústria. Para a prefeitura e as empresas, a energia gerada pela queima do carvão é estratégica para o desenvolvimento, para a competitividade do município, para a produtividade:

A geração de carvão é importante para o estado. O RS importa 60% da *energia* elétrica. Nós geramos *energia* suficiente para um milhão de gaúchos, Candiota é estratégica. (Prefeito de Candiota, RS).

A palavra *região* é mencionada quando se trata da localidade da produção de energia. Ora esta palavra se refere ao município, ora se refere também aos municípios com que Candiota faz divisa. Para as empresas, quando *região* se refere à exploração do carvão e a problemática ambiental ela é uma unidade pequena e restrita de espaço, o município. Quando a palavra *região* se refere aos benefícios do carvão, entende-se como toda a região que seria beneficiada, como uma unidade maior, composta de vários municípios:

Pois é, não sei se existe algum estudo relacionado a essa questão, não sei te dizer, o que eu penso é porque que na nossa *região* cada vez chove menos? Claro, essa questão da estiagem é em toda a região, mas se tu pegar essa região da campanha, Aceguá, Candiota, Bagé e Hulha são os municípios que mais tem sofrido com a estiagem. A média histórica no ano é de 1300 mm, hoje é de 1050 mm. (Técnico em agropecuária, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Sim, sempre trabalhei nisso né [*sobre as consequências da exploração do carvão no meio ambiente*] Como tá numa *região* isolada acho que a legislação ambiental poderia ser mais flexível, tá numa região de agropecuária né, nem as chuvas ácidas não têm mais. (Engenheiro, empresa carbonífera, Porto Alegre, RS, grifos da autora).

Fomento econômico, o carvão de Candiota gera emprego pra toda *região* e quiçá até gente do nordeste [*do Brasil*]. (Ambientalista, Candiota, RS, grifos da autora).

A palavra *emprego* foi mencionada com maior frequência pelo grupo das empresas carboníferas, da assistência técnica e extensão rural e pelos agricultores. Os entrevistados das empresas ressaltaram a condição de serem empregados, que precisam do emprego e para isso da exploração do carvão:

Claro, com certeza, é o meu salário, meu *emprego*, minha motivação de crescer como profissional influencia 90% da minha vida e pra melhor. (Agrônomo, empresa carbonífera, Candiota, RS, grifos da autora).

O emprego é apresentado como uma das consequências da exploração do carvão, como alternativa econômica para pessoas do meio rural que migram para cidade:

[...] se hoje, se tivéssemos que trancar a exploração do carvão, trancaria inclusive a renda, o *emprego*, inclusive a vida do pessoal do interior, que infelizmente estão deixando seus locais de morada para vir pra cá trabalhar. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Eu apóio, porque o que era antigamente não desenvolviam nada, não tinha *emprego*, apareceu o carvão, o que surgiu de *emprego* pra essa região foi muito importante. (Pecuarista, Candiota, RS).

A observação e a vivência com a realidade local é essencial para o entendimento da dinâmica da pressão de inferência. Todos os grupos estão inseridos em um contexto maior, que influencia a construção das interpretações e a forma como essas interpretações podem ou não interagir com as ideias hegemônicas. Alguns posicionamentos apreendidos parecem ter sido apenas repassados, ou seja, os atores só reproduziram algo que já foi anteriormente construído. A própria atividade carbonífera é um exemplo. O governo federal, a partir do Ministério de Minas e Energia, elabora e executa as políticas energéticas setorialmente, que fazem parte de outra política macro, de desenvolvimento nacional, o PAC. Essa construção, por via institucional, chega ao município, que deve zelar pelo andamento da política nacional. Em Candiota há setores político-econômicos com diferentes graus de dependência em relação à exploração do carvão, mas todos se unem pela motivação econômica. Essa união mantém a centralidade das opiniões e dos comportamentos aceitos pelo grupo, as atitudes dos atores são

diretamente influenciadas por essa dependência e pela pressão de inferência dos grupos em torno do núcleo central das representações sociais.

Como visto, a atitude que prepondera entre os entrevistados em Candiota é dotada de positividade, ressaltando os benefícios da exploração do carvão. A própria migração das pessoas do meio rural para o urbano é vista por alguns atores como algo desejável, como uma ascensão social. No meio rural, os jovens, com mais frequência que os idosos, tendem a ver a migração como algo positivo. Para estes, a saída do campo é incentivada pelas empresas carboníferas, que oferecem qualificação e em alguns casos o emprego em alguma atividade nas empresas terceirizadas. Em contrapartida, há representações dotadas de contrariedade, de negação. É como se a “balança pesasse” de acordo com a posição social: nem todos são totalmente a favor, nem todos são totalmente contra. Nesse sentido, destaca-se que o grau de dependência em relação à exploração do carvão é instável e dinâmico. Além disso, destaca-se a dimensão cultural, de identidade, que compõe o imaginário dos atores, pois um terço dos entrevistados, indiferente do grupo a que pertencem, pensam a atividade carbonífera a partir da tradição familiar: avô mineiro, pai mineiro e hoje mineiro:

A questão do carvão pra mim é complicada pra mim falar porque sou filha de mineiro. Meu pai veio pra Candiota em 1961 pra trabalhar na CRM. O carvão pra mim é meio que um fetiche, faz parte da minha vida pessoal. Me criei com meu pai chegando em casa e comentando sobre o carvão. Eu nunca me desligo do assunto carvão, faz parte da minha infância, da minha vida. Eu não ouço muito as pessoas falando sobre o carvão. Com a questão do leilão de energia se pipocou bastante, mas não ouço as pessoas falando por aí. Já faz parte da vida das pessoas aqui em Candiota. (Técnica da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Como a usina e a mina continuam sendo as principais atividades econômicas da região, muitas pessoas oriundas de outras regiões do estado instalaram-se em Candiota e lá criaram filhos e netos. Há o sentimento de que não se pode “*cuspir no prato que comeu*” (Ex-agricultora e pecuarista, Candiota, RS), “*mas é o nosso ganha pão*” (Trabalhador de empresa carbonífera, Candiota, RS), já que a atividade segue garantindo o sustento de boa parte da população, percebendo-se o sentimento de gratidão ao carvão mineral. A dimensão cultural afetiva compõe o imaginário coletivo que é expresso nas representações sociais:

Parto da premissa de que o imaginário é um fenômeno coletivo [...] Sua substância é composta pela memória social, povoada por ideias e imagens provenientes dela e/ou do inconsciente. Ele se organiza e se dissemina por meio de representações e afetos. (ARRUDA, 2007, p. 114).

O imaginário coletivo se expressa, assim como a dimensão da atitude, através das escolhas inconscientes nos processos elaborativos que fazem com que o que parece estranho possa tornar-se familiar. A atitude orienta “para o terreno onde jogar a âncora para dar sentido ao objeto.” (ARRUDA, 2007, p. 120). A dimensão afetiva do imaginário orienta o sentido das representações sociais, pois seu aspecto coletivo transcende as opiniões individuais. Sendo assim, quando os atores expressam sua atitude a partir da dependência econômica que sempre tiveram em relação à exploração carbonífera, também podem estar expressando a relação afetiva configurada por meio desta dependência que possibilitou a sobrevivência de parte da população desde a legalização das atividades nos anos de 1950.

#### **4.1.3 O campo da representação da atividade carbonífera**

A partir dos conteúdos apreendidos nas falas dos entrevistados, infere-se que há distinções quanto ao ato representacional da exploração do carvão ou atividade carbonífera entre os grupos.

Jodelet, ao analisar o ato representacional, identifica pontos centrais na construção da representação social: o caráter referencial da representação, a referência de alguém para alguma coisa; seu caráter imaginante e construtivo que a faz criativa e autônoma; e finalmente sua natureza social, as categorias expressas pelos grupos são ancoradas na cultura compartilhada por eles, são suas próprias formas de linguagem. (JODELET, 1984, 1991, apud JOVCHELOVITCH, 2000). Sendo assim, observou-se que há um elemento central nas representações e um elemento periférico que estaria bastante próximo a esta representação central, sendo transformado ao longo dos anos devido ao debate energético no país.

Há uma representação dotada de centralidade expressa a partir da noção de *crescimento econômico*, e outra muito próxima a esta, mas de caráter periférico, expressa pela noção de *energia*. A maneira como a representação social como crescimento econômico se estrutura dentro do universo consensual dos entrevistados pode ser representada por meio da abordagem de Jean-Claude Abric, a partir do núcleo central das representações. Para Abric (1994), o elemento central da representação é fundamental, pois é ele que determina tanto o significado quanto a maneira e como se organiza a representação. Ele é o elemento mais estável, que não muda facilmente em relação às mudanças do contexto em que os atores estão inseridos:

Este núcleo central é composto por um ou vários elementos que ocupam na estrutura da representação uma posição privilegiada: eles são os que dão

sentido à representação. Ela é determinada, em parte, pela natureza do objeto representado, por outro lado pela relação que o sujeito - ou grupo - tem com este objeto, e, finalmente, por sistemas de valores e normas sociais que constituem o ambiente ideológico da época e do grupo<sup>21</sup>. (ABRIC, 1994, p. 23).

Nesse sentido, observou-se a centralidade econômica do carvão mineral como sendo parte do sistema de valores incorporados no sistema de significações dos grupos.

Para o estudo estrutural das representações sociais, muitos pesquisadores têm se utilizado de programas de análise quantitativa de palavras, porém, segundo Abric (1994, p. 22), “o papel central de um elemento não pode ser identificado exclusivamente por uma dimensão quantitativa. Em vez disso, o núcleo tem essencialmente uma dimensão qualitativa.”<sup>22</sup> Sendo assim, a frequência da ocorrência de palavras não é um critério suficiente para caracterizar o núcleo central, sendo necessárias leituras atentas a partir de outros procedimentos metodológicos. Neste trabalho, a partir de leituras do diário de campo, análises de entrevistas e observação participante foi possível identificar o *crescimento econômico* como o núcleo central que condiciona os elementos periféricos da representação social.

Para Abric (1994), o núcleo central possui duas funções: uma geradora e outra organizadora. A função geradora é o elemento que cria ou altera o significado das outras partes constituintes da representação. A função organizadora determina a natureza dos laços que unem os elementos da representação, sendo unificadora e estabilizadora da representação. Sendo assim, os elementos periféricos das representações estão subjugados ao elemento central da representação social na medida em que são geradas e estruturadas a partir de uma centralidade. É como se, os elementos periféricos, depois de estabelecidos, conferissem a proteção do núcleo na ocasião de uma mudança contextual.

Os elementos periféricos são dotados de maior flexibilidade quando comparadas ao núcleo central das representações. Conforme Marková, “Os elementos periféricos estão organizados em torno do núcleo central e constituem uma interface entre o núcleo e uma situação concreta, na qual a representação se manifesta, isto é, no discurso.” (MARKOVÁ, 2006, p. 246). Os elementos periféricos são representações que permeiam as representações centrais em um dado contexto, ou seja, se o contexto muda ao longo de uma pesquisa, por

<sup>21</sup> Ce noyau central est constitué d'un ou de quelques éléments qui occupent dans la structure de la représentation une position privilégiée : ce sont ceux qui donnent à la représentation sa signification. Il est déterminé d'une part par la nature de l'objet représenté, d'autre part par la relation que le sujet – ou le groupe – entretient avec cet objet, enfin par les systèmes de valeurs et de normes sociales qui constituent l'environnement idéologique du moment et du groupe. Tradução livre da autora.

<sup>22</sup> Par ailleurs, la centralité d'un élément ne peut pas être rapportée exclusivement à une dimension quantitative. Au contraire, le noyau central a avant tout une dimension qualitative. Tradução livre da autora.

exemplo, as representações periféricas podem acompanhar. Isso ocorre de maneira quase que instantânea, e essa reorganização periférica é que pode culminar, por sua vez, na alteração do núcleo da representação social. Abric (1994) também determina funções para os elementos periféricos da representação sendo estes de concretização, o de regulação e o de defesa.

Na função de concretização, as representações periféricas incorporam elementos da situação em que a representação ocorre, diz respeito às experiências cotidianas dos indivíduos (ABRIC, 1994). Na função de regulação, conforme Leal (2010, p. 47), “os elementos periféricos têm o papel de adaptar a representação às evoluções do contexto, ou seja, integram na periferia as informações novas ou as transformações no contexto do meio”. Na função de defesa, atuam garantindo a estabilidade no núcleo central, nesse sentido “a transformação de uma representação terá lugar, portanto, na maioria dos casos pela conversão de seus elementos periféricos”. Nos sistemas periféricos é que se suportam as contradições.

As representações periféricas, sendo mais instáveis, se alteram com mais facilidade em relação ao núcleo central. Em uma mudança conjuntural, em um primeiro momento, as representações periféricas que os grupos e sujeitos possuem tenderiam a se alterar e poderia haver ou não a alteração do núcleo central da representação. As representações periféricas para Abric (1994)

(...) constituem os principais elementos dos conteúdos da representação, a sua parte mais acessível, mas também a mais viva e concreta. Eles incluem informações retidas, selecionadas e interpretadas, os julgamentos feitos sobre o objeto e seu entorno, estereótipos e crenças. Estes elementos estão hierárquizados, isto é, eles podem estar mais ou menos perto dos elementos centrais: perto do núcleo, desempenham um papel importante na realização do significado da representação, o mais distante eles ilustram, explicam ou justificam esta significação<sup>23</sup>. (ABRIC, 1994, p. 25).

Pode-se citar como elementos periféricos consensuais da atividade carbonífera o “emprego”, “qualidade de vida”, “razão de existência’ do município”, “energia”, “atração de investimentos” e “atraso do campo” (FIG. 26). As ligações entre as representações periféricas podem ser assim esquematizados (FIG. 27):

---

<sup>23</sup> Ils constituent l’essentiel du contenu de la représentation, sa partie la plus accessible, mais aussi la plus vivante et la plus concrète. Ils comprennent des informations retenues, sélectionnées et interprétées, des jugements formulés à propos de l’objet et de son environnement, des stéréotypes et des croyances. Ces éléments sont hiérarchisés, c’est-à-dire qu’ils peuvent être plus ou moins proches des éléments centraux : proches du noyau central, ils jouent un rôle important dans la concrétisation de la signification de la représentation, plus éloignés ils illustrent, explicitent, ou justifient cette signification. Tradução livre da autora.

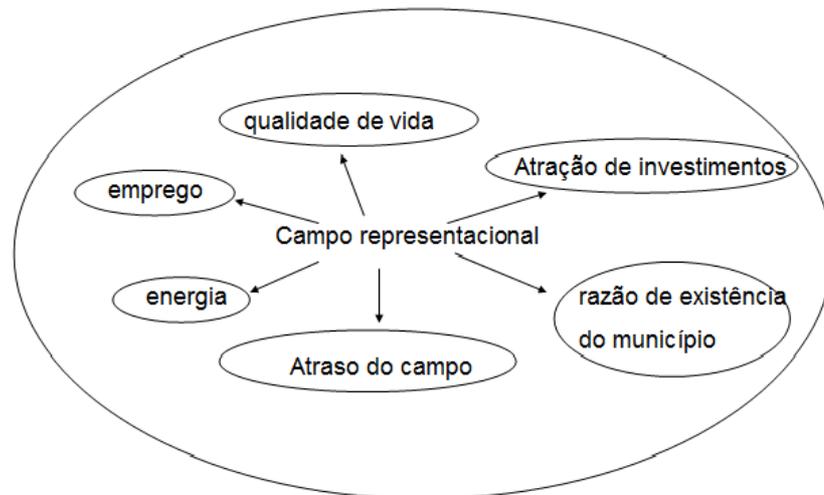


FIGURA 26: Elementos periféricos das representações da atividade carbonífera em Candiota, 2012.  
Fonte: Elaborado pela autora.

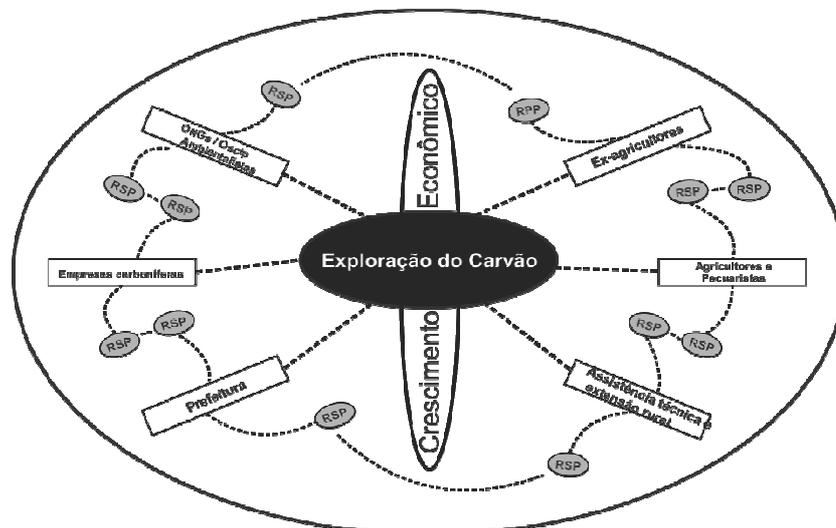


FIGURA 27 - Modelo esquemático do núcleo central (NC) e representações sociais periféricas (RSP) de acordo com os grandes grupos analisados em Candiota, 2012.  
Fonte: Modelo elaborado pela autora.

O crescimento econômico é a representação que mais se destaca e a partir dela é que as outras representações são formuladas. Há no município o consenso de que o carvão mineral gera as principais fontes de empregos e movimenta a economia de Candiota, por intermédio do consumo dos moradores e dos tributos pagos à prefeitura. Esta dependência é muito marcada nas falas em que os atores destacam que Candiota foi fundada a partir da necessidade de um melhor gerenciamento público das atividades carboníferas. A população que se instalou na região veio de vários lugares do estado e do Brasil, atraídos pela perspectiva de empregos, inclusive trabalhadores oriundos do meio rural:

Eu cheguei aqui em 1981, já tinha a fase A, inaugurada em 1960, nos anos 1980 finalizaram a fase B, tinha só campanha, agricultura fraca, só pecuária, o que aconteceu, ela absorveu a mão de obra dos peão, conheço história de tosador que foi trabalhar na usina, antes se quebrava carvão a paulada, que nem as cidades que dependiam das charqueadas, substituíram por outras economias, a gente substituiu pelo carvão. (Engenheiro, empresa carbonífera, Candiota, RS).

Para os trabalhadores entrevistados da usina termelétrica e da mina de carvão, se não houvesse a exploração do carvão, não haveria nada em Candiota, *apenas* agropecuária. É como se o rural representasse um atraso que precisasse ser superado:

Se não tivesse as empresas aqui, isso aqui não teria nada, seria *só* fazendas, como era antes, antes de começar a minerar não tinha nada, o que desenvolveu, o que existe hoje na região toda é por causa do carvão. Hoje significa a vida das pessoas, a maioria gosta do que faz, é o que sustenta as famílias. Aqui não é uma região de pequenos agricultores, como em outras regiões do estado [...] aqui eram grandes fazendas, há grandes propriedades com domínio de poucas pessoas, fazendeiro não é desenvolvimentista, ele acumula muita renda. Essa atividade [*carbonífera*] quebra isso. (Engenharia, empresa carbonífera, Candiota, RS, grifos nossos).

É consensual que o município foi fundado devido à exploração do carvão, consensual também que hoje se mantém também devido à presença das atividades carboníferas. Há, por parte das empresas, um condicionamento do município à existência da usina e da mina. Observou-se que este fator, para os grupos, auxilia na construção de suas opiniões e atitudes. Quem seria contra o carvão também seria contra o município, já que a existência do segundo está condicionada à existência do primeiro. Um exemplo desta forma de perceber a atividade carbonífera se expressa pela frase contida no livro criado por uma das empresas em comemoração aos 50 anos de Candiota (FIG. 28):



FIGURA 28- Página de livro em comemoração aos 50 anos de existência da Usina Termelétrica de Candiota Presidente Médici.

Fonte: Candiota - 50 anos - Carvão, Energia e Trabalho (2011).

Está presente a ideia de que se houvesse o fim das atividades carboníferas o município acabaria:

Hoje pra nós aqui ele significa tudo, pra nossa região aqui se nós pára de minerá, se nós pára de gerar, nossa região termina, é como diz o ditado, é o nosso ouro preto. (Trabalhador em empresa carbonífera, Candiota, RS).

Nesse sentido, infere-se que a população tem dificuldades em pensar outra economia que não seja baseada no carvão. Este imaginário está profundamente enraizado na dimensão da informação que circunda o cotidiano e constitui o senso comum, afinal, toda comunicação cotidiana e midiática culmina no fortalecimento da atividade como o fator de melhora da vida da população. Um exemplo é o *outdoor* colocado na entrada do município, onde diz que o carvão mineral está tornando a vida das pessoas melhor (FIG. 29).



FIGURA 29- Outdoor na entrada do município em Candiota, RS.  
Fonte: Acervo da autora- fev/2012.

A imagem produzida pela objetivação da exploração do carvão como sinônimo de crescimento econômico é expressa pela palavra *riqueza*. Frases como: “*O carvão é a nossa riqueza*” (Agricultor assentado, Candiota, RS), foram citadas com frequência durante as entrevistas. Sendo assim, para eles o fim das atividades implicaria na *não riqueza*, na *pobreza* e no *atraso*, relatados como a situação em que vivia a região quando dependia majoritariamente da economia baseada na agropecuária.

A representação da exploração do carvão como *energia* está presente principalmente no conteúdo das entrevistas do poder público e das empresas carboníferas. Segundo Marková (2006, p. 243), para a teoria das representações sociais, os conteúdos e as significações das representações sociais se apresentam de forma estruturada, tendo a teoria o objetivo de identificar, descrever e analisar estes conteúdos e estes significados estruturados”. Sendo assim, a palavra *energia* foi identificada dentro das representações que surgiram dos atores. Seus sentidos são analisados por meio do efeito que emprestam as relações sociais, pois não

cabe à teoria das representações sociais examinar processos e regras de comportamento, estes estariam mais próximos de abordagens de cunho comportamental, relacionadas à cognição social (MARKOVÁ, 2006).

Logo, a representação por meio do termo *energia* tem um significado consensual nos grupos sociais analisados, adquire certa centralidade, mas não se constitui no núcleo central das representações e nem está no mesmo patamar da representação social *crescimento econômico* (FIG. 30):

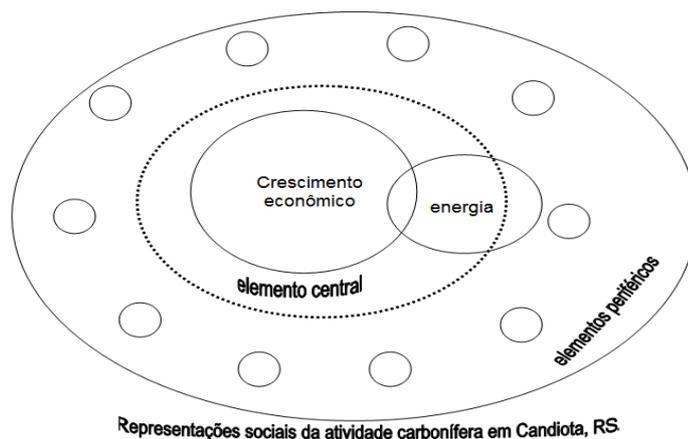


FIGURA 30- Modelo esquemático: Estrutura das representações sociais da atividade carbonífera em Candiota, 2012.

Fonte: Modelo elaborado pela autora.

A geração de *energia* é tida como a principal finalidade da exploração do carvão em Candiota, porém sabe-se que esta não é a principal matriz energética no estado ou no Brasil. Ela assume um papel de reserva energética na impossibilidade futura de outras formas de energias limpas suprirem a demanda. Apesar do carvão não ter entrado para o leilão de energia brasileiro, a obra de construção da fase C da usina termelétrica de Candiota foi a maior obra do PAC no Rio Grande do Sul, e foi construída considerando-se as perspectivas futuras das empresas e do poder público (FIG. 31).



FIGURA 31- Imagens de outdoor's em Candiota, a caminho da Usina Termelétrica Presidente Médici. Fonte: Acervo da autora- fevereiro/2012.

A representação social do crescimento econômico integram a energia de forma que, para as empresas e a prefeitura, as principais dimensões da atividade carbonífera seriam a econômica, seguido da produção de energia, que por sua vez, também geraria crescimento econômico. Para eles, o crescimento econômico atrai empresas que precisam de energia e a utilizam para manter suas indústrias, gerando empregos. A população empregada compra alimentos, eletrodomésticos, consumindo cada vez mais energia, o que melhoraria a qualidade de vida e fomentaria a economia da região. É como um círculo virtuoso em que um aspecto favorece o outro continuamente (FIG. 32).



FIGURA 32- Círculo virtuoso: emprego e crescimento econômico em Candiota, 2012.  
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.2 ANÁLISES DAS CORRELAÇÕES ENTRE AGROPECUÁRIA, DESENVOLVIMENTO, MEIO AMBIENTE E A ATIVIDADE CARBONÍFERA.

As representações sociais no universo consensual dos grupos analisados são formadas a partir de três eixos: a agropecuária, o desenvolvimento e o meio ambiente. Estes sustentam e ancoram a temática da exploração do carvão mineral e suas representações sociais em Candiota (FIG. 33):



FIGURA 33- Modelo esquemático sobre os eixos das representações sociais da atividade carbonífera em Candiota, RS, 2012.  
Fonte: Elaborado pela autora.

### 4.2.1 As ideias de agropecuária

Para a análise das correlações entre a agropecuária e a exploração do carvão, definiram-se alguns pontos que constituíram os blocos da entrevista e a palavra *agropecuária* foi utilizada também na associação livre<sup>24</sup> de palavras tendo como sinônimos a *agricultura e pecuária* ou atividade primária. Esses pontos foram definidos a partir de conversas com informantes-chave e o público rural no campo exploratório para determinar, posteriormente, a contribuição durante as análises. As questões foram: Quais significados de agropecuária, do meio rural ou da atividade primária? Há alguma influencia da atividade carbonífera no meio rural? Sendo a resposta positiva de que forma? Também foram feitas perguntas a fim de identificar as causas da migração do campo para a cidade.<sup>25</sup>

De um total de 46 entrevistados, 39% entrevistados afirmaram possuir terras e exercerem alguma atividade rural. Destes 39%, 35% pertencem aos grupos de agricultores e pecuaristas e 4% são vinculadas às empresas carboníferas, mas também obtêm renda com a atividade rural.

Para os entrevistados, as ideias de agropecuária, apreendidas na associação livre de palavras e na frequência de palavras, expressam-se pelos termos: *produção, sobrevivência, sustentabilidade, desafio, subsistência, base de tudo, trabalho, alimento, dificuldade, geração de renda* (FIG. 34).

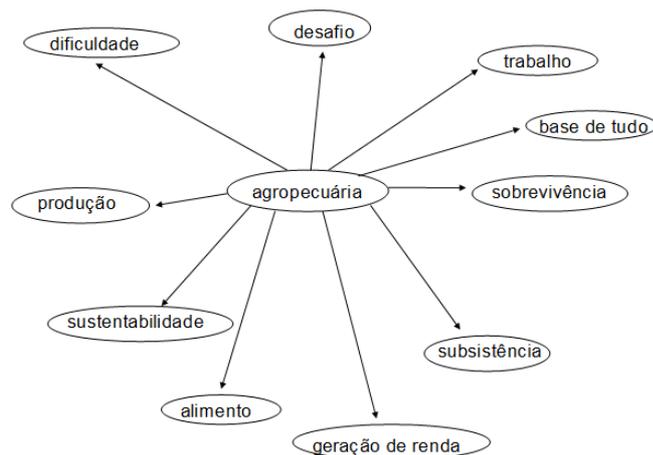


FIGURA 34- Ideias de agropecuária em Candiota, 2012.

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>24</sup> Foi perguntado ao entrevistado (a) quais as palavras que vinham a sua mente quanto a pesquisadora falava a palavra agropecuária ou atividade rural. Melhor descrição deste procedimento encontra-se na página 46.

<sup>25</sup> As perguntas podem ser lidas na íntegra no apêndice.

Os atores, ao formularem uma ideia a respeito da agropecuária, acabam por classificar, categorizar e explicar, objetivando a palavra e dando-lhe familiaridade. De acordo com Moscovici (2011, p. 71), a “objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se verdadeira essência da realidade”. Para Moscovici, trata-se de uma comparação, “comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância”. É como comparar “Deus como um pai, e o que era invisível instantaneamente começamos a visualizar, o que era abstrato agora é uma imagem concretizada em nossa mente, como uma pessoa a quem podemos responder como tal.” (MOSCOVICI, 2011, p. 72).

Há diferenças no que tange às especificidades dos grupos. Entre os ambientalistas, os atores que trabalham em Candiota ancoram a agropecuária ao desenvolvimento, ao impacto ambiental gerado pela atividade nos assentamentos e a um ideal de agricultura sustentável. A ancoragem segundo Moscovici, “é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.” (MOSCOVICI, 2011, p. 61). Os grupos ancoram a agropecuária em outras categorias que já existem em suas mentes, que já lhes são familiares. É um processo de classificação em que a palavra ou termo, ao ser ancorado, passa a adquirir as características que são atribuídas ao objeto ancorado. Neste caso, a agropecuária passa a significar algo bom e desejado se o desenvolvimento econômico para o grupo é algo bom e desejado; a agropecuária ancorada no termo impacto ambiental passa a ser algo não desejado se para o grupo o impacto ambiental não é desejado.

O impacto ambiental em nível regional seria consequência das atividades rurais, enquanto o carvão teria um impacto ambiental mais restrito, em um sistema valorativo para esses atores:

Em Candiota especialmente me preocupa muito esse ponto a questão do impacto ambiental que existe. Nós temos uma visão de que o impacto ambiental do assentamento de diversos agricultores numa área grande do município, embora tenha um propósito de desenvolvimento, não podemos negar que junto vem a caça, a pesca, a exploração ilegal de madeira, das queimadas, isso é uma preocupação da nossa entidade, ele não é um impacto localizado como a exploração do carvão Já a agricultura é um impacto espalhado no município, sei da importância acredito que ela deva ser bem conduzida, mas não podemos negar que onde o homem tá localizado o impacto ambiental tá junto, seja pelo lixo, por tudo mais. (Ambientalista, Candiota, RS).

Enquanto para os ambientalistas a atividade rural denota impacto ambiental, para o grupo da assistência técnica e extensão rural a agropecuária, a atividade primária é associada a

noções como *abandono, êxodo rural, necessidade da produção orgânica, potencialidades do meio rural, pessoas e meio ambiente, sobrevivência, necessidade de sustentabilidade*. A expressão “*abandono das potencialidades*” foi recorrente no sentido de que o poder público não investiria recursos suficientes para fomentar as potencialidades rurais:

O processo, agricultura e pecuária é a produção primária e pra mim município como aqui dessa região, sempre tem uma potencialidade dentro dessa área da agricultura e pecuária, se esses governos, né... Tivessem uma ação mais voltada pro setor primário aqui da região... No sentido de estruturar melhor os agricultores, tanto no sentido de moradia, de estrutura de produção nós temos uma região aqui com déficit hídrico, mas é uma região que chove 1200 mm por ano, se tu estruturar aí com açude, barragem, micro barragem, tu tem como conviver com esse limite, essa dificuldade e aí a gente vê muito pouca ação porque essa região não tem sido prioridade a gente vê muita ação pontual, paliativa, mas não ação estruturante, então pra mim, a agricultura e pecuária aqui tem que ter uma ação estruturante, também aqui a agricultura e pecuária tem o potencial de mexer na economia local, o carvão, por exemplo, não mexe na economia local aqui, agora uma atividade primária com certeza mexeria na economia local, e na distribuição de renda, mais equitativa entre as famílias. (Agrônomo, técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Conforme esse exemplo, a agropecuária apesar da potencialidade estaria em abandono. Porém, o conteúdo da fala de um entrevistado que é filho de mineiro, e que teve a sua vida ligada à exploração do carvão, associa a agropecuária à produção e a um setor forte e organizado:

Penso que graças a Deus temos uma atividade primária bastante forte aqui na região. Como trabalho com isso posso te dizer que é bastante tranquilo tanto para os grupos que trabalham com a bacia leiteira, tanto como para os que trabalham com gado de corte, lavouras extensivas. Temos um grupo bem consolidado de pequenos e médios pecuaristas. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Os entrevistados do grupo das empresas carboníferas relacionam a agropecuária à *produção, sobrevivência, emprego, vocação, mercado, saúde, imprescindível*. A expressão *vocação* é empregada no sentido de que era a atividade predominante localmente, surgida antes da exploração do carvão.

Já o grupo de ex-produtores rurais pensam a atividade rural como um *desafio* como forma de *subsistência e renda*.

Há distintas associações entre os atores rurais. Para os agricultores assentados, as significações permeiam aspectos como *a origem, produzir, não existe mais, plantação, renda, sobrevivência, clima, base, trabalho, não tem saída, alternativa, subsistência, dificuldade*. Os

pecuaristas relacionam a dificuldade de se manter e de produzir no campo com: *difícil produzir, agropecuária é para quem gosta, é alimento, é plantação.*

Os grandes proprietários ressaltam a importância da atividade rural e, auxiliados por mais escolaridade, destacam a pecuária como a principal atividade rural: “*por ser agrônomo em agricultura nunca me meti aqui*” (Agrônomo, pecuarista, Candiota, RS). Para eles, em relação às potencialidades locais, é necessário investir em pecuária, reprodução e, produção animal. Para os grandes proprietários, a pecuária é passível de investimento na região, ao contrário da agricultura que não seria a aptidão local devido às más condições climáticas. Estes atores não apontaram dificuldades quanto à pecuária em Candiota. Infere-se que isso se deve à distância geográfica das propriedades em relação à mina e à usina termelétrica. Também pelo fato de que boa parte dos pecuaristas são residentes antigos na região do Baú, e têm a pecuária como tradição familiar, acumulando terras e animais ao longo dos anos, infraestrutura e conhecimento sobre a atividade.

Os entrevistados da prefeitura de Candiota entendem a atividade agropecuária como *desenvolvimento, renda, produção de alimentos, cultivo, sustentabilidade, estratégica.* A visão do poder público relaciona-se à alimentação:

É uma atividade cada vez mais estratégica. No passado, o meio rural era maior que o urbano, com o passar do tempo foi se mudando. No nosso município ainda há bastantes pessoas no meio rural, mas haveremos de cuidar mais da nossa agricultura, de quem se desafia a produzir o alimento. Ela é uma atividade estratégica, importante e imprescindível, a gente não sobrevive se não tiver produtor não tem alimento. (Quadro da prefeitura de Candiota, RS).

As noções ou ideias de agropecuária que foram utilizadas como sinônimos para tratar da “questão rural” em si, vinculam-se à produção de alimentos.

Para alguns grupos, a produção de alimento não ocorre, para outros sim, ora não recebe investimentos suficientes, ora é encarada como potencialidade local. Essas relações são de extrema importância para o entendimento de como os atores percebem o meio rural e a exploração do carvão. Tratou-se até aqui dos entendimentos sobre o “rural”. O conhecimento popular sobre o meio rural, as maneiras de pensar e agir na vida cotidiana e o senso comum fazem parte de um universo em que a esfera consensual permite aos atores compreender e se relacionar com o rural da região. Essa relação tanto tange à forma como os agentes entendem as dificuldades, como à forma de reação frente a elas.

Neste contexto, em que o rural é caracterizado muitas vezes pela sua não existência, estando à margem de políticas públicas consideradas insuficientes, a exploração do carvão

relaciona-se ao meio rural pelas dificuldades de se manter no campo. A sua não existência é caracterizada principalmente pela palavra “nada”, como por exemplo, na afirmação de que se não houvesse a atividade carbonífera no município então não haveria nada, só campo e agropecuária. Essa forma de ver o rural foi expressa pelos trabalhadores das empresas carboníferas.

As dificuldades apontadas são em relação à adaptação dos agricultores assentados, que não estariam se adequando à “cultura” da região, que é de pecuária:

As pessoas vão buscar trabalho na exploração do carvão porque falta estrutura no local onde ela tá, ela não tem vocação para pecuária, não consegue aumentar a quantidade de vacas também não tem comida para alimentar os animais, quem vive da atividade primária precisa se expandir, mas quando não consegue se vê obrigado a trabalhar na cidade para manter sua família. (Técnico de assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Faz-se referência ao acesso precário a insumos tecnológicos: “ Produtos caríssimos, semente tem que comprar a maioria, o adubo é caro, o óleo diesel é caro, nessa sustentabilidade é caro plantar, se gasta mais pra plantar no que vai tirar pra vender. (Ambientalista, Candiota, RS). Também é referenciado o tamanho das propriedades dos assentados, que seriam pequenas:

Candiota tem em torno de 39 assentamentos, cada lote varia em torno de 30 ha. Então uma família pra tu obter sustento, em condição, num solo que já não é muito apropriado para agricultura, arenoso, pedregoso. Então ele já tem dificuldade quanto a isso, e a maior dificuldade eu vejo assim, esse pessoal não consegue obter o sustento pleno deles. Dificuldade de se desenvolver só nesse pedaço de campo, porque primeiro ele não é mecanizado, enfim, toda essa dificuldade, depois o resto inerente, ele produz pouco, vende por pouco no local ali. A dificuldade que eu vejo é por serem em propriedades pequenas, com um solo não o melhor possível, por isso que muitos deles procuram emprego ou deixam a família lá trabalhando, os filhos e a esposa, etc., e vão procurar emprego nas empresas que tão ali, de tratorista, operador de máquina até serviço braçal. Ele procura uma renda fixa porque só tem aquele trabalho ali. (Engenheiro de empresa carbonífera, Candiota, RS).

As dificuldades apontadas também são quanto ao escoamento da produção e deslocamento dos produtores, recursos financeiros para investimento e a não garantia de retorno financeiro periódico. Para os produtores não assentados entrevistados, as dificuldades residem na segurança, na difícil ascensão social a partir do pequeno poder aquisitivo, do pouco subsídio econômico, dos impostos e das condições físicas dos trabalhadores:

Segurança né?, que nem aqui na fazenda já entraram aqui na casa, roubaram coisas, invadem, entraram no meu galpão levaram minha camioneta. As vezes acorda de manhã e tem 10 vacas carneada. E o papai do céu manda seca né? no verão... As coisas que o poder público poderia minimizar é segurança né? segurança pública aqui em Candiota é um problema. (Pecuarista, grande propriedade, Candiota, RS).

Não é por falta de emprego, emprego tem bastante no meio rural, aqui quase todas as fazenda tem trabalho, a pecuária é difícil não tem salário bom, lá fora o retorno do trabalho é imediato. Mas não tem dificuldade pra fica na campanha, pra se manter é fácil, mas pra melhorar de vida é que é difícil. Pra quem precisa viver de empregado aqui não é fácil. (Pecuarista, grande propriedade, Candiota, RS).

Há também o entendimento por parte de alguns entrevistados, funcionários de empresas carboníferas, de que a própria atividade agropecuária exclui pessoas devido à concentração de terras:

Olha, pela experiência que eu tenho, a concentração da atividade primária vem excluindo muito as pessoas, há uma concentração da terra em que os grandes vão comprando as terras dos menores, aí as pessoas vão indo pra cidade. (Trabalhador de empresa carbonífera, Porto Alegre, RS).

Entre os trabalhadores das empresas ouviu-se comentários de que as atividades rurais concentram a renda devido às grandes propriedades, às estâncias de gado. Sabe-se que o município abriga muitos assentamentos, porém a maioria das pessoas desconhece que atualmente 70% da produção agropecuária do município é oriunda dos pequenos agricultores e pequenos pecuaristas.

Como consequência das dificuldades, aponta-se a migração dos trabalhadores do campo para a cidade. Algumas palavras destacam-se, como o *atraso* referindo-se à vida no campo. Esse atraso foi relacionado à questão do *não investimento*, à *falta de atrativo*. Os entrevistados ancoram a migração do campo para cidade às dificuldades do meio rural. A relação é vista de dentro para fora, dos problemas internos da vida no campo em relação às soluções externas da vida urbana. Nessa perspectiva, a exploração do carvão não tem um papel central como motivadora da migração, mas sim o rural que não estaria apresentando condições de infraestrutura e investimentos para frear esse deslocamento. Sendo assim, os trabalhadores poderiam tanto buscar o trabalho na exploração do carvão como em qualquer outro lugar no espaço urbano.

Pensa-se também a migração por outra perspectiva, como a exploração do carvão sendo o empreendimento atrativo, que faz com que as pessoas se desloquem e não relacionando as dificuldades de se manter no meio rural como o principal motivo. Ou seja,

nesse entendimento as pessoas não estariam saindo do campo pelas suas dificuldades, mas sim pelas melhores condições de renda e qualidade de vida que a exploração carbonífera estaria oferecendo. Dessa forma, a usina, a mina e as demais empresas que atuam na exploração do carvão é que não deveriam contratar a mão de obra rural, pois estes possuiriam “plenas condições” de se manter no campo:

É que nem a droga, não aumenta por causa do traficante e sim por quem consome, senão o traficante não tinha pra quem vende. O emprego é assim, não podiam contrata assentado. A gente tem terra, tinha que sobrevive dela. (Assentado, Candiota, RS).

Os grupos de agricultores e de ex-agricultores e pecuaristas apontam a dificuldade de viver na cidade como o fator que faz com que haja a volta das pessoas para o meio rural. A falta de estudo e de adequação no sentido de não se adequar ao ritmo, a forma de vida urbana, também propiciariam a opção pelo retorno ao campo.

A migração da juventude associada às dificuldades do campo é uma maneira de dar objetividade a essas dificuldades. Todos os entrevistados reconhecem a dificuldade de viver no meio rural em Candiota, seja pelas relações pessoais cotidianas com agricultores e pecuaristas ou pelos meios de comunicação, como o jornal local, Tribuna do Pampa, por exemplo. A própria mídia televisiva divulga a situação da estiagem no estado e o fenômeno do êxodo rural.

O entendimento desse fenômeno em Candiota torna-se real e objetivo devido a migração da juventude. Os atores demonstraram que ao mesmo tempo em que o êxodo é entendido como algo comum, em Candiota, o fenômeno, é cotidiano e preocupante, pois se refere à instabilidade de uma forma de vida que faz parte da realidade local. Quem não mora no rural possui algum tipo de contato, seja pela aquisição de alimentos ou por ser parente ou amigo de “colono.”<sup>26</sup> O mundo do campo não é algo distante, pelo contrário, é intrínseco ao cotidiano urbano de Candiota.

A preocupação com a migração da juventude e a continuidade da atividade no campo é sentida tanto pelos grandes pecuaristas quanto pelos pequenos agricultores, mas de formas distintas. Os pais agricultores assentados, por exemplo, avaliam a intenção dos filhos em migrar para cidade como algo bom, natural, que se deve ao grau de estudo que possuem. Quanto aos filhos que ficam no campo, o motivo é a falta de estudo, que não lhes deixam

---

<sup>26</sup> Colono é como os moradores da cidade designam os moradores do meio rural. Para os cidadãos todos são colonos, mas no campo há clara distinção de identidade. Enquanto os assentados se identificam como colonos, o público rural não assentado se identifica como pecuarista ou produtor rural.

alternativas a não ser permanecer no campo. Já os grandes proprietários temem a não continuidade das atividades rurais que desempenham hoje e que herdaram da família. Também destacam que a migração da juventude coloca em risco a mão de obra rural, que já se encontra mais rarefeita, como por exemplo, para a tosquia.

De acordo com os atores preocupados com a migração do público rural, principalmente da juventude, existe o risco do fim das tradições da “campanha”. Entende-se que a “campanha gaúcha” tem se transformado ao longo dos anos e, de acordo com a interpretação dos entrevistados, não haverá no futuro mais população local, residente. Alguns entrevistados prevêm o seu término da forma como ela é hoje:

Acho que na campanha não vai ficar é ninguém. O futuro da campanha é alguém que ganha uma nota preta lá [*na cidade*], que mora lá e coloca um empregadinho aqui. Agora viver aqui, que nem a minha geração e as geração dos meus avós, isso aí não vai existir mais...vai ter alguém que ganha muito dinheiro na cidade que vai botar alguém a trabalhar pra ele aqui...agora mora na campanha. (Pecuarista, médio proprietário, Candiota, RS).

Vai gente só do campo pra cidade, vejo cada vez mais a campanha com menos gente, não existe, parece que a campanha vai acabar, né? (Pecuarista, grande proprietário, Candiota, RS).

A recorrente percepção de “término da campanha” é objetivada por meio das novas dinâmicas que se estabelecem nos tempos atuais. No entendimento dos agricultores e pecuaristas, as relações rurais precisam continuar como eram, caso contrário a mudança dessas relações provocará o seu fim. Todos os entrevistados pecuaristas são herdeiros de terras na mesma região onde residem hoje e aprenderam através da família a gostar e a lidar com o campo, é como se a tradição devesse ser mantida através das gerações. A migração da juventude para a cidade e o desinteresse pelo campo que as novas gerações demonstram contrariam o universo consensual dos mais velhos, de que pelo menos um dos herdeiros deveria continuar a lidar com a terra. A significação da lida campeira vincula-se ao contato cotidiano e não ao arrendamento para terceiros. O simbolismo está no trato com animais, no campo, nas suas dimensões simbólicas. Sendo assim, essas tradições não estariam relacionadas à lógica mercantil contemporânea identificadas com o agronegócio. Essa é a imagem por meio da qual os pecuaristas mais velhos objetivam do campo.

De um total de 46 entrevistados, sete pessoas, sendo três residentes em Porto Alegre e uma pertencente à administração da prefeitura de Candiota, desconhecem o deslocamento de pessoas do meio rural para a cidade. Todos os outros entrevistados conhecem casos

específicos ou sabem por pessoas próximas. Desses 39, quatro consideram o fenômeno como algo natural, que acontece como *tradição*:

Mas óia a tendência aqui é que o pessoal da área rural vão migrando pra cidade, até porque aqui já é uma *tradição*... O pessoal do Lassance, 80% é do campo, gente que saiu e gente que tem campo mas tem casa na cidade, a mão de obra mas desqualificada a maioria é tudo aqui da região. (Assentado, Candiota, RS).

A palavra *produção* foi a mais empregada para expressar a concepção de agropecuária e de meio rural pelos entrevistados. Esta produção é afetada pelas dificuldades de permanecer no campo, sendo que as principais dificuldades apontadas são a estiagem, falta de infraestrutura (saúde, educação e transporte), dificuldades de escoamento da produção e endividamento. Como consequência, aponta-se a migração de agricultores e pecuaristas, em sua maioria assentados. As políticas de fomento à exploração do carvão, aliadas à inviabilidade da produção e à falta de infraestrutura no meio rural, fazem com que a cidade forneça condições mais atrativas a essas pessoas. Sendo assim, a agropecuária e a exploração do carvão por vezes são interpretadas como atividades que competem por mão de obra.

Do total de atores entrevistados, 85% conhecem uma ou várias pessoas que saíram do campo para buscar emprego. Quase a totalidade destas pessoas não consegue voltar para a terra devido às dívidas que acabam fazendo na cidade quitando-as, muitas vezes, com a venda da propriedade ou do lote. Outras, ao venderem os animais e deixarem de plantar, ao conseguirem manter-se trabalhando na cidade, não veem mais sentido em voltar.

Nem todas as pessoas oriundas do meio rural conseguem emprego. Muitas delas, por não terem os níveis de escolaridade solicitados, acabam fazendo o que na região chama-se de “bicos”, trabalhos informais na área de prestação de serviços. Houve uma grande oferta de empregos na construção da fase C da usina, que atraiu milhares de agricultores e pecuaristas também de outras regiões do estado. Com o término da obra, muitas delas permaneceram na cidade, originando as vilas conhecidas como Areal e Portelinha, na região central da cidade, próximas à usina termelétrica que está ativa e a mina de carvão.

As atividades que o público rural mais exerce se concentram na Usina Termelétrica Presidente Médici. Tanto a usina, administrada pela CGTEE/Eletróbrás, quanto a mina, de gestão da CRM, contratam funcionários por meio de concurso público. No entanto, nem sempre as pessoas que entram nessas empresas são moradoras da região, pelo contrário, normalmente elas possuem altos níveis de escolaridade e vêm de outras localidades do estado e do Brasil. Assim, resta à população local atividades em empresas terceirizadas, prestadoras

de serviços à usina ou à mina. Foi citado de maneira consensual entre os entrevistados que a atividade mais exercida por agricultores e pecuaristas é a de auxiliar de serviços gerais e limpeza, seguido de atividades na construção civil e de vigilância. Estes trabalhos, que muitas vezes são tidos como desqualificados perante a população urbana local, para a população rural são uma forma de garantir o sustento da família. As pessoas oriundas dos assentamentos revelam um sentimento de pesar quanto a este tipo de alternativa. Ex-agricultores e ex-pecuaristas relataram não gostar de viver na cidade, pois a despeito das condições mínimas de saneamento básico, luz, água encanada, lazer, educação, acesso à saúde que antes não tinham e que a cidade oferece, para eles o sinônimo de qualidade de vida é viver no campo. Logo, o trabalho na atividade carbonífera é visto como uma alternativa na impossibilidade de obtenção de renda a partir de outros meios e não como algo almejado pelos agricultores e pecuaristas mais antigos na região.

#### 4.2.2 As ideias de desenvolvimento

As ideias de desenvolvimento apreendidas revelam que o fator econômico é o elemento capaz de propiciar outros modelos de desenvolvimento. De forma consensual entre os grupos, através da apreensão das palavras mais citadas na associação livre de palavras (FIG. 35), as ideias de desenvolvimento possuem desde referências a um cunho econômico, como por exemplo, as palavras “crescimento”, “produção”, “emprego” como relacionadas ao desenvolvimento humano como “saúde”, “educação” e “qualidade de vida”. O que denota as várias interpretações e distintos significados que a palavra possui para os entrevistados. Além da verificação generalista, fez-se necessário também a apreensão das representações inerentes a cada grupo social.



FIGURA 35- Ideias de desenvolvimento em Candiota, 2012.

Fonte: Elaborado pela autora.

A noção que permeia o conteúdo das entrevistas do grupo dos ambientalistas, por exemplo, é associada a *crescimento, progresso, palavra ultrapassada, sustentável*, sendo *crescimento e progresso* aliados à preocupação com o meio ambiente:

Bom, eu acredito no desenvolvimento buscando o crescimento, mas de uma maneira ordenada né? com a preocupação ambiental, preocupação social, financeira, toda ela empregada com uma visão que provoque esse crescimento, porém com todos esses cuidados, né? (Ambientalista, Candiota, RS).

Mas, ao serem indagados sobre um lugar que pudesse ser apontado como modelo de desenvolvimento nos seus parâmetros pessoais, observou-se que os quesitos para tal são: *qualidade de vida, saúde, trabalho, educação, transporte, trabalho intelectual, tecnologia, supermercado, comércio*.

O sinônimo de qualidade de vida, por sua vez, é representado por um conjunto de fatores como: *dignidade, comida, trabalho, viver com alegria, saúde, educação*, quesitos que fazem parte dos índices de desenvolvimento humano (IDH).

Apenas um entrevistado deste grupo problematizou a palavra desenvolvimento:

Aí vamos entra na palavra desenvolvimento, vamos chamar assim de melhoria de qualidade de vida. Talvez haja mais recurso econômico, com certeza vai ter, mas o que vai se comprometer; as águas, o futuro, se já não ta comprometendo hoje... a saúde, o trato respiratório das pessoas.... Diria que essa questão da melhoria de qualidade vida ela pode ter do ponto de vista imediato o recurso econômico, até os assentados mesmo acabam se tornando refém desses recursos, o que é triste, o Estado não dá apoio não possibilita uma vida digna e acabam sendo assediados por essas empresas, a CGTEE, por exemplo... Até para o desenvolvimento da região deveria se investir nas potencialidades da região. A palavra desenvolvimento esta superada implica em você crescer, ta muito cunhada pelo banco mundial, acho que a gente tem que rever o desenvolvimento, tem muitas entidades pensando isso. (Ambientalista, Porto Alegre, RS).

Para este entrevistado, a palavra desenvolvimento é uma “palavra ultrapassada”. Segundo ele, não se pode tratar como desenvolvimento situações em que prevalece o crescimento econômico que beneficia apenas uma pequena parcela da sociedade enquanto outras parcelas ainda vivem em uma condição de privações. O modelo atual de desenvolvimento, para ele, ainda traz uma série de problemas ao meio ambiente e à saúde. Sendo assim, tratar a condição atual da economia como desenvolvida é um erro, pois não se trata de uma condição plena; seria uma ilusão.

O termo *qualidade de vida* é o mais recorrente no conteúdo das falas dos entrevistados. Abordando através de um ponto de vista teórico, a qualidade de vida é o que garante o desenvolvimento, são os valores que garantem o bem-estar humano, estando acima da dinâmica econômica. Estas ideias são trazidas pelo teórico indiano Amartya Sen (2000). Este autor aborda a qualidade de vida pela expansão das liberdades que seria o principal fim e o principal meio do desenvolvimento, sendo preciso eliminar tudo que possa impedir as escolhas e as oportunidades das pessoas. Nesse sentido, as visões de desenvolvimento do grupo da assistência técnica e extensão rural corroboram com essa visão, já que para eles o desenvolvimento rural seria uma forma de dar escolhas e oportunidades aos agricultores através de um *desenvolvimento sustentável*, aliado à *geração de emprego e renda*, sendo o *progresso*, nesta ótica, algo *necessário*.

Mesmo explicando que as noções de desenvolvimento não precisavam ser ligadas ao meio rural e sim à sociedade como um todo, ainda assim 70% dos entrevistados do grupo de assistência técnica e extensão rural condicionaram o desenvolvimento ao desenvolvimento rural. O rural aqui não é tratado apenas como espaço físico, mas como um espaço de construção social:

O rural, nesse entendimento, deixa de ser um atributo específico de determinados grupos sociais, residentes em certas localidades, e passa a ser uma representação social, produzida por diferentes grupos (sejam eles de origem urbana ou rural). O espaço deixa, portanto, de ser visto como algo externo, um conjunto de propriedades físicas que serve de suporte para as relações sociais, e passa a ser ele mesmo construído socialmente como forma de diferenciação social. (PIRES, 2004, p. 167).

Nesta ótica, quando este grupo refere-se à palavra *rural*, infere-se que há o entendimento do rural como um modo de vida que contrapõe-se ao modo de vida urbano. O desenvolvimento não estaria atrelado ao setor urbano, mas seria medido pelas condições de infraestrutura que garantem ao rural a sua construção e diferenciação social. Assim, quando indagados sobre a existência de algum lugar que eles consideram desenvolvido, remeteram às regiões ou municípios em que o desenvolvimento se deu pelo desenvolvimento da atividade rural, através do *acesso à infraestrutura*:

A gente observa um desenvolvimento nessas regiões que foram colonizadas, uma qualidade de vida melhor. Se pegarmos essas cidades da Serra Gaúcha, a questão da moradia, estrutura de moradia, *acesso* às informações, questão de educação, *infraestrutura* básica, acho que é isso os principais aspectos visuais. (Agrônomo, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS, grifos da autora).

Um exemplo que eu acho (*de qualquer lugar no mundo que seja considerado desenvolvido*) é o Assentamento Capela, perto de Porto Alegre, eles tem *acesso* mais fácil, aqui, por exemplo, tem família que pra escoar a produção tem que rodar 90km de estrada de chão, por exemplo se é uma verdura, hortaliça, um tempero, já vai chegar murcho né? Além de ser longe, a estrada é ruim. Lá o que eles produzem se vende. No Capela eles têm uma cooperativa, desde o início. (Pedagoga, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS, grifos da autora).

As palavras *acesso, água, ambiente, educação, produzir, estrada e crescimento*, remetem à idéia de infraestrutura. A ordem de frequência como que tais expressões aparecem diz respeito às medidas apontadas como prioritárias para o grupo, certamente pela própria relação que possuem com a extensão rural.

A palavra *acesso* refere-se à necessidade de alcançar serviços e infraestrutura no campo capaz de gerar o desenvolvimento almejado, e que ainda não são disponíveis de maneira homogênea:

O desenvolvimento pra mim é as pessoas de uma forma geral ter *acesso*, né? O INCRA acha que só dá a terra basta e pra mim o desenvolvimento não é só isso, é a reforma agrária como um todo né, as pessoas terem *acesso* a educação, terem estradas boas, *acesso* bom a saúde, uma alimentação de qualidade, tudo isso pra mim é progresso, as pessoas terem mais *acesso* às coisas. (Pedagoga, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

A questão da moradia, estrutura de moradia, *acesso* às informações, questão de educação, infraestrutura básica, acho que é isso os principais aspectos visuais. (Agrônomo, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Nas falas, o termo *acesso* aparece próximo à palavra *água*, pois junto a *meio ambiente, educação, produção e estrada*, é o item de infraestrutura mais citado. O acesso à água é considerado indispensável em razão da escassez na região, que tem apresentado quadros de estiagem e em 2012 sofreu a pior seca dos últimos 60 anos:

A água pra tudo isso é fundamental, porque quem não foi ano passado tá querendo ir esse ano, as pessoas não tem água pra tomar, os bichos tudo com sede, como se vai produzir e vender o leite se as vaca não tomam água, estrada melhor, tem bastante coisa que precisaria ser feito. (Pedagoga, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Tem que ter uma política pública de armazenamento de água, irrigação. Acredito assim, que deveria ter reservatórios de água nas propriedades, que pudessem irrigar pelo menos de 4 a 5 hectares. O que acontece, o problema nosso é a chuva, muitos acabam se desestimulando e abandonando a propriedade pelas condições climáticas não serem favoráveis. Tendo irrigação esse produtor pode produzir numa menor área com maior produtividade e com qualidade alimentar para os animais. (Agrônomo, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

O termo *ambiente* é empregado como sinônimo de natureza, elementos naturais, como referência às pastagens, árvores, animais e recursos naturais que existem no campo. A *educação* é associada à preocupação desses profissionais em relação à continuidade dos agricultores e pecuaristas no campo, principalmente a juventude, que parte à procura de estudo e emprego. A *educação* é sempre associada à cidade, e nenhum entrevistado citou a educação do campo. A *educação*, na visão do grupo, oportunizaria empregos e consequentemente o desenvolvimento:

Precisava ter aqui mais educação superior, que possibilitasse para as pessoas poderem avançar na sua educação, mais empresas, que as empresas e as faculdades vislumbrassem um mesmo objetivo. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

Acho que Bagé está tendo uma oportunidade de desenvolvimento através da educação ela acaba sendo a cidade pólo da região. (Agronomia, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).

No que se refere à *produção*, ela está intimamente ligada à produção rural, entendida como fomentadora do desenvolvimento no seu viés econômico, aparecendo também na identificação de agricultores e pecuaristas como produtores. Na região, a valorização do agricultor e do pecuarista se dá pela sua produção: quem não produz não se autovaloriza e não é bem visto pelos demais. Sendo assim, o fomento à produção não se reduz ao apelo econômico, mas também mobiliza o universo simbólico de agricultores e pecuaristas. Por sua vez, a *estrada* é o que permite o escoamento da *produção*, logo, a produção está condicionada à estrada, ao escoamento. O *crescimento* é entendido como o resultado do desenvolvimento, consequência da produção e da estrada aliado ao desenvolvimento humano a partir de um viés econômico que torna possível a afirmação de uma identidade rural.

O grupo de trabalhadores das empresas carboníferas entende o *desenvolvimento* como *inovação tecnológica e qualidade de vida* viabilizadas pelo *meio ambiente* e pela *renda* respectivamente. Alguns entrevistados iniciaram suas falas tratando a ideia de desenvolvimento como “desenvolvimento sustentável”, sugerindo a negação de seu sentido exclusivamente econômico e, no decorrer da entrevista, o posicionamento transitou também entre as noções de inovação tecnológica e de garantia de renda. Nesse sentido, infere-se que existem dois discursos que os atores tentam incorporar à sua noção de desenvolvimento: um seria produzido pela própria experiência pessoal e o outro, de acordo com o discurso oficial das empresas a que pertencem e seria produzido pelo seu papel de profissional. Este último discurso é reafirmado constantemente pela necessidade do “desenvolvimento sustentável”

sendo este para eles, o modelo de desenvolvimento que tem “o cuidado” com o meio ambiente.

As palavras que compõem o universo consensual deste grupo são: *cidade, qualidade, vida, educação, social, tecnologia, renda, saúde, meio ambiente e emprego*. As noções de desenvolvimento são permeadas por aspectos de ordem econômica e sociais que produzem bem-estar social. A *cidade* foi citada como o local referenciado para se obter o desenvolvimento do município. Como era sabido que a presente pesquisa estava sendo desenvolvida em um programa de pós-graduação em desenvolvimento rural, era como se o entrevistado sentisse que precisava citar palavras que remetessem ao rural como, por exemplo: o campo, a agricultura, os assentamentos e os colonos.

A *qualidade de vida*, para este grupo, seria a consequência da união de diversos fatores: *educação, tecnologia, renda, saúde, meio ambiente e emprego*. A correlação que o grupo faz é a de que a *educação* fomenta a inovação da *tecnologia*, tanto na geração de conhecimento quanto na prática. Tendo a pessoa boa *saúde* e cuidando do *meio ambiente*, pode obter *emprego e renda*, satisfazendo suas necessidades, alcançando a *qualidade de vida*.

A especificidade deste grupo aparece na opinião dos trabalhadores moradores de Bagé e Candiota, que citaram outras localidades rurais como modelos de desenvolvimento:

Eu acho que a região de Caxias na serra [RS], os pequenos agricultores são bastante organizados, produzem bastante, têm uma renda boa, principalmente o fato de não só o meio urbano, mas também o meio rural ser desenvolvido, os dois andando juntos, a renda, as pessoas priorizam a técnica, lá é desenvolvido porque são essencialmente técnicos, o estudo. Até as pessoas fazem essa distinção social, urbano, eu não faço para mim rural e urbano são mais ligados do que a gente imagina. (Técnico da área ambiental, empresa carbonífera, Candiota, RS).

Em relação ao grupo de ex-agricultores, as ideias de desenvolvimento estão atreladas a noções como *trabalho, desenvolvimento do campo, condições de produção*:

Mais respeito ao povo do campo, respeito que eu falo é acreditar mais na força do pessoal do campo, dar a eles mais condições de produzir, não adianta aumentar a área urbana se não se tem o que comer, Candiota hoje tá desrespeitada essa questão no campo, tem tanta, mas tanta gente formada em técnico, em faculdade, essas pessoas poderiam participar de um projeto de desenvolvimento pro campo, tem que usufruir de tanta gente capacitada que tem aí, de teoria estamos cheios, queremos é prática, que nem quando chega o dinheiro pra um projeto pra comprar vaca, mas pra ter a vaca tu precisa das cercas, aí tu pega e faz as cercas, quando tu vai adquirir a vaca aí já gastou o dinheiro com a cerca. (Ex-agricultor 1, Candiota, RS).

Essa visão condiz com a própria história de vida destes atores, que neste estudo representam a população urbana de Candiota, cuja formação foi em parte resultado da desistência da vida no meio rural. Nesses atores é muito nítido o sentimento de pesar no que se refere à mudança para a morada na cidade e ao abandono do campo. Foram entrevistadas pessoas com níveis de escolaridade e profissões distintas, mas todas elas lamentam igualmente pela migração, pois não foi uma situação almejada e sim imposta pela inviabilidade de manterem-se no ambiente rural. Os fatores mais recorrentes nas falas em relação a esse processo foram o endividamento, ocasionado em parte pela seca que não permitiu que a agricultura e a criação de animais “vingassem”, e a dificuldade no escoamento da produção. O fato de não ter como vender a produção teve como consequência o crescimento das dívidas e o rebaixamento do lucro, ocasionando a falta de recursos para o pagamento de empréstimos. Esse grupo social mostra-se também descontente com as políticas públicas que investem no desenvolvimento industrial em detrimento do campo. No caso, para eles, o setor industrial estaria recebendo mais incentivos financeiros públicos, e não teria como empregar todas as pessoas do campo e da cidade. Diferentemente do trabalho no campo, que poderia gerar mais oportunidades em termos de desenvolvimento econômico local, aponta-se o erro estratégico do Estado em fomentar uma atividade econômica que tende a concentrar a renda em apenas um setor do município, o urbano.

Outro fator a se destacar são as ideias de desenvolvimento deste grupo, que reflete-se no posicionamento quanto à “ajuda” que deveria vir do Estado. No exemplo abaixo, a reivindicação por auxílio governamental inclui até a criação de cooperativas que dependeria da ajuda do governo:

Aqui pros agricultor tinha que ter cooperativa, pro município falta fábrica pra nos trazer emprego, pra desenvolve aqui tem que trazer cooperativa, um mercado de compra e venda, em vez dos produto fica aqui vão pra fora né, as pessoa tem que ter ajuda do governo, ajuda da Dilma aqui pro município. (Ex -agricultor 2, Candiota,RS).

É muito clara a dependência em relação às ações governamentais. Dessa forma, pode-se inferir que uma das causas da migração para cidade seria a longa espera por atitudes do Estado que não ocorreram. Este, por sua vez, é que deveria proporcionar melhorias, é por ele que se deveria esperar. Neste grupo não foi possível a análise lexical de conteúdo devido ao pequeno número de entrevistados. Quando indagados sobre um lugar que consideram desenvolvido remeteram a municípios de economia fortemente rural como o município uruguaio de São Juan Batista e o município de Feliz- RS.

Para o grupo de agricultores assentados, o desenvolvimento está condicionado à *qualidade de vida, bem-estar, infraestrutura e ao fortalecimento da economia do campo*:

Ah... O desenvolvimento... Pra mim ele tem que ser racional, se tu pensar o desenvolvimento só econômico, onde fica o ser humano nessa história? ele é uma peça, que vem sendo substituída a qualquer momento? Ou o desenvolvimento passa também pela pessoa desenvolvida, que tem uma moradia descente, que tem água, luz, que a mulher não seja tão escravizada, é a pessoa que mais sofre principalmente a mulher do agricultor, ela tem o trabalho dobrado, o desenvolvimento é essas melhorias, é nós ter acesso a máquina pra mexer, na terra, não existe no país uma política pra pequena propriedade, é um trabalho desumano, tem que cavocar, fazer tudo com as mãos ou com o boi, serviço pesado, pra depois quando vem um evento climático, tu ia ter um resultado digno e aí perde tudo, o desenvolvimento é observar esse conjunto, não podemos pensar só na região urbana, e de onde que sai o alimento? Também pros da cidade, acho que não estamos bem nisso, tamos longe do desenvolvimento digno. (Agricultor em Hulha Negra e trabalhador em Candiota, RS).

A estrada é o item de infraestrutura mais comentado entre os entrevistados. A referência se deve muito ao histórico dos assentamentos. Quando as primeiras famílias começaram a chegar em meados dos anos 1980, não existiam estradas, o trabalho de levar a produção até a cidade ou mesmo ir ao médico ou à escola era muito penoso. Quando chovia as pessoas ficavam ilhadas, como eles mesmos retrataram. Não havia modo de sair do lote. Infere-se que esta situação precária no início do assentamento fomentou a união de algumas famílias em função das dificuldades, principalmente na locomoção, pois nem todos possuíam meio de transporte próprio. Foi possível identificar alguns atores destes grupos que passaram a atuar de maneira diferenciada dos demais. Alguns pelo uso de terras comunais, outros apoiando-se na solidariedade nos momentos da plantação e da colheita, outros ainda compartilhando áreas de pastagens, ferramentas ou itens necessários à criação de animais. Essa união, em alguns casos formais a partir de associações ou informais através de laços de solidariedade, auxiliaram para a fixação na propriedade, assim como auxiliaram os laços de parentesco, pois segundo eles, os parentes mantidos em lotes próximos tendem a pensar, com menos frequência, em migrar para cidade.

As palavras mais citadas por esses atores foram: *emprego, recurso e cooperativa e a expressão tinha*. O emprego é tido como a principal fonte de renda, porém nota-se que não está relacionado apenas ao emprego na cidade, mas também ao emprego (ocupação) no próprio lote. Desse ponto de vista, os assentados e assentadas responsáveis pelos lotes não seriam considerados “patrões”, mas empregados deles mesmos. No caso os “patrões” seriam os consumidores que viabilizam a continuidade da produção rural. Esta forma de pensar foi

percebida em vários casos embora os proprietários do lote não mantenham uma relação assalariada, é um entendimento formado a partir de experiências pessoais. Isso vale tanto para os agricultores que trabalham sem pertencer a uma organização de produção quanto para os cooperativados.

A ideia de *recurso* dos atores está associada ao financiamento que garantiria, na visão do grupo, a formação e manutenção das cooperativas. Nota-se a importância que o grupo atribui à *cooperativa*. Durante as falas a noção de desenvolvimento econômico alia-se à forma de produção, transporte e venda cooperativados. Muitos lamentam o fracasso de suas cooperativas, outros enxergam nelas um modelo, a única forma de atingir um nível de satisfação econômica devido ao pequeno tamanho de suas propriedades:

Falta *cooperativa* pra nós trabalha, aí a gente não tinha aperto nenhum, a terra aqui é boa, dá o que planta, só não tem pra quem vende, a *cooperativa* tem que comprar dos assentado, dos pequeno, vender semente boa, ajudá com maquinário. (Agricultor 3, Candiota, RS).

Associa-se o desenvolvimento econômico ao emprego obtido por meio da cooperativa, e esta por sua vez necessita de recurso para sua criação e de boas estradas para o escoamento da produção. A cooperativa também é vista como um ideal de associação a ser alcançado. A cooperativa, o emprego, boas estradas seriam assim, na visão deste grupo, os itens fundamentais para se alcançar, por meio do desenvolvimento econômico, a qualidade de vida no campo.

A noção de desenvolvimento do grupo dos pecuaristas passa pelo ideal de produtividade e qualidade de vida para todos. A questão da produtividade é bastante recorrente já que alguns pecuaristas sentem a baixa fertilidade das vacas e as dificuldades de alimentar o gado e o próprio bem-estar animal em tempos de estiagem.

Desenvolvimento, olha eu acho que deveria ter uma melhor assistência na nossa área do carvão, da agricultura, aumentar a produtividade, a nossa produtividade é muito baixa tchê, muito baixa, aqui não dá mais que 50%. (Pecuarista, média propriedade, Candiota, RS).

Progredir, produção total, é expandir os negócios, o comércio, a pecuária a agricultura. (Pecuarista, pequena propriedade, Candiota, RS).

Quando indagados sobre um lugar que consideram desenvolvido, os exemplos mais citados foram o município de Caxias do Sul, pela característica de ter um rural e urbano desenvolvidos devido às indústrias, e Candiota por ter a atividade carbonífera, que é a que mais gera empregos na região:

Da metade sul pra cima existe um desenvolvimento maior, por exemplo, Caxias, á eu acho que o setor metal-metalúrgico, siderurgia e o campo também... Isso por aí... Toda parte que depende só da agricultura e pecuária não vai, que é o nosso caso aqui na metade sul... A agricultura ainda é melhor, isso quando não se tem seca, o investimento na pecuária é menor no que na agricultura né, eu tenho 134 ha de campo, se eu não tivesse terra arrendada, óia não dava, se eu não tivesse coisa por fora, índice de produtividade lá embaixo, mas é isso, as minha vaca são numerada, não dá 40% de produtividade, minhas vaca não repetem cria, de dois anos pra cá, não repete... (Pecuarista, média propriedade, Candiota, RS).

Não conheço país, quase né? Candiota, na região aqui, o município que mais desenvolve é Candiota, o emprego aqui né, as pessoas de Bagé, Pinheiro Machado, todo mundo vem trabalhar aqui, né? (Pecuarista, grande propriedade, Candiota, RS).

As palavras mais citadas pelo grupo foram *agricultura*, *pecuária* e *produtividade*. Embora se autodenominem pecuaristas, normalmente ao se referirem à pecuária também fazem referência à agricultura. Diferentemente do grupo composto por agricultores assentados, não houve manifestações quanto a dificuldades em obterem recursos para o campo, ao contrário, o recurso para a agricultura para eles existe e pode ser observado principalmente pelas vastas plantações de soja, um fato bem visto pelos entrevistados:

Pelo que eu venho acompanhando tá bom porque em outras época era uma coisa, hoje tá lindo, temo crédito, recurso pra gente planta. Então é o desenvolvimento né, a lavoura de soja que temo aqui na região, temo tudo. (Pecuarista, média propriedade, Candiota, RS).

A referência à agricultura local engloba três cultivos: soja, uva e oliveira. Atualmente estes cultivos estão sendo realizados por empresas de ramos distintos da agropecuária, jornalistas, atores e atrizes da televisão que estão adquirindo hectares de terras no meio rural de Candiota<sup>27</sup>. Este fato tem sido considerado positivo pelos agricultores não assentados e pecuaristas que residem ao redor destas terras, na região do Baú, em Candiota.

Quanto às noções de desenvolvimento, para os quadros da prefeitura de Candiota a opinião tanto dos entrevistados quanto de outros trabalhadores da prefeitura é unânime: desenvolvimento é *qualidade de vida e preservação ambiental*. O conteúdo das entrevistas foi bastante parecido, apesar de terem sido sequenciais e individuais em espaços físicos distintos na prefeitura. Isso mostra que o discurso da instituição atravessa as falas individuais.

*Pessoas*, *qualidade*, *questão*, *famílias*, *ambiente*, *condição* foram as palavras mais citadas pelo grupo. A palavra *pessoas* refere-se à *qualidade de vida*, que reflita uma melhoria na vida das pessoas. A palavra *questão* surge em vários contextos como: *questão* do meio

<sup>27</sup> Atualmente estas pessoas estão investindo em cultivos como a uva, oliva (para produção de azeite e azeitonas) e gado, para corte como leiteiro.

ambiente, *questão* social das famílias, *questão* econômica, *questão* ambiental. Nota-se que, no contexto, a palavra *questão* aparece como sinônimo de assunto, assuntos estes de interesse por parte da prefeitura. As *questões* referidas dizem respeito a assuntos pertinentes às famílias residentes no município, como no exemplo:

Desenvolvimento pra mim tem que levar em conta a *questão* do meio ambiente, econômica das *famílias* e a *questão* social das *famílias* quando a as *famílias* tiverem acesso a educação, saúde, transporte, um espaço bom de se viver...isso significa desenvolvimento, elas querem ficar no local, criar suas famílias então pra mim desenvolvimento é tudo isso ter esse tripé bem formado. (Sec. agropecuária, Candiota, RS, grifos da autora).

Para os atores do grupo da prefeitura, o papel desta instituição é dar condições às pessoas para buscarem um caminho que possa oportunizar-lhes melhores condições de vida, incluindo aí o acesso à água, devido à sua importância e também por compreenderem que este é um assunto de responsabilidade da prefeitura.

Nesse sentido, para este grupo a noção central de *desenvolvimento* incorporaria *qualidade de vida*, aliada à *infraestrutura*, *educação*, *saúde*, *transporte*, em que as famílias teriam boas condições econômicas de vida em um ambiente preservado.

Destacam-se as falas dos entrevistados em relação à dependência da atividade carbonífera para o desenvolvimento do município. Mesmo os entrevistados pertencentes a um mesmo grupo possuem distintas interpretações, como se observa no quadro a seguir:

QUADRO 4- Opinião sobre a significação da atividade carbonífera para o desenvolvimento do município de Candiota, RS conforme os grupos sociais em 2012.

<b>Favorável à atividade carbonífera</b>	<b>Contrário à atividade carbonífera</b>
Com certeza, há pessoas que dizem que quando não necessitar mais da usina, e se tiver plenamente a energia eólica e tal, essa região vai sucumbir, pra ti vê... (Ambientalista, Candiota, RS).	Aí vamo entra na palavra desenvolvimento, vamo chamá assim de melhoria de qualidade de vida. Talvez haja mais recurso econômico, com certeza vai ter mas o que vai se comprometer as águas, o futuro, se já não ta comprometendo hoje a saúde, o trato respiratório das pessoas....diria que essa questão da melhoria de qualidade vida ela pode ter do ponto de vista imediato o recurso econômico, até os assentados mesmo acabam se tornando refém desses recursos, o que é triste, o Estado não dá apoio não possibilita uma vida digna e acabam sendo assediados por essas empresas, a CGTEE por exemplo...até para o desenvolvimento da região deveria se investir nas potencialidade da região (Ambientalista, Porto Alegre, RS).

<p>Muito desenvolvimento. Na oferta de empregos. Hoje não só Bagé, mas toda região aqui, até Pelotas, as empresas, as pessoas acabam se envolvendo. Tanto direta quanto indiretamente. Uma empresa de ônibus de Pelotas acaba vindo oferecer seu serviço aqui porque tem bastante fluxo (Administração, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).</p>	<p>A exploração do carvão traz quase que exclusivamente a geração de energia. Sobre os empregos, a CRM continua com os mesmos empregos, a Usina, agora muito mais moderna, com mais tecnologia e muito mais tecnificada...o número de empregados lá é mínimo. Não vejo desenvolvimento prá cá. Só a geração de energia pra mim não é desenvolvimento. O percentual de empregos é muito pequeno (Agronomia, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).</p>
<p>Sim. Ela tem a questão do desenvolvimento econômico, mas também o desenvolvimento de projetos na área ambiental, de educação ambiental, desenvolvimento local, projetos de pesquisa de incentivo, fomento (<i>das empresas</i>) aos agricultores. A CRM também patrocina a ONG vigilantes ambientais (Ex-agricultor, Candiota, RS, grifos da autora).</p>	<p>Em termos, ela traz para questão urbana o desenvolvimento...em compensação o campo ta acabando...ou as pessoas cuidam do emprego na cidade ou da lida no campo, embora ela seja hoje a fonte de saída da região, em termos é, em outros não. Nos tempos do auge da construção da usina nossa isso aqui tava muito cheio, mas foi tudo temporário, se vier a MPX vai ter um pouco de emprego de novo, também tem um monte de tecnologia que vem substituindo o homem (Ex-agricultor, Candiota, RS).</p>
<p>Até que se segue essas usinas vai ser cada vez melhor Candiota, dá mais renda né, aumenta os empregado, agricultura aqui não dá porque não tem ninguém pra comprar os produto da cooperativa e então, faz o que na colônia...criar gado? Gado roubam também né?! (Assentado, Candiota, RS).</p>	<p>Traz o desenvolvimento para alguns, pro povo nem tanto (Assentado, Candiota, RS).</p>
<p>Traz [desenvolvimento], aqui é Candiota a renda per capita por habitante é bem alta (Tec. agropecuária, assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS).</p>	<p>Eu acho que traz um falso desenvolvimento, ela acaba deixando muito dano, a questão ambiental não vai recuperar ou vai ter que usar milhões e milhões pra tentar recuperar (Agronomia, assistência técnica e extensão rural, Candiota).</p>
<p>Certamente de todas as formas, ela é mais positiva que negativa, as pessoas são remuneradas, podem constituir família, os filhos dos funcionários podem ir na faculdade, quando eu fui pra lá tinha 3 carros no bairro Dario Lassance... É ruim ter carro bom com ar condicionado? então vai num dia quente como hoje pra Candiota de fusca, a condição física do ser humano é muito importante e não que a pessoa não possa passar trabalhar...mas tu deitar numa cama boa, comer uma bóia, e isso o carvão traz, a grande maioria dos funcionários tem satisfação (Engenharia, empresa carbonífera, Candiota, RS).</p>	<p>Ela trouxe no passado, agora não mais, é uma fonte de energia que já ta ficando obsoleta (Técnico, empresa carbonífera, Candiota, RS).</p>
<p>Certamente, trazendo educação saúde, acessos, transporte, acho que facilitou toda a parte dos agricultores (Engenharia, empresa carbonífera, Candiota, RS).</p>	<p>Muito pouco né, pro meio rural, até tinha uns projetinhos aí da CGTEE querendo plantar uns arvoreto, até pode ser que ajuda as usina aí (Pecuarista, pequena propriedade, Candiota, RS).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro demonstra as contradições existentes dentro dos grupos. Apesar da identificação com a pertença ao mesmo grupo social, as experiências de vida de cada um, valores e opiniões apontam diferenças, apesar do compartilhamento de processos e relações sociais. Certamente isso se deve às características pessoais de cada indivíduo, de seus valores e visões de mundo, e à força de coerção e de coesão entre os grupos com os quais os atores convivem. Tomo como exemplo o caso de um técnico de empresa carbonífera que por sua experiência no trabalho e até mesmo pelas suas próprias motivações pessoais poderia ser favorável ao carvão mineral. O fato de sua convivência com a família de pecuaristas faz com que perceba de forma distinta de seu grupo as debilidades ambientais ocasionadas pela exploração do carvão. Assim, ele demonstra sua posição desfavorável frente ao próprio trabalho.

Apesar da hegemonia da ideia de desenvolvimento como crescimento econômico sugerida pela atividade carbonífera, para alguns sujeitos a noção de desenvolvimento como qualidade de vida seria a mais próxima de um modelo ideal, fundamentada na atividade agropecuária e na preservação ambiental. Observa-se, neste caso, que não se trata necessariamente de um contraponto à imagem do desenvolvimento econômico a partir do carvão, mas à influência do tema ambiental que polariza os discursos. As ideias de exploração do carvão ancoradas nos problemas ambientais tendem a qualificar a atividade rural como menos danosa ambientalmente. Neste contexto, há também outra perspectiva, que ancora a *exploração do carvão nos empregos*, atribuindo os problemas ambientais à responsabilidade do setor rural, devido, dentre outros fatores, ao uso de agrotóxicos. Neste caso, a atividade econômica do município concentrada na agropecuária seria mais danosa ao meio ambiente.

#### 4.2.2.1 O desenvolvimento rural em Candiota

O campo de estudos em desenvolvimento rural abarca uma série de características que fazem um contraponto à situação de dependência tecnológica e econômica em que o rural de Candiota vive atualmente. A fim de um maior entendimento das características da produção agrícola na ótica do desenvolvimento rural e suas estratégias de produção agrícola, Ângela Kageyama (2008, p. 61) elabora os seguintes itens (QUADRO 5):

QUADRO 5- Desenvolvimento rural: principais características e alternativa estratégica para o desenvolvimento rural brasileiro

<b>Desenvolvimento Rural</b>	<b>Principais características da produção agrícola</b>
	<p>Esforço para reduzir a dependência do mercado de insumos externos á unidade produtiva, visando à redução de custos e ao melhor aproveitamento dos recursos naturais.</p> <p>Introdução de novas atividades que permitam utilizar mais os recursos internos.</p> <p>Produção ambientalmente mais adequada.</p> <p>Introdução de práticas de cooperação e pluriatividade.</p> <p>Diversificação de produtos e busca de economias de escopo.</p> <p>Maior controle sobre os processos de trabalho.</p>
	<b>Alternativa estratégica para o desenvolvimento rural brasileiro</b>
	<p>Diversificação das economias locais.</p> <p>Diversidade multi-setorial.</p> <p>Agricultura em sistema de policultura.</p> <p>Salubridade do meio ambiente.</p> <p>Pluriatividade das famílias rurais para absorção da mão-de-obra.</p>

Fonte: Elaborado pela autora adaptado de Kageyama (2008, pp. 61-62).

Essas características contribuem para superar a estagnação econômica do campo, para mudar as visões de atraso que o campo carrega para alguns atores. A pobreza é assunto muito comum na região, que faz parte da metade sul do Rio Grande do Sul, considerada a região de maiores índices de pobreza e miséria rural no estado.

O desenvolvimento no meio rural de Candiota não deve tomar como critério apenas o poder de consumo de automóveis, de eletrodomésticos e máquinas, por exemplo. Sobre isso, Veiga (2001) compartilha com Abramovay a visão de Amartya Sen de que o desenvolvimento fundamenta-se na ampliação de liberdades:

Então, desenvolvimento só poderia corresponder à ampliação das possibilidades de escolha: não apenas de modelos de automóvel ou canais de televisão, mas, sobretudo das oportunidades de expansão das potencialidades humanas que dependem de fatores sócio-culturais, como saúde, educação, comunicação, direitos e – *last but not least* – liberdade. (VEIGA, 2001, p. 104).

Nessa perspectiva, a pobreza é mais do que apenas a privação de renda, pois é sobretudo a privação de liberdades. Viver em uma situação de privação de liberdades implica

em uma (re)apresentação das representações de cunho negativo, como expressam as palavras *dificuldade, atraso*, o rural expresso pela palavra *nada*.

O desenvolvimento, nesta mesma ótica, perde seu viés economicista sugerindo a ampliação das capacitações humanas. Para Veiga (2001), não adianta o Estado fomentar a exploração dos recursos naturais e multar as empresas que causam danos ambientais, enquanto prevê compensações ambientais que muitas vezes não conseguem compensar o desastre gerado. No caso, o próprio fomento à atividade carbonífera implica em consequências ambientais futuras que podem ser muito mais complexas do que as que estão sendo prospectadas. Logo, a solução não estaria em multas e compensações, mas sim no estímulo à conservação ambiental como geradora de renda. As atividades de conservação das paisagens naturais captariam “rendas urbanas das classes médias e altas.” (VEIGA, 2001, p. 110). Dessa forma, o valor do custo da exploração do carvão seria muito superior aos atuais cálculos financeiros se também fosse calculado o valor da entrega à sociedade e às futuras gerações de um meio ambiente poluído e profundamente impactado.

#### **4.2.3 As ideias de meio ambiente**

As ideias de meio ambiente neste estudo são essenciais para dimensionar o significado da exploração do carvão para os atores. Por meio delas pode-se concluir a relevância da atividade carboníferas a partir das consequências ambientais percebidas pelos entrevistados.

No grupo dos ambientalistas, a principal ideia de meio ambiente diz respeito ao ambiente natural, à vida selvagem onde se dão as relações entre fauna e flora, ao ecossistema. Exclui-se no ecossistema a presença humana, alia-se o meio rural ao ambiente natural, a mina de carvão mineral e a usina termelétrica ao meio urbano, lugar em que a conservação ambiental é comprometida pelas atividades industriais. Remete-se a noção de meio ambiente ao ambiente saudável, para animais e seres humanos.

A representação do ambiente natural pelas palavras *tudo, preocupação, tudo em nossa vida* refletem a aflição dos entrevistados em relação à importância da questão ambiental, ao mesmo tempo em que não há uma referência explícita à atividade carbonífera, exceto pelo ambientalista entrevistado que reside em Porto Alegre.

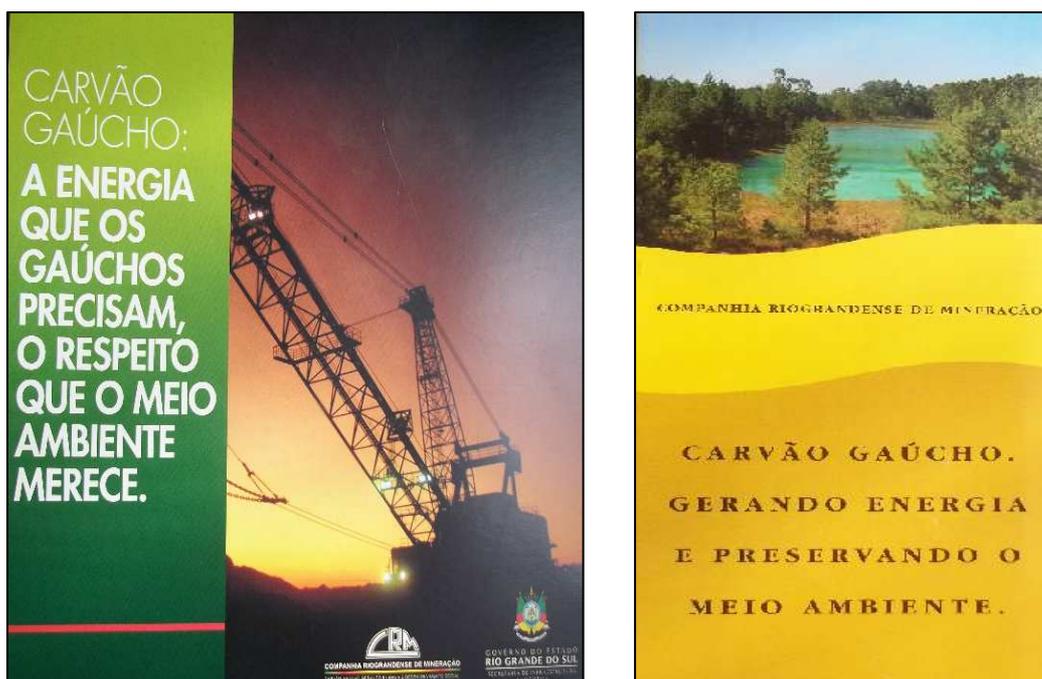
O grupo de assistência técnica e extensão rural tem por ideia de meio ambiente o ambiente preservado. As palavras e expressões mais recorrentes foram *preservando ao máximo, preservação, tudo de bom, necessitando de cuidados, vida e fundamental*. A

preservação para os entrevistados diz respeito, de fato, à conservação, pois se trata de um cuidado com o meio natural levando-se em consideração a presença e as necessidades humanas. Nesse caso, como foi recorrente a ideia de que os agricultores devem cuidar do ambiente porque é dele que retiram o seu sustento, não foi verificado a intensão dos entrevistados de tratar o meio ambiente como algo intocado, inalterado pela ação humana. Destaca-se a polaridade relatada, segundo o grupo, de que o meio ambiente na sociedade tem dois sentidos: um deles é como as empresas o enxergam, outro é como o fazem os pequenos agricultores.

Os agricultores valorizam o meio ambiente devido à necessidade de um ambiente equilibrado, por possuírem propriedades muito pequenas, precisando delas retirar o máximo possível de proveito do espaço e dos recursos que o meio possa lhe oferecer. Remete-se também à necessidade do não esgotamento dos “recursos ambientais”, pois a sua falta dificultaria a compensação de eventuais falhas ambientais causadas por erros humanos. Situações desse tipo ocorrem com as plantações de soja e com os monocultivos de eucalipto, ao esgotarem a potencialidade da terra e dos recursos hídricos alegando-se que em um futuro próximo dificilmente teriam condições de permanecer no lote.

O grupo dos trabalhadores de empresas carboníferas teve opiniões bastante distintas dos agricultores. As ideias que permeiam o conteúdo das falas parecem pouco refletir a opinião pessoal, e sim o discurso das instituições. Concluí-se isto pelo fato de que vários elementos aparecem iguais no conteúdo das falas dos diferentes atores. Também pela própria dinâmica da entrevista, pois quanto mais o entrevistado se sentia à vontade para conversar, quanto mais prolongava a resposta de uma pergunta, mais se distanciava da opinião apresentada no primeiro momento.

Palavras e frases citadas como *maturidade, desenvolvimento sustentável, equilíbrio, qualidade do ar, das águas e da fauna, estamos muito envolvidos, proteger o meio ambiente, progredi e ambiente equilibrado entre as atividades antrópicas*, remetem às políticas ambientais das empresas divulgadas em panfletos (FIG. 36 e FIG. 37).



FIGURAS 36 e 37- Panfleto distribuído pela empresa CRM em Candiota em fevereiro de 2012.  
Fonte: Arquivo da autora.

Para o grupo de trabalhadores em empresas carboníferas, é quase consensual que a atual atividade carbonífera não causa poluição. Com exceção de dois entrevistados, a ideia principal é de que as tecnologias existentes são capazes de não poluir e que as pessoas que ainda pensam na possibilidade dos danos ambientais que a atividade carbonífera poderia causar estariam atrasadas em relação ao conhecimento das inovações tecnológicas. Um exemplo dessa visão aparece na história em quadrinhos extraída de uma cartilha da empresa mineradora. Nessa cartilha explica-se, de forma simplificada, o processo de recuperação ambiental e, ao final, afirma-se que na maioria das vezes a recuperação ambiental executada pela empresa é melhor do que a própria ação do meio natural (FIG. 38):

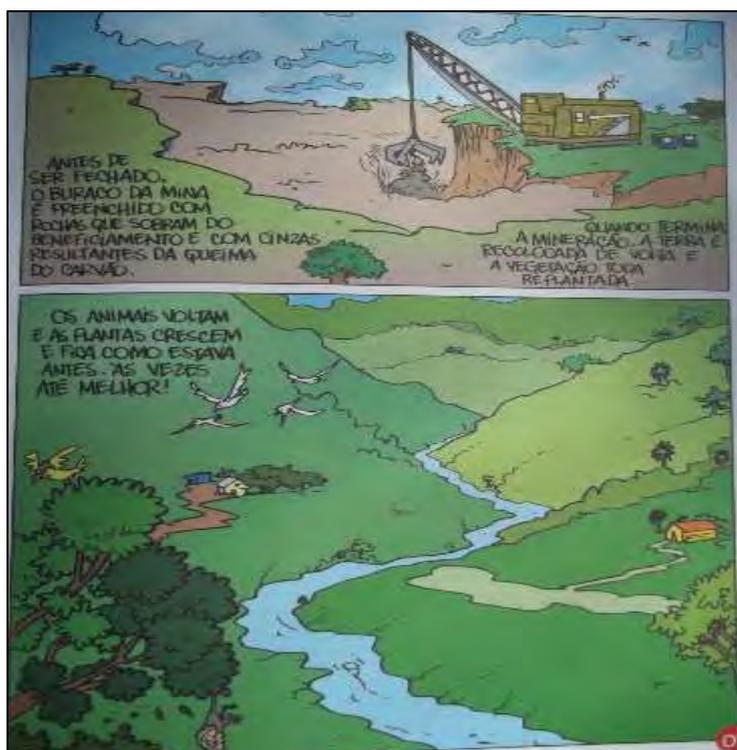


FIGURA 38- História em quadrinhos recortada de livro desenvolvido pela empresa.

Fonte: Um papo com Mineirinho, texto de Rui Osório. Encarte publicado pela CRM em parceria com o governo do estado do Rio Grande do Sul, sem data.

Durante a pesquisa de campo, foi observado que uma das principais dúvidas que os moradores do município possuem em relação à empresa mineradora é sobre a forma como é realizada a recuperação ambiental. Atualmente, existem experimentos de recuperação paisagística da empresa em cooperação com universidades da região, sendo testadas formas de recomposição do solo (FIG. 39 e 40), porém, existe um passivo ambiental deixado pelas extrações mais antigas (FIG. 41 e 42):



FIGURA 39 e 40- Áreas em recuperação pela empresa em Candiota-RS.  
Fonte: Acervo da autora, fevereiro de 2012.



FIGURA 41 e 42- Áreas recuperadas pela empresa em Candiota-RS.  
Fonte: Acervo da autora, outubro de 2011.

Ex-agricultores e ex-pecuaristas conferem ao meio ambiente a noção de complexidade, como sendo um assunto com várias facetas, que remetem à preocupação e à preservação ambiental. O meio ambiente, para eles é um assunto complexo, pois ao saírem do campo perderam o contato cotidiano que possuíam com a terra, contato este marcado pelos problemas ocasionados pelo fator climático, a estiagem. Ao mesmo tempo, estes atores reconhecem a saúde, a agricultura e o alimento como questões interligadas ao meio ambiente.

[*Meio ambiente é*] preocupação constante, aqui se tem a estiagem, a seca anual e em contrapartida a mineração ocasiona alguns problemas de impacto ambiental. Falar de meio ambiente aqui em Candiota é uma questão bastante complexa, necessidade de capacitação constante, atuação constante no ponto de vista de buscar soluções. (Ex-agricultor e pecuarista, Candiota, RS).

Os agricultores assentados entendem o meio ambiente como o “motivo de existência” dos agricultores e dos seres humanos, como algo precioso que precisa ser conservado e preservado. Alguns entendem o meio ambiente como o meio natural que é o ingrediente principal da agricultura e pecuária. A noção conservacionista destes atores é notável, visto que para eles, não cortar árvores, cuidar das matas, dos animais, dos índios, não poluir, são formas de manter o ambiente em condições para uso. Um ambiente devastado e poluído não lhes é interessante já que pode afetar sua forma de sobrevivência. O grupo composto pelos pecuaristas também entende o meio ambiente como algo a ser conservado, o lugar onde há vida, em que deve existir o equilíbrio entre seres humanos e natureza. Bastante recorrente é a ideia de meio ambiente como sendo os “recursos naturais”, sendo estes os meios indispensáveis para a pecuária.

Para os quadros da prefeitura, meio ambiente é o local a ser preservado, onde vivemos e que precisa de cuidados. Não é especificado como deve ser a preservação ou quais os cuidados que deveria ter.

Em todas as falas dos entrevistados as palavras *preservar* e *conservar* são as mais frequentes. Entende-se a importância do cuidado com o ambiente natural e a necessidade de não poluí-lo. Porém, percebeu-se o quanto o assunto meio ambiente é polêmico gerando múltiplas representações, e como gera alguma desconfiança, principalmente dos interlocutores, no sentido de vigilância quanto ao que seria dito na entrevista.

Embora mais de 50% dos entrevistados tenham nascido na região de Candiota, segundo eles, somente nos últimos dez anos é que começaram a ser levantadas questões relacionadas à temática ambiental:

Naquele tempo [30 anos atrás] ninguém comentava nada, a questão ambiental ninguém falava nada, de uns anos pra cá que começou a se falar nisso aí, no ambiente. Sem o carvão o que seria de Candiota? Em resumo o carvão é tudo pra Candiota, a agricultura e pecuária é pouco. (Agricultor assentado, Candiota, RS)

Segundo eles, até meados dos anos 2000 a principal preocupação do município era com a estabilidade econômica, devido à sua fundação recente, no ano de 1992. Com a preocupação mundial em relação às questões ambientais, muitas entidades não governamentais iniciaram trabalhos na região de Bagé (onde hoje é Candiota) denunciando a poluição e demais problemas ambientais originados pela extração e uso do carvão mineral.

Apesar do reconhecimento da existência destes problemas por alguns setores da população contrários à exploração do carvão, os setores favoráveis ancoram-se nas informações repassadas pelas empresas de que as atividades carboníferas não estariam mais trazendo danos à natureza. Os trabalhadores das próprias empresas apresentam idéias contraditórias entre eles. Enquanto alguns afirmam a existência da poluição e que estão sendo tomadas as medidas cabíveis, outros negam qualquer tipo de poluição ambiental. Estes se dirigem ao comportamento dos setores contrários ao carvão, que levantam a problemática ambiental, como causadores de uma “hecatombe”, palavra também citada algumas vezes pelos quadros da prefeitura e por trabalhadores de empresas carboníferas:

Agora as pessoas que não vivem aqui tem também a preocupação ambiental, mas vivem numa linha virtual colocam coisas na cabeça que não existem, chegam as raias do absurdo. Tem que dar uma opinião, contra o carvão, com argumentos reais. As pessoas transformam as coisas numa *hecatombe* que não é assim, tenho certeza que essas pessoas que falam que o carvão polui

usam a energia elétrica de forma errada, entendesse? (Setor de meio ambiente, empresa carbonífera, Candiota, RS).

Nesse sentido, a preocupação ambiental em relação à usina seria própria de quem não vive em Candiota, relacionando também ao mau uso da energia elétrica. É explícito, nas falas deste grupo, o entendimento de que as pessoas que costumam criticar o uso do carvão não utilizam de forma “correta” a energia, elas próprias não teriam o entendimento da necessidade da energia no seu cotidiano.

Quanto às polêmicas que cercam o tema ambiental, a atuação do IBAMA é a mais relatada e criticada pelos trabalhadores das empresas carboníferas, ainda que não tenham sido feitas perguntas relacionadas a este órgão. O quadro a seguir demonstra a percepção de dois trabalhadores quanto à atuação do IBAMA em relação a emissão de poluentes. Para um funcionário, o IBAMA tem atuado como órgão fiscalizador e proponente de medidas compensatórias à poluição emitida, mas é omissivo com o cumprimento de acordos, por parte das empresas. Ele reconhece que a empresa não cumpriu com os acordos feitos. Segundo outro trabalhador, da mesma empresa, o IBAMA elogia a atuação do monitoramento ambiental realizado pela empresa, quando há pressão da sociedade civil ele repreende e propõe ajustamentos, caso contrário omite-se.

Esta percepção condiz com o grau hierárquico do trabalhador na empresa. No quadro abaixo, apresenta-se as opiniões em relação ao IBAMA. Na coluna da direita temos a opinião de um trabalhador que se encontra num grau hierárquico superior ao outro, da esquerda, embora ambos sejam favoráveis à exploração do carvão (QUADRO 6):

QUADRO 6- Impressões de trabalhadores de empresas carboníferas quanto à atuação do IBAMA e conduta ambiental da empresa.

<b>IBAMA fiscaliza, propõe, se omite</b>	<b>IBAMA elogia controle ambiental</b>
[...] desencadeou-se todas aquelas denúncias, fatos que não eram real, ou fatos que todo mundo já sabia que acontecia, daí a procuradora entrevi, quiseram interditar a usina [...] confundiram, uma coisa é a emissão, que hoje está fora dos padrões, outra é a qualidade do ar, aqui ta boa, as estações analisam a qualidade do ar e é boa. As fases A e B não tinham o difurizador, desde sempre a fase A e B sempre emitiu acima, com licença do IBAMA, o problema é que em janeiro, com a seca, o ambiente ficava pesado, mas não pela cinza, ouve essa confusão, uma coisa é emitir na chaminé, que é isolada aqui nessa região, outra coisa a qualidade do ar, aqui é	Ela ( <i>a questão ambiental</i> ) se transformou no decorrer do tempo, agora por estar ligada a um contrato demandados pelo IBAMA para fazer um controle, monitoramento ambiental, até bem elogiado pelo IBAMA, que controla as condições de ar, terra, fauna, flora, seres dependendo do tipo de emissão de que tipo de emissão eu se quer monitorar, seria monitorar os seres mais sensíveis, mais frágeis da cadeia, se no monitoramento eles estão bem, então o meio ambiente está bem (Engenheiro, empresa carbonífera, Candiota, RS, <i>grifos da autora</i> ).

<p>boa por causa da dispersão [...] claro, que, a empresa não cumpriu um termo de compromisso que ela tinha com o IBAMA, que era colocar o difurizador na fase A e B, isso era coisa pra ser feita a 5, 6 anos atrás (Engenheiro, empresa carbonífera, Candiota, RS, <i>grifos da autora</i>).</p>	
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro anterior, notam-se as percepções distintas quanto à atuação da empresa e conduta do IBAMA. A maneira como a relação entre meio ambiente, fiscalização e carvão interagem no entendimento dos atores revela a aceitação pública da atividade carbonífera. Para os atores favoráveis, a interação se dá pela negação, afinal, se não há poluição não há o que fiscalizar e nem a necessidade de adequação às leis ambientais. Porém, no decorrer da entrevista, ao serem questionados sobre a existência de possíveis consequências ambientais da mineração e queima do carvão, todos entendem que ambas as atividades poluem. Sendo assim, em momentos em que era necessário falar a respeito da atuação da empresa havia negação por parte do grupo de trabalhadores das empresas carboníferas; nos momentos finais da conversa já eram apontados os problemas ambientais ocasionados, e atualmente corrigidos pela tecnologia, segundo eles.

Destaca-se que para agricultores e pecuaristas, as cinzas e a poeira são os principais problemas ambientais concretos. Admite-se também que a atividade da usina termelétrica estaria ocasionando o agravamento da seca na região. Segundo explicação dos moradores, isso ocorre devido à quantidade de substâncias químicas liberadas no ar, principalmente pela torre menor (FIG. 43).



FIGURA 43- Torre menor da usina termelétrica, mais a frente, ao lado direito da foto em Candiota. Fonte: Acervo da autora- fevereiro/2012.

A atividade carbonífera, para os entrevistados, possui fontes distintas de poluição. Enquanto a extração do carvão mineral na mina tem por principal poluição os mananciais aquáticos, o solo, a vegetação e a paisagem, que os moradores chamam de “lunar” (FIG. 44 e 45), a queima do carvão mineral para geração de energia ocasiona a poluição atmosférica.



FIGURAS 44 e 45 - Mina de carvão a céu aberto em Candiota, RS.  
Fonte: Acervo da autora- fevereiro/2012.

Apenas três entrevistados fizeram menção à palavra *saúde* relacionada à poluição atmosférica da queima de carvão mineral. As outras citações da palavra saúde remetem ao acesso a ela através de um meio ambiente preservado, como quesito para o desenvolvimento.

As significações de meio ambiente e a exploração do carvão manifestam-se também por intermédio dos aspectos que lhe são mais marcantes em relação à paisagem de Candiota. As respostas de maior frequência foram relacionadas aos campos, coxilhas, ao pampa (FIG. 46):

Em primeiro lugar tradicionalmente que a gente fala é o pampa, campo aberto, poucas árvores, mais de pequeno porte, muitos pássaros, a quantidade de pequenos animais que tem aqui na região que passam despercebidos nesses processos aí. (Técnico da assistência técnica e extensão rural, Candiota, RS.



FIGURA 46- Campos em Candiota, região dos assentamentos.  
Fonte: Acervo da autora- outubro/ 2011.

Da mesma forma foi frequente a menção à usina termelétrica: *“Primeira coisa que tem na visão é a Usina, é o que aparece mais, né?sem a usina não teria o município”*. (Engenheiro, empresa carbonífera, Candiota, RS) (FIG. 47):



FIGURA 47- Campos em Candiota, ao fundo a torre pebólica<sup>28</sup> da Usina Termelétrica Presidente Médici.  
Fonte: Acervo da autora, fevereiro 2012.

<sup>28</sup> Torres de refrigeração da usina termelétrica.

Em segundo plano aparecem as plantações de eucalipto, os vinhedos, a mata ciliar, os assentamentos e a mina de carvão, respectivamente, nos discursos dos atores entrevistados. (FIG. 48).



FIGURA 48- Paisagem da região do Baú em Candiota, a frente uma única árvore de butiá e mais ao fundo mata ciliar e plantações de eucalipto.  
Fonte: Acervo da autora- março/2012.

Em relação aos grupos, os moradores do meio rural notam mais significativamente as plantações de eucalipto, que aparecem junto à usina como sendo os fatores que ocasionam a seca na região.

O eucalipto, né? Árvore invasora. (Pecuarista de média propriedade, Candiota, RS)

A paisagem aqui o que marca é o reflorestamento, né? Começou pelo eucalipto. Agora é acácia também, agora é as parreira, oliveira, isso que modificando a paisagem aqui. (Pecuarista, pequena propriedade, Candiota, RS)

Já a usina estaria causando a seca em uma abrangência mais macro-regional ao dificultar a formação de nuvens de chuva. Não há como verificar momentaneamente quais informações de fato tem validade técnico-científica. Percebe-se, como os entrevistados, a centralidade que a usina assume para a imagem do município, principalmente das suas torres pebólicas como uma “cartão postal”.

Mais é campo, mas o que me lembra Candiota é a Usina. Quanto ao efeito visual da usina, só que vai lá na frente da usina mesmo, se vê de longe só as torres, assim é a mineração e fabrica de cimento, só indo na frente pra ver. (Farmacêutico. Empresa carbonífera, Porto Alegre, RS)

A torre Pebólica, de refrigeração, também é um cartão de visita. (Eng. Química. Empresa carbonífera, Porto Alegre, RS)

A usina, né? difícil não lembrar do bendito cano [...] (Pecuarista, pequena propriedade, Candiota, RS).

A forma como os atores expressaram suas opiniões muitas vezes se mostrou divergente apesar da resposta ter sido idêntica como se nota na citação acima. Para o profissional da engenharia química, a palavra “*torre pebólica*” foi pronunciada num tom como algo digno de admiração, enquanto na segunda citação a expressão “*difícil não lembrar do bendito cano* [...]” sugere um tom de pesar. Por mais que a fala tenha o mesmo conteúdo oral, só é possível compreender a sua forma por meio do contato “olho no olho”. As expressões e a entonação na fala podem dar a uma mesma palavra significações distintas, fato que se confirma ao longo da entrevista e na observação participante.

Sendo assim, a ideia que predomina entre os atores analisados é o meio ambiente como algo a ser preservado e conservado, marcado pela paisagem do pampa, das coxilhas e da usina termelétrica. O entendimento de preservação e conservação confunde-se no sentido de que, apesar da consciência comum dos danos ambientais, não há um contraponto explícito de forma geral entre os grupos. Os problemas ambientais ocasionados pelas atividades carboníferas de extração, na mina, e queima na usina termelétrica, legitimam as opiniões dos sujeitos tanto favoráveis quanto contrários. Ou seja, nota-se que os sujeitos contrários utilizam-se dos problemas ambientais para legitimar suas convicções, problemas estes visíveis a toda população local. O mesmo ocorre com os grupos favoráveis que se utilizam dos problemas ambientais de duas formas: para negá-los, confundindo a opinião pública, e para afirmá-los como uma situação do passado, transformada a partir do empenho das empresas em adotar tecnologias que combatem o potencial poluidor do carvão mineral.

## **5 REPRESENTAÇÕES, ATIVIDADE CARBONÍFERA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

Diante do atual debate sobre o desenvolvimento em Candiota, as representações sociais sobre a atividade carbonífera concentram-se no entorno da representação central do *crescimento econômico*. De forma simplificada, as representações periféricas que se destacam são as que atribuem às atividades da Usina e da Mina o sinônimo de *emprego, qualidade de vida, razão de existência do município, energia, atração de investimentos e atraso do campo*.

O crescimento econômico é entendido como meio e como fim para a geração de empregos, por exemplo. Esta representação é expressa pelo poder público e pelas empresas como um meio, ou seja, a partir do crescimento econômico propiciado pelo carvão teriam mais empresas e mais empregos, e com mais renda a população teria uma melhor qualidade de vida, proporcionando as condições de existência do município.

As empresas carboníferas cumprem um papel na manutenção da prefeitura municipal devido à arrecadação de tributos, bem como justifica a necessidade do poder executivo local em fomentar as medidas institucionais que possam facilitar a atividade das empresas. Para os quadros da prefeitura a justificativa para a continuação da exploração do carvão é a necessidade e viabilização do crescimento econômico por ela ocasionado. Para os entrevistados não ligados a prefeitura e as empresas, exploração do carvão “é o que se tem no momento”, mas entende-se que outras fontes de emprego e de tributos podem ser adotadas, bem como outras formas de geração de energia sustentáveis ambientalmente e economicamente.

A exploração do carvão como sinônimo de crescimento econômico também está muito atrelada às interpretações que os atores possuem do campo rural. Ao representarem o rural como sinônimo de atraso e o carvão como desenvolvimento econômico e fator de atração de investimentos, a produção agropecuária e a própria vida no campo tornam-se algo insustentável. As dificuldades de viver e de produzir no campo estão na zona de limite entre as facilidades de oportunidades de se manter na cidade. É como se os agricultores e pecuaristas vivessem no campo sendo “atormentados” pela dificuldade e pelo atrativo da vida na cidade, algo que será consequência de uma produção rural inviável e pouco ou nada lucrativa. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que viver no campo é sinônimo de qualidade de vida, viver nesse lugar com dificuldades e na miséria não é desejável. Sendo assim, é preferível que os filhos migrem para a cidade, que se tornem técnicos e trabalhem para as empresas carboníferas.

As representações sociais são formadas através da informação, do posicionamento e do campo representacional em que os atores se movimentam. As representações sociais do crescimento econômico sugerem a necessidade desse crescimento por intermédio do carvão. A economia do município é atrelada ao carvão, mas por outro lado, para alguns setores, essa condição não é aceita, e segundo os entrevistados, precisa ser mudada. A mídia, representada pelo jornal local, corrobora as representações favoráveis ao carvão. Esse meio de comunicação transmite informações do poder público e das empresas, sendo essa última ancorada nas informações técnico-científicas. Conclui-se que a comunicação midiática é a fonte de informação da população em geral, transmitindo um posicionamento favorável supostamente sustentado em argumentos técnico-científicos. As manifestações contrárias, de forma geral, ficam no plano da comunicação cotidiana: não há setores contrários organizados dentro do município, mas há a organização de grupos favoráveis. Os principais fatores que permeiam o imaginário dos atores que não se consideram favoráveis e nem contrários estão relacionados às dimensões simbólica cultural, afetiva e econômica. O caráter afetivo e cultural é proveniente da posição do ator como filho, neto e atualmente mineiro, também pelo fato de ter sido o primeiro e único emprego de muitos entrevistados, por exemplo. Este último exemplo confunde-se com a dimensão econômica, pela dependência em relação ao emprego, seja própria ou de familiares e amigos. A relação entre conhecer e não conhecer a atividade também é bastante presente, sendo a opinião favorável relacionada “a quem conhece” a atividade e a contrária inerente “a quem não conhece” e “a quem não vive” no município.

O trabalho na atividade carbonífera, para as pessoas ligadas ao meio rural, é visto como uma alternativa na impossibilidade de obtenção de renda a partir de outros meios e não como algo almejado pelos agricultores e pecuaristas mais antigos na região. O que é afirmado por parte das empresas e poder público é o potencial gerador de empregos da atividade, mas de acordo com os resultados da pesquisa, o público rural local acaba por ser empregado em empresas terceirizadas, como as de vigilância, segurança e serviços gerais, limpeza. Já os empregados concursados, que possuem salários melhores, residem no centro urbano de Candiota ou em cidades vizinhas, sendo muitos oriundos de outros locais do estado e do país. A justificativa dada é de que o concurso público seleciona pessoas com níveis mais altos de escolaridade e majoritariamente para funções técnicas e a região carece tanto de mão de obra especializada local, quanto de escolas técnicas. Com a ida de muito jovens rurais para a cidade algumas medidas quanto a isso estão sendo tomadas. Desta forma, o jovem rural que se

qualifica e que consegue emprego na atividade carbonífera, tende, na percepção dos entrevistados, a não voltar para o campo.

Nesta pesquisa, a noção de desenvolvimento rural por intermédio de seu cunho político-ideológico norteia a análise das falas dos atores. As opiniões e anseios sobre desenvolvimento que surgem tanto na diversidade de abordagens metodológicas como “nas entrelinhas”, representam um debate que está sendo potencializado pelo governo federal, ou seja, o desenvolvimento não é um assunto apenas inerente à Candiota. A visão de desenvolvimento que os atores possuem, de forma geral, permeia a noção de qualidade de vida. Essa qualidade de vida é alcançada pela população urbana, a partir da renda e do meio ambiente preservado, enquanto para os grupos mais ligados ao meio rural, a qualidade de vida é expressa pela integração com um meio ambiente saudável, já que o meio ambiente precisa ser saudável, sem poluição, sem degradação, sendo tratado pelos entrevistados como um ingrediente da agricultura. É como se os agricultores, principalmente os assentados, esperassem que o poder público levasse até o campo a estrada, as cooperativas, a educação, a saúde, o lazer, enquanto os pecuaristas, que possuem uma situação financeira mais estável, pudessem se deslocar e ter acesso, tanto pela mobilidade facilitada considerando as distâncias entre os centros urbanos de Candiota e de Bagé, por exemplo, como pelo poder aquisitivo de alguns.

Sobre o meio ambiente a ideia que predomina entre os entrevistados é de meio ambiente como algo a ser preservado e conservado, marcado pela paisagem do pampa, das coxilhas e da usina termelétrica. Os problemas ambientais ocasionados pelas atividades carboníferas legitimam as interpretações dos sujeitos tanto favoráveis quanto contrários. Os sujeitos contrários utilizam-se dos problemas ambientais para legitimar suas convicções, problemas estes visíveis a toda população local, o que não quer dizer que sejam compreendidos. O mesmo ocorre com os grupos favoráveis que se utilizam dos problemas ambientais de duas formas: para negá-los, confundindo a opinião pública, ou para afirmá-los como uma situação do passado, transformada positivamente a partir do empenho das empresas em adotar tecnologias que combatem o potencial poluidor do carvão mineral.

Destaca-se que os pecuaristas da região do Baú não identificaram e não percebem os danos ambientais ocasionados pela exploração do carvão. Já agricultores assentados, de forma geral, identificaram problemas como a queima das folhas de algumas hortaliças, as doenças nas cucurbitáceas<sup>29</sup> e a seca, que segundo eles, seria ocasionada pela fumaça da chaminé que

---

<sup>29</sup> Família botânica da melancia, abóbora, moranga, mogango dentre outras plantas.

estaria “levando” a chuva para longe. Comentou-se também o aumento da intensidade e dos períodos de seca que teriam relação desde a criação da Usina Presidente Médici nos anos de 1950.

A percepção do problema ambiental é complexa na região, pois ora os problemas ambientais são negados, ora afirmados. Ora a atividade carbonífera é prejudicial, ora não é tanto assim, devido as medidas compensatórias ambientais que começaram a ser praticadas no município.

A agropecuária, para os atores entrevistados, é marcada pelas palavras *produção, sobrevivência, sustentabilidade, desafio, subsistência, base de tudo, trabalho, alimento, dificuldade, geração de renda*. Dessa forma, se a agropecuária é sinônimo de produção e sobrevivência, e se a produção não está sendo suficiente para a sobrevivência dos agricultores e pecuaristas, ela é tida como um constante desafio, uma dificuldade para geração de renda. No entanto, para quem vive na terra e depende da atividade rural, ela é a base de tudo. A terra é o ingrediente da agricultura, ela produz o alimento e dá de comer aos animais. A agropecuária, em Candiota, não estaria sendo valorizada no sentido de que ainda falta muita infraestrutura de responsabilidade do município, diferentemente da atividade carbonífera, por exemplo, que tem apoios estadual, nacional e internacional.

As ideias de desenvolvimento, meio ambiente e agropecuária em Candiota são bastante diversas ao mesmo tempo em que possuem algumas similaridades entres os grupos convergindo para a existência de um universo consensual. Este universo tem a exploração do carvão como um item essencial ao crescimento econômico, o meio ambiente como uma natureza a ser preservada e que é tanto prejudicada pela atividade carbonífera como pelas práticas dos agricultores convencionais. A agropecuária seria um ambiente de atraso e estagnação econômica, precisando de investimentos e de políticas eficazes de desenvolvimento rural.

Entende-se a importância da representatividade rural do município em termos demográficos e percebe-se, no entanto, as dificuldades em termos de produção que se deve, principalmente a falta de infraestrutura, cooperativas e de soluções para a estiagem. As representações de atraso do campo e de crescimento em relação ao carvão refletem na atitude de migração do público rural para a cidade e no fortalecimento da mídia propagandista da opinião favorável ao carvão mineral.

As representações apreendidas e as atitudes e posicionamentos investigados, sugerem o consenso para a necessidade de maiores investimentos em políticas e ações para o

desenvolvimento rural, o que faria com que o município tivesse uma economia ainda mais fortalecida ancorada nas potencialidades locais, objetivando, assim, a qualidade de vida de sua população.

As hipóteses formuladas no projeto de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho eram de que: a) existiam relações evidentes entre o meio rural e a exploração do carvão; b) essas relações estavam condicionadas a fatores externos ao universo da atividade agropecuária, ou seja, as motivações que levam ao abandono do campo são fomentadas pelas melhores condições de vida e do desenvolvimento econômico que o carvão proporciona a cidade; c) os diferentes níveis de apropriação do debate sobre a exploração carbonífera em Candiota faz com que haja diferenças quanto ao entendimento das reais implicações ambientais, sendo o fator ambiental condicionante ao posicionamento e ao apoio por parte da população rural e determinante na formação das representações sociais. Ao concluir, pode-se afirmar que apenas a primeira assertiva foi confirmada: de que havia relações entre o meio rural e a exploração do carvão. Essas relações estão implícitas nas representações sociais dos atores, quando passam a comparar o rural em relação à cidade, sendo a atividade carbonífera a principal representação da cidade. Quanto à assertiva b, diferentemente do que foi pensado anteriormente, as relações não estão condicionadas a fatores externos, e sim, aos internos. Não é a atividade carbonífera que condiciona a migração para cidade, mas sim as dificuldades em se manter no campo em Candiota que fazem com que os agricultores assentados e não assentados, bem como os pecuaristas busquem trabalhos sazonais ou permanentes na cidade, independente da atividade, sendo a principal delas a exploração do carvão, devido à demanda de empregos que a atividade oferece. Sobre a assertiva c, o fator ambiental não é o que condiciona a formação das representações sociais, o principal fator que orienta as representações sociais dos grupos analisados é o fator econômico, sendo a principal motivação a renda oriunda dos empregos diretos e indiretos gerados na atividade carbonífera.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um tanto fica tudo! Todas as incertezas, dificuldades e aprendizados que me ajudaram a ter mais certeza deste estudo e do sentido de um curso de mestrado. Outros caminhos poderiam ter sido escolhidos, nunca tive certeza que as escolhas me levariam ao sucesso, mas a vontade de acertar e de contribuir sempre foram maiores. Este estudo é fruto de muito esforço, de muito cansaço, calor, sede, saudades, lágrimas, sorrisos e picadas de insetos. Também é fruto de muito estudo, companheirismo e solidariedade, sem isso sua finalização não seria possível.

Ao longo do trabalho de campo muitos sentimentos embalaram os dias e as noites desta pesquisadora. Como forma de se expressar, escolhi as canções da nossa gente que expressam o andarilho, a flora, a fauna, as nossas lutas, a América Latina e o Pampa. Penso que houve mais acertos do que erros, o primeiro acerto foi a escolha do Programa de Pós-Graduação e a orientação, depois a escolha do local de estudo, a problematização e o arcabouço teórico-metodológico das representações sociais.

Deixarei aqui as minhas percepções dos limites das representações sociais como teoria, pois como qualquer outro é passível de críticas e aperfeiçoamentos. Mas antes é importante ressaltar o quanto ela me ajudou a ver a vida diferente. Não me refiro apenas ao trabalho desenvolvido nesta pesquisa, mas a todas as relações que permeiam o meu cotidiano. A partir do estudo desta teoria passei a pensar o mundo de uma forma mais subjetiva e ainda mais complexa. É como se as percepções que tinha como bióloga fossem agora acrescidas de uma visão multidisciplinar e a partir dela olho pela janela e interpreto as “verdades” da humanidade a partir de suas incoerências e controvérsias. Todo pensamento é derivado de algo que um dia já foi pensado, por nós ou pelos outros. Em realidade, as opiniões e conclusões que temos sempre se transformam, se (re)apresentam. Concluo o quanto o ser humano é mutável tanto em palavras quanto em ações.

Acerca das representações sociais como método, como sugestão, cito a necessidade de que os próximos trabalhem que venham a ser desenvolvidos neste viés atentem para a importância do trabalho de campo, principalmente quando as representações a serem apreendidas sejam oriundas das experiências e do cotidiano dos atores em questão. A imersão a campo é fundamental (ao menos dois meses) caso contrário a apreensão e interpretação dos dados se tornam superficiais, com base apenas em palavras e números, carecendo de olhares, gestos e expressões. Segundo Spink (1993, p. 95), estudos como os que envolvem as representações sociais, “demandam tempo e uma forma específica de inserção na situação de

pesquisa”. Para ela, nem sempre os pesquisadores levam isso em consideração, seja devido as demandas de trabalho do pesquisador ou mesmo pela “ausência de vocação para esse tipo de envolvimento” (SPINK, 1993, p. 95).

A entrevista semi-estruturada ou aberta e a observação participante são complementares e importantes, mas também se pode utilizar os preenchimentos de diálogos de histórias e quadrinhos, desenhos e grupos focais. O método de livre expressão por desenhos foi utilizado com sucesso por Leal (2010) em sua tese que analisou as representações sociais sobre a violência contra a mulher. Defendo também a observação em que o pesquisador ou pesquisadora participe da vida em comunidade, junto ao seu empírico, só assim e por meio da criação de laços de confiança é que as representações realmente podem ser identificadas. Caso contrário o que se tem é a interpretação do ator sobre o que o pesquisador gostaria de ouvir. Sobre o trabalho em comunidades rurais, é necessário que o pesquisador tenha imparcialidade para não induzir aos interlocutores as suas próprias representações, e ao mesmo tempo sensibilidade para saber ouvir o outro, entender suas condições de existência e sua posição no mundo.

Sobre alguns limites da Teoria das Representações Sociais, Viana (2008) cita o caráter descritivo desta abordagem. Para ele a teoria se ocupa em mais descrever do que explicar os fenômenos sociais. O que esse autor cita, depende da forma como se entende a contribuição da teoria, que no meu entendimento é descrever e explicar, pois as representações sociais precisam ser identificadas e explicadas. Para tal, recomendo atenção às dimensões do universo representacional (atitude, informação e campo representacional) e a complementação por meio da abordagem de suas estruturas (núcleo central da representação e representações periféricas). As representações sociais também “careceriam de sistematicidade, não chegando a conclusões seguras” (SPINK, 1993, p. 78). Esta mesma autora, indica que as principais críticas a Teoria das Representações Sociais remetem a “precariedade da formulação conceitual e na falta de rigor das abordagens metodológicas adotadas pelos pesquisadores da área.” (SPINK, 1993, p. 87). Sobre isso, Moscovici (1988, apud SPINK, 1993, p. 88) responde que a Teoria das Representações Sociais está em construção, e que a preocupação principal é a de “enriquecer seus conteúdos e refinar o enquadre teórico”. Para ele, estamos no momento de “testar a criatividade dos pesquisadores” (MOSCOVICI, 1988 apud SPINK, 1993, p. 88).

Para Viana e Spink, a Teoria das Representações Sociais fica presa em sua própria abordagem sem perceber a totalidade, sem se relacionar com teorias mais amplas. A sugestão

destes autores é a relação com o conceito de ideologia, que poderia ser muito rica no sentido de que “as representações de um indivíduo não são independentes, relacionam-se a outros sistemas de representação e expressam um discurso sobre a sociedade inteira” (SAWAIA, 1993, p. 78). Sendo assim, o encontro dos conceitos de representação social e ideologia surgiria da necessidade de partir das relações sociais como forma de entender os mecanismos que fazem com que os seres humanos ajam e pensem de determinada forma, as suas relações sociais e a consciência. Sobre isso, penso que as representações são explicativas em si, pois elas derivam de um imaginário, constroem-se através de discursos que permeiam a sociedade, elas já são carregadas de ideologias, pois a sociedade e os indivíduos o são.

A Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) pecaria também ao considerar o universo consensual a partir da totalidade da sociedade. Para Viana (2008), isso seria um erro já que o saber cotidiano não pode ser considerado consensual, o universo dos grupos seria muito heterogêneo e complexo para ser considerado consensual. Porém, as representações sociais não são apenas “os saberes consensuais”, a riqueza da teoria não está em apenas identificar o que é consenso ou não. A maior contribuição desta teoria é o de entender como a sociedade, os grupos e os indivíduos se apropriam do objeto da representação social, como por exemplo, a atividade carbonífera. A teoria se ocupa em entender e desvendar o que “está por trás” das “teorias” do senso comum na sociedade atual. Todos nós temos uma “teoria” sobre algum fenômeno ou sobre alguém e nós a construímos não só pelas especificidades da nossa cognição, mas pelas relações sociais que estabelecemos cotidianamente com nossos pares, em nossos grupos, a partir dos vários espaços a que pertencemos. Classificar os atores em grupos pode ser uma forma superficial, já que isso é feito conforme o julgamento do autor da pesquisa, mas em estudos sobre as representações sociais, a divisão em grupos é seguida metodologicamente conforme orientação de Serge Moscovici (1978) em seu estudo sobre as representações sociais da psicanálise. Na nossa sociedade atual, brasileira, capitalista, globalizada e em crescimento econômico, dificilmente é possível estabelecer grupos “puros”, os sujeitos que os compõem pertencem também a outros, mas acredito que esses sujeitos pertencem de forma mais orgânica a um determinado grupo categorico. E é esta que compõe as dimensões dos laços de identidade do sujeito.

Na presente pesquisa, os grupos foram sendo nominados e os sujeitos classificados conforme a relação que possuíam com o objeto das representações sociais. Logo, o foco não foi dimensionar todas as relações sociais que se estabelecem em torno da temática do carvão

mineral, e sim identificar as relações sociais, os grupos que permeiam o tema: o rural e o carvão e as representações sociais da atividade carbonífera.

Outros recortes e interpretações poderiam ser feitas, outros olhares poderiam ter sido lançados. De acordo com Souza Filho (1993), em trabalhos extensos quando houver a possibilidade é recomendável que mais de um pesquisador analise as representações sociais, principalmente quanto a verificação do uso de recursos quantitativos. Neste caso, dentro do tempo proposto para um mestrado e levando-se em conta os limites da minha formação como bióloga, penso que os objetivos foram alcançados e que executei a pesquisa a que me propus.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios**: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, v.14, n.2, abr-jun 2000.

ABRIC, J. C. Représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, J. C. (org.). **Pratiques sociales et teprésentations**. Paris: PUF, 1994. p. 65.

AMIGOS DA TERRA Brasil. **Carvão**: combustível de ontem. Porto Alegre: Núcleo Amigos da Terra Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Carvão e mudanças climáticas**. Porto Alegre: Núcleo Amigos da Terra, 2008.

ANADON, M.; MACHADO, P. B. ; **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Senhor do Bonfim, BA : Eduneb, 2011.

ATLAS de energia elétrica do Brasil. **Agência Nacional de Energia Elétrica**. Brasília: ANEEL, 2002. Disponível em: <[www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/08-Carvao\(2\).pdf](http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/08-Carvao(2).pdf)>. Acesso em: 28 set. 2011.

ATLAS socioeconômico do Rio Grande do Sul. Economia- Agricultura-Assentamentos. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/exibeImg.asp?img=129>>. Acesso em dez. 2011.

ARRUDA, A. Dimensões do imaginário. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V. (org.). **Contribuições para a teoria e o método de estudos das representações sociais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

\_\_\_\_\_. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, M. A popularização da ciência como imunização cultural: A função das representações sociais. In: JOVTCHELOVITCH, S., GUARESCHI, P. Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 229-257.

BORBA, R. F. Carvão Mineral. **Balanco Mineral Brasileiro**, Porto Alegre, out, 2001. Disponível em: <http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriadocumento/balancomineral2001/carvao.pdf>. Acesso em: 28 set. 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Histórico da cidade de Candiota**. IBGE Cidades, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 5 out. 2011.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Balanco Energético Nacional**. Brasília: MME, 2003. Disponível em:<[http://www.agg.ufba.br/ben2003/BEN2003\\_port.pdf](http://www.agg.ufba.br/ben2003/BEN2003_port.pdf)>. Acesso em 5 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Energia 2030**: Estratégias para a expansão da oferta / Ministério de Minas e Energia; colaboração Empresa de Pesquisa Energética. Brasília: MME: EPE, 2007.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **PAC 2**: Medidas institucionais e econômicas. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac/medidas>>. Acesso em 29 jul. 2012.

CASTRO, N. J.; LEITE, A. L. S.; DANTAS, G. A. **Análise comparativa entre Belo Monte e empreendimentos alternativos**: impactos ambientais e competitividade econômica. Texto de Discussão do Setor Elétrico n.º 35. Grupo de estudos do setor elétrico. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Disponível em: <<http://www.nuca.ie.ufrj.br/gesel/TDSE35.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

COMCIÊNCIA. A confusa política nuclear brasileira. **Energia Nuclear**: custos de uma alternativa. 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/nuclear/nuclear09.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

COMPANHIA de Geração Térmica de Energia Elétrica- CGTEE/Eletrobrás. Site. Disponível em: <<http://www.cgtee.gov.br/sitenovo/index.php?secao=37>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

COMPANHIA de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). **Coluna White**. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/coluna/index.html>>. Acesso em 5 mai. 2012.

COSTA, S. Metais **pesados (Pb, Mn e Zn) em áreas de mineração de carvão a céu aberto reabilitadas**: concentração em plantas utilizadas como forrageiras pelo gado bovino. Relatório Final (Programa de Iniciação Científica), Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.

COSTABEBER, J. A. Transição agroecológica: do produtivismo à ecologização. In: BRACAGIOLI NETO, A. (Org.). **Sustentabilidade e cidadania**: O papel da extensão rural. Porto Alegre: Emater/RS, 1999. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/32.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2011.

DELFINO NETTO, A. **Desenvolvimento econômico brasileiro**: retrocessos e avanços. *Revista de Política Agrícola*, Brasília, Ano XVIII, n.º, pp. 5-20, 2009.

DENARDIM, V. F. **Comportamento da renda em comunidades pesqueiras na região carbonífera do rio grande do sul**. Trabalho apresentado no II Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica-Eco-Eco, São Paulo, 06-08 de novembro de 1999.

DIAS, J. L. de M.; QUAGLINO, M. A.; **A questão do petróleo no Brasil**: uma história da PETROBRAS. Rio de Janeiro: CPDOC: PETROBRAS, 1993.

Di GIACOMO, J. P. Teoría y método de análisis de las representaciones sociales. In: MORA, M. La teoría de las representaciones sociales de Serge Moscovici. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 2 outono, 2002. Disponível em: <[psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/.../55/55](http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/.../55/55)>. Acesso em 5 nov. 2011.

DUARTE, R. P. S.; PASQUAL, A. (2000). Avaliação do cádmio (cd), chumbo (pb), níquel (ni) e zinco (zn) em solos, plantas e cabelos humanos. **Revista Energia na Agricultura**, Botucatu, v.15, n.1, pp. 46-58, 2000.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1974.

DUVEEN, G. Introdução: O poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 7-28.

ESCOBAR, A. Imaginando un futuro: Pensamiento crítico, desarrollo y movimientos sociales. In: Margarita López Maya (ed.) **Desarrollo y democracia**. Caracas: Universidad Central de Venezuela y UNESCO, 1991. pp. 135-170.

\_\_\_\_\_. **La invención del desarrollo**. Bogotá: Editorial Norma. 1996.

\_\_\_\_\_. El “posdesarrollo” como concepto y practica social. In: Daniel Mato (coord.) **Políticas de economía, ambiente y sociedad en tiempos de globalización**. Caracas, Facultad de Ciencias Economicas y Sociales, Universidade Central de Venezuela, 2005 pp. 17-31.

FARES, S. T. O pragmatismo do petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, n. 50, v. 2, pp. 129-145, 2007.

FARR, R. M. Escuelas europeas de Psicología social: la investigación de representaciones sociales en Francia. In: MORA, M. La teoría de las representaciones sociales de Serge Moscovici. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 2 outoño, 2002. Disponível em: <<http://blues.uab.es/athenea/num2/Mora.pdf>>. Acesso em 5 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Theory and method in the study of social representations, 1993. In: SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FELLET, J. 'Por pouco', **Brasil passa Grã-Bretanha e se torna 6ª economia global**. BBC Brasil. 6 mar 2012. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120306\\_brasil\\_pib\\_jf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120306_brasil_pib_jf.shtml)>. Acesso em 28 jul 2012.

FLEURY, L. C. **Cerrado para ser o quê?** Representações sociais e conflitos ambientais em torno do Parque Nacional das Emas, Goiás. Porto Alegre, 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FUNDAÇÃO de Economia e Estatística (FEE). **Dados sobre COREDE Campanha 2011**. Disponível em:

<[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_coredes\\_detalhe.php?corede=Campanha](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalhe.php?corede=Campanha)>. Acesso em 29 out. 2011.

FRITZ, K. B. Estudo socioambiental. In: TEIXEIRA, E. C. *et al.* (Orgs.). **Estudos Ambientais em Candiota: carvão e seus impactos**. Porto Alegre: FINEP/ PDACT/CIAMB/ FAPERGS/ FEPAM, 2004.

FRITZ, K. B. B. Impactos sócio-econômicos do uso do carvão mineral na região de Candiota, RS. In: TEIXEIRA, E. C. *et al.* (Orgs.). **Estudos Ambientais em Candiota: carvão e seus impactos**. Porto Alegre: FINEP/PDACT/CIAMB/FAPERGS/ FEPAM, 2004.

FRITZ, K. B. B.; WAQUIL, P. D. **Carvão Mineral e impactos ambientais**. V Encontro Nacional da ECOECO - Caxias do Sul (RS) - 2003. Disponível em: <[www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/v\\_en/.../7.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/v_en/.../7.pdf)> Acesso em: 20 set. 2011.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. In: **ABRAMOVAY, R.** Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, n.2, pp. 73-78, 1997. Disponível em: <[http://www.abramovay.pro.br/artigos\\_cientificos/1997/Agricultura\\_familiar.pdf](http://www.abramovay.pro.br/artigos_cientificos/1997/Agricultura_familiar.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O Inquérito: teoria e prática**. Oeiras: Celta editora. 1997.

GOMES, A. J. P. **Carvão do Brasil Turfa Agrícola: Geologia, Meio Ambiente e Participação Estratégica na Produção de Eletricidade no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Est Edições, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. In: NEAD: José Graziano, Jean Marc e Bianchini debatem “O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento”. Brasília, MDA/CNDRS/NEAD, 2001.

GUARESCHI, P. A. Psicologia Social e Representações Sociais: avanços e novas articulações. In: VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. (orgs.). **Psicologia do Cotidiano: representações sociais em ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY (IEA) **Energy Technologies for the 21st Century**. 1997. Disponível em <<http://www.iea.org>>. Acesso em: 9 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **World Energy Outlook (WEO) 2008**. Disponível em:<<http://www.worldenergyoutlook.org/media/weowebiste/2008-1994/weo2008.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2013.

JODELET, D. Les représentations sociales: Phénomènes, concept et theorie, 1984. In : JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e a esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Madness and Social Representations*. London : Harvester/ Wheatsheaf, 1991.  
In : JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e a esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp. 17-44.

JONES, C. I. In: VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável**. O desafio do Século XXI São Paulo. Garamond, 2006. p. 20.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e a esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento Rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEAL, S. M. C. “Lugares de (não) ver?” **As representações sociais da violência contra mulher na atenção básica de saúde**. Porto Alegre, 2010. 310 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. pp. 39- 68.

FLEURY, L. C. **Cerrado para ser o quê?** Representações sociais e conflitos ambientais em torno do Parque Nacional das Emas, Goiás. Porto Alegre, 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LEFFA, D. D.; ANDRADE, V. M. Potencial Genotóxico de metais em áreas mineradas de carvão. **Revista de Pesquisa e Extensão em Saúde**, v. 4, n.1, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/index.php/saude/article/viewFile/141/146>>. Acesso em: 9 out. 2011.

LEITE, A. D. **A Energia do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

\_\_\_\_\_. **A energia do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

KOTLER, U. Paisagem - uma definição ambígua. 1976. In: MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA E GA: Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 8, pp. 83-91, 2004.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MIELITZ NETO, C. G. A.; MELO, L. M.; MAIA, C. M. **Políticas públicas e desenvolvimento rural no Brasil**. DERAD 12 do Curso de Graduação Tecnológica –

Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

MILIOLI, G; SANTOS, R.; CITADINI-ZANETTE, V.(Org.). **Mineração de carvão, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina**. Curitiba: Juruá, 2009.

MORA, M. La teoría de las representaciones sociales de Serge Moscovici. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 2 outono, 2002. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/.../55/55>>. Acesso em 5 nov. 2011.

MORAES, M. C.; OLTRAMARI, L. C. Loucura, hospital, comunidade: Um estudo sobre as representações sociais. **Revista Percursos**, v. 15, n.43, 2005.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **El psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Huemul, 1979. Disponível em: <<http://www.quedelibros.com/libro/78152/El-Psicoanalisis-su-Imagen-y-su-Publico-pdf.html>>. Acesso em: 5 nov 2011.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NAT. Núcleo Amigos da Terra Brasil. **Novos caminhos para o mesmo lugar: a falsa solução dos agrocombustíveis**. Lúcia Ortiz (org.). Porto Alegre: Núcleo Amigos da Terra Brasil, 2008.

NAVARRO, Z. *et al.* Pequena história dos assentamentos rurais no Rio Grande do Sul: formação e desenvolvimento. In: MEDEIROS, L. S.; LEITE, S. (Org.). **A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PEREIRA, G. Carvão e meio ambiente: uma possibilidade. Blog Teclando 7. Notícia publicada em 5 ago. 2011. Disponível em: <http://teclando7.blogspot.com/2011/08/carvao-e-meio-ambiente-uma-possibilidade>. Acesso em 12 set. 2011.

PINHEIRO, S. **Cartilha do eucalipto**. Fundação Juquira Candiru. Canoas: Salles Editora, 2006.

PIRES, A. Um sentido dentre outros possíveis: o rural como representação. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro- novas ruralidades e urbanização**. Brasília: Embrapa Informação tecnológica, 2004, pp. 149 -174.

PORTAL BRASIL. Candiota III, maior obra do PAC no Sul, será inaugurada por Dilma nesta sexta-feira. Notícia divulgada em 26 de jan 2011. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/01/26/candiota-iii-maior-obra-do-pac-no-sul-sera-inaugurada-por-dilma-nesta-sexta-feira>>. Acesso em 27 set. 2012.

RÜCKERT, A. A.; MUNGÓI, C. A.; RAMBO, A. G. ; Reforma do Estado e território: Perspectivas de pesquisa em espaços periféricos à globalização no Brasil e em Moçambique. In: **Políticas públicas e desenvolvimento rural**: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique. ALMEIDA, J. (org.). Porto Alegre: UFRGS/PGDR. 2009.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, N. B. dos. (Org.). **Brasil e Israel**: Diplomacia e Sociedades. Brasília: Ed.UnB, 2000. p. 56.

SAWAIA, B. B. 1993. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense.

SCHULTZE, J. P. S. **Mineração e a Questão Ambiental**: estudo do caso da mina de carvão de Candiota (RS). Dissertação de Mestrado. Escola de Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

SEN, A. The standard of living. **The Tanner Lectures on Human Values**, Clare Hall, Cambridge University, 11 e 12 de março de 1985. Disponível em: <[www.tannerlectures.utah.edu](http://www.tannerlectures.utah.edu)>. Acesso em: 20 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SITAGRO. Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul. Relatório de estabelecimentos rurais por município. Porto Alegre: PROCERGS, 2012.

APELO do carvão chega a Casa Civil em Brasília. **Tribuna do Pampa**. Candiota, ano 1, ed. 88, 21 out. 2011, p. 3.

SOARES, P. S. M. *et al.* **Carvão brasileiro**: tecnologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2008.

SOUZA FILHO, E. A. Análise de Representações Sociais. In: SPINK, M. J. P. (org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SPINK, M. J. P. O estudo empírico das Representações Sociais. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEIXEIRA, E. C. *et al.* **Estudos Ambientais em Candiota**: carvão e seus impactos. Porto Alegre: FINEP/ PDACT/CIAMB/ FAPERGS/ FEPAM, 2004.

VEIGA, J. E. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos avançados** [online], v.15, n.43, pp. 101-119, 2001.

VIANA, N. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru: São Paulo: Edusc, 2008.

XAVIER, R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? Revista Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 14, n. 2. Jul/Dez. 2002.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações sociais. *In*: GURARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

WORLD COAL INSTITUTE. Coal Facts, 2000. *In*: BORBA, R. F. **Carvão Mineral. Balanço Mineral Brasileiro**, Porto Alegre, out, 2001. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriadocumento/balancomineral2001/carvao.pdf>>. Acesso em 8 out. 2011.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ABRIC, J. C. **Las representaciones sociales**: aspectos teóricos. In: ABRIC, J. C. (org.). *Prácticas sociales y representaciones*. Colonia del Carmen (Mexico): Cultura Libre, 2001. Disponível em: <[http://www.4shared.com/get/I8SBjY5x/Abric\\_Jean-Claude\\_-\\_Praticas\\_.html](http://www.4shared.com/get/I8SBjY5x/Abric_Jean-Claude_-_Praticas_.html)>. Acesso em 6 nov. 2011.

ACSELRAD, H. As práticas sociais e o campo dos conflitos ambientais. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume- Dimará, 2005. pp. 13- 35.

COMPANHIA DE PESQUISA EM RECURSOS MINERAIS (CPRM). 1999. Disponível em <<http://www.cprm.gov.br/coluna/carvaomineral0.html>>. Acesso em 5 out. 2011.

Coletânea de textos: Histórico do carvão no Brasil, História do Carvão no Rio Grande do Sul, Reservas, Os ciclos do carvão na região carbonífera de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.carvaomineral.com.br/abcm/conteudo.asp?d1=38&d2=&d3=7>>. Acesso em: 5 out. 2011.

FARR, R. **The theory of social representations**: whence and whither? *Papers on social representations*, Austria, v. 2, n. 3, 1993. pp. 130-138. Disponível em: <[http://www.psr.jku.at/PSR1993/2\\_1993Farr.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR1993/2_1993Farr.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Attitudes, social representations and social attitudes**. *Papers on social representations*, 3 (1). 1994. pp. 30-33. Disponível em:<[http://www.psr.jku.at/PSR1994/3\\_1994Farr.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR1994/3_1994Farr.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2011.

GUTIÉRREZ ALBERONI, J. D. La teoría de las representaciones sociales y sus implicaciones metodológicas en el ámbito psicosocial. **Psiquiatría Pública**, Madrid, v. 10, n. 4, Jul/Ago. 1998. Disponível em:<<http://www.dinarte.es/salud-mental/pdfs/art-esp.pdf>> Acesso em: 7 nov. 2011.

JODELET, D. **Folies et representations sociales**. Paris: PUF, 1989.

KOPEZINSKI, I. **Mineração x meio ambiente**: considerações legais, principais impactos ambientais e seus processos modificadores. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa O RURAL E O CARVÃO: REPRESENTAÇÕES E DINÂMICAS SOCIAIS EM TORNO DA IDÉIA DE DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DE CANDIOTA, RS. Esta pesquisa faz parte do desenvolvimento da minha dissertação e suas respostas serão gravadas para posterior transcrição. Seu nome não será usado no trabalho.

Você concorda em participar? Sendo sua resposta afirmativa estarei lhe disponibilizando este consentimento com meus dados pessoais para que possa entrar em contato para esclarecer quaisquer dúvidas do projeto e de sua participação. A sua participação deve ser livre e espontânea, sendo assim a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Viviane Camejo

**ENDEREÇO:** Av. João Pessoa, 31. CEP 90040-000 Centro. Porto Alegre, RS.

**ENDEREÇO ELETRÔNICO:** vivianecamejo@yahoo.com.br

**TELEFONE:** (51) 98671855 vivo (51) 81527596 tim

**INSTITUIÇÃO DE PESQUISA:** Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS **TELEFONE/FAX:** (51) 3308  
3281

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Faculdade de Ciências Econômicas Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural

Entrevista referente à pesquisa intitulada: **O RURAL E O CARVÃO: PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO EM CANDIOTA, RS.**

#### **Dados sociodemográficos e caracterização da pessoa entrevistada**

---

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

Escolaridade:

Cidade de origem:

Cidade atual:

Há quanto tempo mora na atual?

Qual foi a sua trajetória de vida até chegar aqui?

Onde você trabalha? Qual sua atividade na empresa?

Pertencente a alguma entidade/ mov. social? Se sim, qual?

Assume nesta entidade algum cargo ou tarefa específica?

#### **Questões para entrevista**

---

**Associação livre de palavras (EXPLICAR BEM, AS PRIMEIRAS PALAVRAS QUE VEM A MENTE, 3 OU 4)**

1. Quando eu falo a palavra AGRICULTURA o que vêm à sua cabeça?
2. E quando eu falo a palavra DESENVOLVIMENTO?
3. E quando eu falo a palavra MEIO AMBIENTE?

**Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral**

4. Quais os comentários que você tem ouvido a respeito da exploração do carvão mineral em Candiota, RS?
5. Essas informações você obteve de que forma (com quem)?
6. Você já participou de reuniões cuja pauta era relacionada ao carvão mineral/Usina termelétrica?
7. O que, para você, a exploração do carvão mineral significava há muitos anos atrás? E o que ela representa hoje?
8. Você acha que o carvão interfere na sua vida de alguma forma? Se sim, como?
9. E na vida dos agricultores de forma geral?
10. Para você o que é desenvolvimento?
11. Você acha que a exploração do carvão traz desenvolvimento para região? De que forma?
12. Você pode me dar um exemplo de um lugar que você considera desenvolvido? Explique por quê.
13. Como você espera que o seu município se desenvolva? O que você acha que teria que ter no seu município pra você considerá-lo também desenvolvido?
14. Você apóia a exploração do carvão mineral? Por quê?
15. Como é a relação da empresa CGTEE/CRM com os moradores do meio rural e urbano de Candiota?
16. Como você vê o papel da prefeitura municipal em relação à exploração do carvão?

#### **Agricultura e a exploração do carvão mineral/Usina Termelétrica**

17. Pra você o que é agricultura? Qual a importância (vamos englobar agricultura e pecuária)
18. Você tem alguma atividade ligada à agricultura? Se sim, qual a sua produção?
19. Você conhece algum agricultor (a) que foi trabalhar na usina ou na mineração?
20. Você sabe por que ela foi trabalhar lá?
21. Você sabe qual é ou era a atividade que essa pessoa exercia? Você sabe quais as atividades que as pessoas oriundas do meio rural mais ocupam na exploração do carvão na Usina e na Mina?
22. Como você vê esta questão da transição das pessoas do meio rural para o urbano?
23. Você vê alguma tendência futura em relação a essa transição?
24. Quais as dificuldades que você acha que os agricultores encontram em Candiota. RS?
25. Você conhece alguém que deixou de ser agricultor (a)? Se sim, Sabe o porquê?

**Meio ambiente e a exploração do carvão mineral/Usina Termelétrica**

26. Para você o que é meio ambiente? Qual a importância?

27. Você acha que a atividade carbonífera na região traz alguma consequência ao meio ambiente? Quais?

28. Para você quais os elementos mais marcantes da região de Candiota, o que caracteriza sua paisagem?

## APÊNDICE C – ROTEIRO ORGANIZADO PARA O PROGRAMA NVIVO7

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Faculdade de Ciências Econômicas Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural

Entrevista referente à pesquisa intitulada: **O RURAL E O CARVÃO: IDÉIAS DE DESENVOLVIMENTO EM CANDIOTA, RS.**

Organização das perguntas quanto ao nível de análise abordado

#### **Identificação e caracterização dos atores**

---

Nome:

Idade:    Sexo:

Profissão:

Escolaridade:

Cidade de origem:                          Cidade atual:

Há quanto tempo mora na atual?

Qual foi a sua trajetória até chegar aqui?

Onde você trabalha? Qual sua atividade na empresa?

Pertencente a alguma entidade/ mov. social? Se sim, qual?

Assume nesta entidade algum cargo ou tarefa específica?

Você é agricultor? Se sim, qual a sua produção?

#### **Informação**

---

1. Quais os comentários que você tem ouvido a respeito da exploração do carvão mineral em Candiota, RS?
2. Essas informações você obteve de que forma (com quem)
3. Você já participou de reuniões cuja pauta era relacionada ao carvão mineral/Usina termelétrica?

#### **Campo representacional**

---

1. Quando eu falo a palavra agricultura o que vêm à sua cabeça?

2. E quando eu falo a palavra desenvolvimento?
3. E quando eu falo a palavra meio ambiente?
4. Você acha que a atividade carbonífera na região traz alguma consequência ao meio ambiente? Quais?
5. O que, para você, a exploração do carvão mineral significava há muitos anos atrás? E o que ela representa hoje?
6. Você acha que o carvão interfere na sua vida de alguma forma? Se sim, como?
7. E na vida dos agricultores de forma geral?
8. Para você o que é desenvolvimento?
9. Você acha que a exploração do carvão traz desenvolvimento para região? De que forma?
10. Você pode me dar um exemplo de um lugar que você considera desenvolvido? Explique por quê.
11. Como você espera que o seu município de desenvolva? O que você acha que teria que ter no seu município pra você considerá-lo também desenvolvido?
12. Para você quais os elementos mais marcantes do município de Candiota, o que caracteriza sua paisagem?
13. Pra você o que é agricultura? Qual a importância (vamos englobar agricultura e pecuária)
14. Para você o que é meio ambiente? Qual a importância?

## **Atitude**

---

1. Você conhece algum agricultor (a) que foi trabalhar na usina ou na mineração?
2. Você sabe por que ela foi trabalhar lá?
3. Você sabe qual é ou era a atividade dela na Usina? Você sabe quais as atividades que as pessoas oriundas do meio rural mais ocupam na exploração do carvão na Usina e na Mina?
4. Como você vê esta questão da transição das pessoas do meio rural para o urbano?
5. Você vê alguma tendência futura em relação a essa transição?
6. Quais as dificuldades que você acha que os agricultores encontram em Candiota?
7. Você apóia a exploração do carvão mineral? Por quê?
8. Você conhece alguém que deixou de ser agricultor (a)? Se sim, Sabe o porquê?
9. Como é a relação da empresa CGTEE/CRM com os moradores do meio rural e urbano de Candiota?
10. Como você o papel da prefeitura municipal em relação à exploração do carvão?

## APÊNDICE D – IMAGENS DO TRABALHO DE CAMPO

Imagens de Candiota- RS. Todas as imagens foram fotografadas pela autora.



Área de recuperação ambiental da CRM em Candiota. Data: 17-22/10/2012



Mananciais aquáticos indicados pelos moradores como poluídos, impróprios para uso.  
Data: 17-22/10/2011



Região do Baú, Candiota, RS. Data: 5-9/03/2012.



Contrastes em Candiota: Resquícios de mata atlântica e seca. Data: 29/01-17/02/2012.



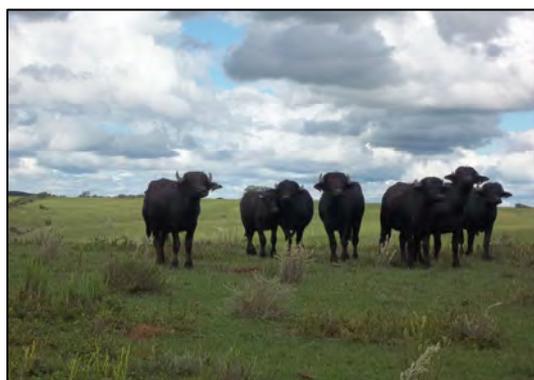
Extração de carvão a céu aberto em Candiota. Data: 29/01-17/02/2012.



Usina termelétrica Presidente Médici em Candiota. Data: 29/01-17/02/2012



Região dos assentamentos da reforma agrária, Candiota. Data: 29/01-17/02/2012.



Região do Baú, Candiota. Data: 05-09/03/2012.



Região dos assentamentos da reforma agrária, Candiota. Data: 05-09/03/2012.

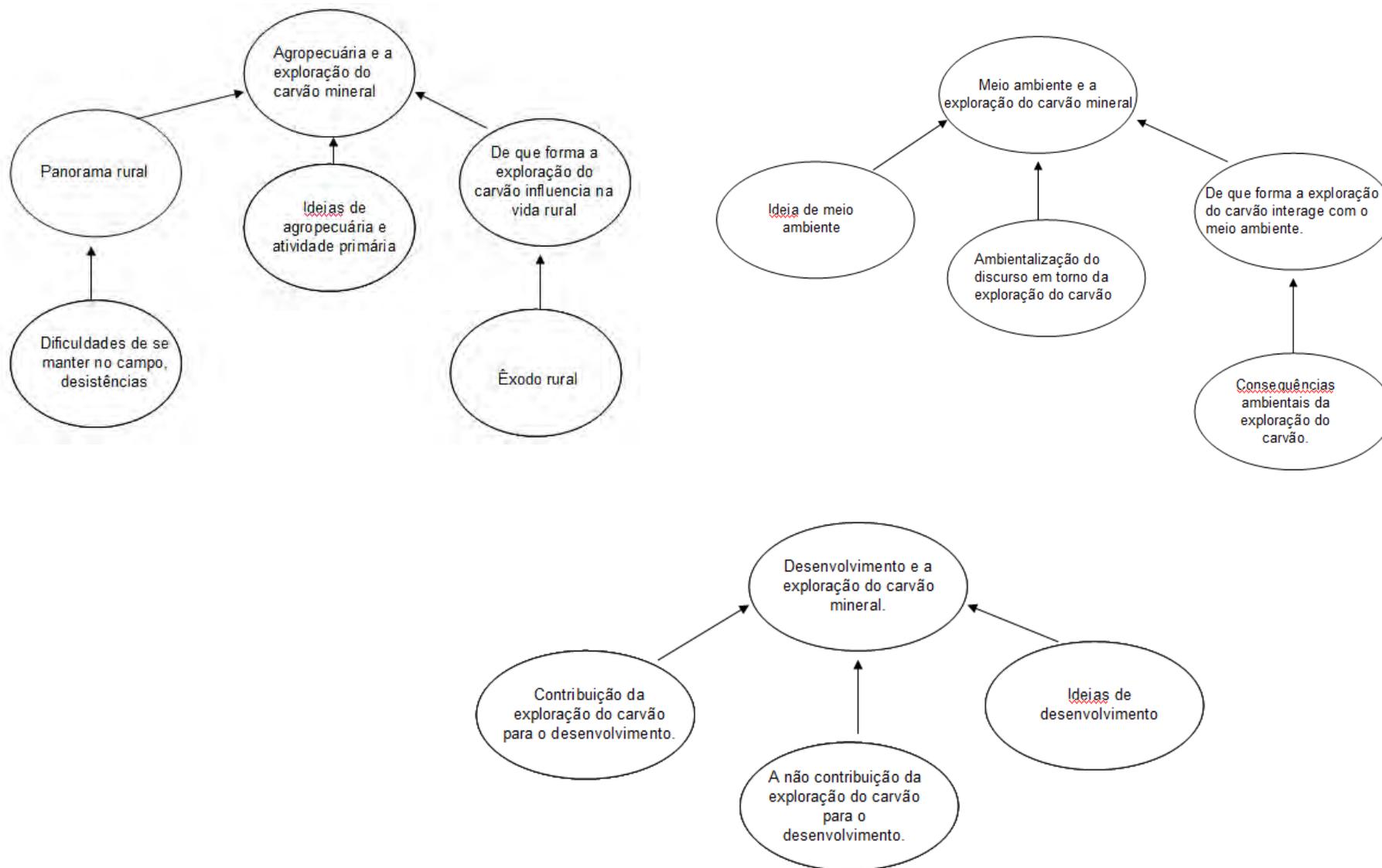


Trabalhadores em luta por melhores condições de trabalho no campo e por soluções quanto à seca.

**APÊNDICE E – MODELO ESQUEMÁTICO DA CODIFICAÇÃO REALIZADA NO NVIVO7: PAINEL GERAL**



## APÊNDICE F – AGROPECUÁRIA/MEIO AMBIENTE/DESENVOLVIMENTO A EXPLORAÇÃO DO CARVÃO E SUAS RELAÇÕES



## Node Summary Report

Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral- Título do nó principal			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:08	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:08	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0
Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral\Idéias de desenvolvimento			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	8.162
<b>Created</b>	05/05/2012 21:45	<b>Paragraphs Coded</b>	189
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:24	<b>Coding References</b>	177
		<b>Sources Coded</b>	45
		<b>Cases Coded</b>	45
Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral\Contribuição da exploração do carvão para o desenvolvimento			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.917
<b>Created</b>	05/05/2012 21:45	<b>Paragraphs Coded</b>	47
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:21	<b>Coding References</b>	45
		<b>Sources Coded</b>	44
		<b>Cases Coded</b>	44
Desenvolvimento e a exploração do carvão mineral\A NÃO contribuição da exploração do carvão para o desenvolvimento- Título do nó principal			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:47	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:47	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0
Agropecuária e a exploração do carvão mineral- Título do nó principal			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:16	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:16	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0

Agropecuária e a exploração do carvão mineral\idéias de agropecuária, atividade primária		Tree Node
Nickname		Words Coded 2.443
Created	05/05/2012 21:49	Paragraphs Coded 89
Modified	16/07/2012 14:29	Coding References 77
		Sources Coded 38
		Cases Coded 38
Agropecuária e a exploração do carvão mineral\de que forma a exploração do carvão influencia na vida rural		Tree Node
Nickname		Words Coded 5.309
Created	05/05/2012 21:49	Paragraphs Coded 141
Modified	02/07/2012 17:30	Coding References 133
		Sources Coded 43
		Cases Coded 43
Agropecuária e a exploração do carvão mineral\de que forma a exploração do carvão influencia na vida rural\exodo rural		Tree Node
Nickname		Words Coded 5.543
Created	11/05/2012 21:56	Paragraphs Coded 95
Modified	16/07/2012 17:32	Coding References 88
		Sources Coded 43
		Cases Coded 43
Agropecuária e a exploração do carvão mineral\Panorama rural		Tree Node
Nickname		Words Coded 1.521
Created	08/05/2012 22:54	Paragraphs Coded 51
Modified	09/05/2012 21:11	Coding References 49
		Sources Coded 43
		Cases Coded 43
Agropecuária e a exploração do carvão mineral\Panorama rural\dificuldades de se manter no campo,desistencias		Tree Node
Nickname		Words Coded 2.436
Created	09/05/2012 21:18	Paragraphs Coded 54
Modified	16/07/2012 17:44	Coding References 51
		Sources Coded 45
		Cases Coded 45
Meio ambiente e exploração do carvão mineral- Titulo do nó principal		Tree Node
Nickname		Words Coded 0
Created	05/05/2012 21:17	Paragraphs Coded 0
Modified	05/05/2012 21:17	Coding References 0
		Sources Coded 0
		Cases Coded 0

Meio ambiente e exploração do carvão mineral\ideia de meio ambiente			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	2.609
<b>Created</b>	05/05/2012 21:51	<b>Paragraphs Coded</b>	98
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:32	<b>Coding References</b>	84
		<b>Sources Coded</b>	45
		<b>Cases Coded</b>	45
Meio ambiente e exploração do carvão mineral\de que forma a exploração do carvão interage com o meio ambiente			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	129
<b>Created</b>	05/05/2012 21:51	<b>Paragraphs Coded</b>	2
<b>Modified</b>	09/05/2012 11:02	<b>Coding References</b>	2
		<b>Sources Coded</b>	2
		<b>Cases Coded</b>	2
Meio ambiente e exploração do carvão mineral\de que forma a exploração do carvão interage com o meio ambiente\consequencias ambientais da exploração do carvão			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	2.272
<b>Created</b>	09/05/2012 21:15	<b>Paragraphs Coded</b>	47
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:32	<b>Coding References</b>	44
		<b>Sources Coded</b>	44
		<b>Cases Coded</b>	44
Meio ambiente e exploração do carvão mineral\ambientalização do discurso em torno da exploração do carvão			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.126
<b>Created</b>	07/05/2012 17:47	<b>Paragraphs Coded</b>	16
<b>Modified</b>	09/05/2012 11:22	<b>Coding References</b>	15
		<b>Sources Coded</b>	11
		<b>Cases Coded</b>	11
A representação social da exploração do carvão - Título do nó principal			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:19	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:19	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0
A representação social da exploração do carvão\Campo da representação			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:21	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:21	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0

A representação social da exploração do carvão\Campo da representação\Discurso oficial da exploração do carvão			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	2.193
<b>Created</b>	05/05/2012 21:32	<b>Paragraphs Coded</b>	21
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:22	<b>Coding References</b>	20
		<b>Sources Coded</b>	14
		<b>Cases Coded</b>	14
A representação social da exploração do carvão\Campo da representação\Discurso orientado pela prática			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	932
<b>Created</b>	05/05/2012 21:32	<b>Paragraphs Coded</b>	13
<b>Modified</b>	09/05/2012 16:28	<b>Coding References</b>	13
		<b>Sources Coded</b>	10
		<b>Cases Coded</b>	10
A representação social da exploração do carvão\Campo da representação\O que representava no passado			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.598
<b>Created</b>	07/05/2012 17:40	<b>Paragraphs Coded</b>	41
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:15	<b>Coding References</b>	39
		<b>Sources Coded</b>	39
		<b>Cases Coded</b>	39
A representação social da exploração do carvão\Campo da representação\O que representa hoje			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.892
<b>Created</b>	07/05/2012 17:40	<b>Paragraphs Coded</b>	39
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:15	<b>Coding References</b>	39
		<b>Sources Coded</b>	39
		<b>Cases Coded</b>	39
A representação social da exploração do carvão\Atitude- Titulo do nó principal			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:34	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:34	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0
A representação social da exploração do carvão\Atitude\Atitude favorável à exploração do carvão			Tree Node
<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.092
<b>Created</b>	05/05/2012 21:35	<b>Paragraphs Coded</b>	29
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:27	<b>Coding References</b>	27
		<b>Sources Coded</b>	25
		<b>Cases Coded</b>	25

**A representação social da exploração do carvão\Atitude\Atitude contrária à exploração do carvão** Tree Node <sup>166</sup>

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	538
<b>Created</b>	05/05/2012 21:36	<b>Paragraphs Coded</b>	14
<b>Modified</b>	09/05/2012 10:56	<b>Coding References</b>	13
		<b>Sources Coded</b>	13
		<b>Cases Coded</b>	13

**A representação social da exploração do carvão\Atitude\Atitude de não ter um posicionamento exato, dependente de fatores** Tree Node

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	342
<b>Created</b>	05/05/2012 21:36	<b>Paragraphs Coded</b>	9
<b>Modified</b>	07/05/2012 16:34	<b>Coding References</b>	7
		<b>Sources Coded</b>	7
		<b>Cases Coded</b>	7

**A representação social da exploração do carvão\Atitude\Influencia do assunto exploração do carvão na vida dos entrevistados** Tree Node

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	1.938
<b>Created</b>	05/05/2012 21:48	<b>Paragraphs Coded</b>	53
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:17	<b>Coding References</b>	50
		<b>Sources Coded</b>	45
		<b>Cases Coded</b>	45

**A representação social da exploração do carvão\Atitude\pressão de inferencia** Tree Node

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	194
<b>Created</b>	08/05/2012 21:42	<b>Paragraphs Coded</b>	1
<b>Modified</b>	08/05/2012 21:43	<b>Coding References</b>	1
		<b>Sources Coded</b>	1
		<b>Cases Coded</b>	1

**A representação social da exploração do carvão\Informação- Titulo do nó principal** Tree Node

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	0
<b>Created</b>	05/05/2012 21:39	<b>Paragraphs Coded</b>	0
<b>Modified</b>	05/05/2012 21:39	<b>Coding References</b>	0
		<b>Sources Coded</b>	0
		<b>Cases Coded</b>	0

**A representação social da exploração do carvão\Informação\Comentários a respeito da exploração do carvão** Tree Node

<b>Nickname</b>		<b>Words Coded</b>	2.489
<b>Created</b>	05/05/2012 21:43	<b>Paragraphs Coded</b>	46
<b>Modified</b>	02/07/2012 17:13	<b>Coding References</b>	43
		<b>Sources Coded</b>	42
		<b>Cases Coded</b>	42